

ALEXANDER DUGIN

CONTRA O OCIDENTE

ISBN 978-85-65820-04-2



9 788565 820042



CONTRA O OCIDENTE

RÚSSIA CONTRA-ATACA



ALEXANDER DUGIN





CONTRA O OCIDENTE

RÚSSIA CONTRA-ATACA

ALEXANDER DUGIN



ALEXANDER DUGIN

CONTRA O OCIDENTE

RÚSSIA CONTRA-ATACA

1ª EDIÇÃO

PORTO ALEGRE – RS
EDITORIA AUSTRAL
2013

Dados Catalográficos

Todos os direitos da obra reservados à Editora Austral.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dugin, Alexander

Contra o Ocidente : Rússia contra-ataca /
Alexander Dugin ; [tradutor Álvaro Haushild]. --
1. ed. - Porto Alegre : Editora Austral, 2013.

Título original: Against the West : Russia
strikes back.

ISBN 978-85-65820-04-2

1. Civilização Ocidental 2. Eurasianismo
3. Geopolítica 4. Geopolítica - Rússia I. Título.

13-05418

CDD-321.0947

Índices para catálogo sistemático:

1. Geopolítica russa : Ciência política
321.0947

Tradutor: Álvaro Haushild.

Revisão: Valdemar Abrantes e Sergio Gouveia.

Capa: Alessandra Oltramari.

1ª Edição – Porto Alegre – RS.

SUMÁRIO

PREFÁCIO _____ 7

CAPÍTULO 1. O OCIDENTE E SEU DESAFIO _____ 12

CAPÍTULO 2. O PRINCÍPIO DE “IMPÉRIO” DE CARL SCHMITT E A
QUARTA TEORIA POLÍTICA _____ 60

CAPÍTULO 3. DEMOCRACIA: SAGRADA OU SECULAR? _____ 74

CAPÍTULO 4. O CONSERVADORISMO COMO UM PROJETO E
EPISTEME _____ 80

CAPÍTULO 5. O PROJETO “IMPÉRIO” _____ 92

CAPÍTULO 6. EURASIANISMO(UM POEMA POLÍTICO) _____ 116

CAPÍTULO 7. A ESTRUTURA DA SOCIOGÊNESE RUSSA _____ 148

CAPÍTULO 8. O LEVIATÃ RUSSO(TERROR DE ESTADO) _____ 165

CAPÍTULO 9. MODERNIZAÇÃO SOB A QUESTÃO MARK _____ 182

CAPÍTULO 10. INTERESSES E VALORES PÓS-TSKHINVALI _____ 190

DUGIN O PROFETA DA EURÁSIA

Alexander Dugin (Moscou, 1962) transformou-se hoje no mais significativo geopolitólogo russo. Inscrito na ideologia nacional-bolchevique, ao estilo de Ernst Nietkisch, sustenta um socialismo dos *narodi*. Isto é, um socialismo dos povos, despojado de todas as taras modernas, como seu materialismo, seu ateísmo e sua ilustração.

Sua teoria geopolítica é a construção de um grande espaço euroasiático com centralidade na Rússia.

Neste livro que comentamos, tradução ao português de *Against the West* (2012), o autor ocupar-se-á, em primeiro lugar, do que se entende por Ocidente, que, a partir do nascimento da modernidade, passando por suas distintas etapas – Renascimento, Novo Mundo, Reforma, Revolução Francesa, Revolução Bolchevique, Transformação Tecnológica, Globalização – *foi se transformando no critério normativo do mundo*.

O processo de modernização tem duas faces, uma exógena, que não emerge das necessidades dos povos, e outra endógena, que é um princípio interno o qual não pode ser negado.

Enquanto a globalização: *representa o último ponto de realização prática das pretensões fundamentais do Ocidente à universalidade de sua experiência histórica e de seus valores*.

A tese da “Rússia, país europeu” vai se opor à tese “Rússia-Eurásia como uma civilização oposta tanto ao Ocidente quanto ao Oriente”.

Apoiando-se na ideia de “grande espaço”(1939) de Carl Schmitt e tendo como antecedente a Doutrina Monroe (1823), propõe recuperar a ideia de império. Sustenta que a Doutrina Monroe nasceu como uma ideia anticolonialista e foi-se transformando numa proposta colonialista. Para nós, americanos do sul, tal doutrina foi sempre colonialista, cujo enunciado real foi desde o começo: *América para os*

norte-americanos¹.

O conceito de império que se propõe vai mais além dos contextos históricos ou políticos em que se tem dado e não se limita somente a uma dimensão física nem à presença de um imperador. Mas o império exige um estrito centralismo administrativo e uma ampla autonomia regional: *o Império é a maior forma de humanidade e sua maior manifestação*.

Quando, entre os impérios, nomeia o império comunista da URSS e o império liberal dos EUA, e os põe na mesma altura que o império romano ou austro-húngaro, Dugin não realiza a distinção entre império e imperialismo. Assim, o império impõe mas deixa valores que lhes são próprios (língua, instituições), enquanto que o imperialismo é a imposição de um Estado sobre os outros para exploração clara e simples. O imperialismo deixa somente desolação, enquanto o império abre um mundo desconhecido a seus dominados.

Um comentário especial merece sua caracterização de conservadorismo, onde se vê a influência de Alain de Benoist, seguramente o mais original pensador francês vivo. O conservador não quer conservar o passado por ser passado, segundo sua definição habitual, senão que pretende conservar do passado o constante, o perene. E isso porque não tem uma visão diacrônica da história, mas sim sincrônica. O sentido do ser, do que é e existe, não se apoia, para ele, nas ideias de movimento (passado, presente e futuro), onde as coisas nos fazem um chamado desde o futuro sob a ideia de progresso, como sucede com o iluminismo, o modernismo e, hoje, o progressismo, mas sim que o sentido das coisas busca-se no constante, no que permanece. O ser tem uma primazia sobre o tempo, comanda-o e predetermina sua estrutura: o tempo se dá no seio do ser, como acontecimento apropriador do ser².

A conclusão política do conservadorismo deu lugar à “quarta teoria política”, pois assim como no século XX se deram a primeira teoria política, com o liberalismo, a segunda com o marxismo, e a terceira com o nazismo, hoje, a começos do século XXI, faz sua

aparição a quarta teoria política, que funde suas raízes na revolução conservadora alemã do período entreguerras e que teve como expoentes, entre outros, Moeller Von der Bruck, Carl Schmitt, os irmãos Jünger, Martin Heidegger, von Solomon, von Papen, Werner Sombart, Stefan George; e que não se pôde plasmar em uma prática política concreta.

O Império Eurasiano proposto por Dugin com a Rússia como centro e cabeça que “*deve pensar e agir imperialmente, como um poder mundial que tem opinião, sobretudo até os lugares mais distantes do planeta*”, tem “*caráter civilizatório*” e nos parece ambicioso, mas não inverossímil.

Nós acreditamos e temos intentado demonstrar através de múltiplos trabalhos, que as ideias de grande espaço e de império, neste caso, unificam-se na ideia de “ecúmeno”, que, como a Hélade para os gregos, a *romanitas* para os romanos, ou a hispanidade para os espanhóis, designam os grandes espaços de terras habitados por homens que compartilham entre si, língua, usos, costumes, crenças e inimigos comuns. E neste sentido sustentamos que o mundo é um pluriverso composto por vários ecúmenos, entre os quais se destaca, para nós, o ibero-americano.

Finalmente, toda a última parte do livro ocupar-se-á em assuntos internos e temas russos, dos quais não nos encontramos capacitados para julgar: a relação da Rússia com a Ucrânia, a filosofia do *narod* e seu patriotismo erótico, o arcanjo púrpura da Rússia, a estrutura sócio-genética da Rússia e os interesses e valores pós Tskhinvali.

Queremos felicitar os tradutores brasileiros por este trabalho, que aproxima o mundo luso-hispânico de um geopolítico de valor, praticamente desconhecido em nosso comum ecúmeno cultural.

Sua última tese

O último trabalho do qual temos notícias é a *Quarta Teoria Política*, livro já traduzido ao inglês, farsi, sérvio, português, francês e espanhol. Nesse trabalho Dugin vai expor de forma detida aquilo que anunciou em um breve capítulo neste presente livro que estamos a comentar.

¹ Cfr. O excelente trabalho do mexicano Carlos Funes, *La Doctrina Monroe*.

² Cfr. M. Heidegger: *Tempo e Ser* (1962), não confundir com *Ser e Tempo* (1927).

A quarta teoria política surge logo do fracasso das três teorias políticas que primaram durante os séculos XIX e XX: a primeira, o liberalismo; a segunda, o marxismo-comunismo, e a terceira, o nacionalismo, o nacional-socialismo e o fascismo.

Estas três teorias políticas apoiaram-se em uma concepção errada do homem, da sociedade e da história, pois privilegiaram, respectivamente, o indivíduo, a classe, o Estado ou a raça. Os nacionalismos do Terceiro Mundo ficam englobados dentro da terceira teoria política. Qualquer um que tenha vivido na Argentina sabe que o Peronismo é considerado como um fascismo por quase todo o mundo acadêmico, mesmo quando sabemos que essencialmente não o é. Neste sentido Dugin se soma a este reducionismo intelectual do pensamento único.

No que acerta é quando afirma que as três primeiras teorias políticas são um produto da modernidade e que insistir nelas é não assumir a crise da razão nem a crise da representação política que padecemos hoje, nesta época pós-moderna.

Propõe com sua Quarta Teoria Política fundá-la em um novo paradigma que não é dirigido nem ao indivíduo, nem à classe, nem à raça ou ao Estado, senão que se dirige ao ser-aí, ao Dasein.

Esta instrumentação geopolítica do Dasein é uma grande originalidade de Dugin, pois mostra que o pensador russo busca fundar as raízes do seu pensamento no conceito fundamental do filósofo mais significativo do século XX, o alemão Martín Heidegger.

Neste sentido, Dugin rompe os moldes interpretativos aos quais se acostumaram acadêmicos e professores universitários, que em geral se copiam uns aos outros, e que a única coisa que fazem é “*escurecer as águas para que pareçam mais profundas*”. Dugin supera a armadilha da “erudição” e intenta uma interpretação arriscada mas própria.

E assim sustenta que a Revolução Conservadora alemã que apareceu depois da primeira guerra mundial realizou aportes em todos os campos do saber, mas que não se pôde plasmar politicamente, é o antecedente remoto do que ele denomina a Quarta Teoria Política. E que há dois autores que se destacam por suas propostas, que Dugin reúne de forma própria: Carl Schmitt e sua teoria dos grandes espaços e Martin Heidegger e sua teoria do Dasein. Assim, o jurista de

Plattemberg está na base de sua concepção de Eurásia e o filósofo de Messkirch em sua concepção de Quarta Teoria.

É que Heidegger tanto em *Ser e Tempo* (1927) como na conferência *Tempo e Ser* (1962) vai sustentar que o tempo é o horizonte (a ideia de horizonte é fundamental em Husserl, seu mestre) da pergunta pelo ser, mas que o tempo se dá no horizonte do ser. Quer dizer, o tempo tem de ser concebido como “*um advir apresentante que vai sendo sido*” na definição de Heidegger. Temos que entendê-lo através do constante, do valioso, do permanente. E isto é o que faz o pensamento conservador, resguarda o que dura no tempo, o permanente, o constante, o valioso. A tradição não é conservar coisas velhas por serem velhas, senão coisas passadas que conservam seu valor, que seguem sendo valiosas.

Esta é uma visão radicalmente diferente da do Iluminismo que reservou ao tempo, sobretudo ao tempo presente e futuro, o sentido valioso das coisas e descartou o passado. Esta visão está inserida hoje no progressismo, como esteve no liberalismo de outrora, assim como no marxismo e no fascismo.

Dugin termina sua exposição afirmando que a pós-modernidade está buscando uma saída política e social para a despolitização e des-humanização e que a Quarta Teoria Política se oferece para encontrá-la.

Sem dúvida alguma esta proposta não vai ser bem vista pela *inteligencia*, pelo pensamento politicamente correto, pelos agentes políticos e culturais do atual *status quo* reinante, porque ela encerra muito de reativo, de não conformismo, de alternativo, mas como dissera este grande pensador colombiano Gómez Dávila: *ser reacionário é haver compreendido que não se pode demonstrar, nem convencer, somente apenas convidar*.

Alberto Buela*
Argentina - 2013

*“*Arkegueta, aprendiz constante, melhor que filósofo*”. [www.disenso.info]

CAPÍTULO

1

O OCIDENTE E SEU DESAFIO

1. O QUE NÓS ENTENDEMOS POR “OCIDENTE”?

O termo “Ocidente” pode ser construído de maneiras diferentes. Assim, deveríamos primeiro de tudo aguçar o que compreendemos pelo termo e como o conceito tem participado historicamente.

Está perfeitamente evidente que “Ocidente” não é um termo puramente geográfico. A esfericidade da Terra torna tal definição simplesmente incorreta: o que é para um ponto o Ocidente é para o outro o Oriente. Mas ninguém inclui este sentido no conceito de “Ocidente”. Embora que em uma análise mais precisa, devemos descobrir aqui uma importante circunstância: a concepção de “Ocidente” toma por padrão como sua linha inicial (*linha-zero*), na qual estão postas suas coordenadas, precisamente a Europa. E é por acidente que o meridiano da linha-zero passa pelo Greenwich, de acordo com uma convenção internacional. O eurocentrismo está prontamente construído neste tal procedimento.

Embora muitos Estados antigos (Babilônia, China, Israel, Rússia, Japão, Irã, Egito, etc.) pensassem que fossem “o centro do mundo”, “os impérios centrais”, “celestiais”, “reinos sob o sol”, na prática internacional a Europa se torna a coordenada central; mais exatamente, a Europa Ocidental. Precisamente dali que vem o costume de estabelecer um vetor na direção do Oriente e um vetor na direção do Ocidente. Parece, então, que ainda no restrito sentido geográfico nós vemos o mundo do ponto de vista eurocêntrico, e que é aceito como “o Ocidente” ao mesmo tempo que apresenta a si mesmo como o “centro”.

2. EUROPA E MODERNIDADE

Em um sentido histórico, a Europa se torna aquele espaço territorial onde a transição da sociedade tradicional à sociedade da modernidade ocorreu. O que é mais, tal transição foi realizada graças ao desenvolvimento de tendências autóctones à cultura e civilização europeias. Desenvolvendo em uma direção específica os princípios depositados na filosofia grega e na lei romana, através da interpretação do ensinamento cristão – primeiramente na base católico-escolástica e mais tarde na protestante – a Europa veio a criar um modelo de sociedade única entre outras civilizações e culturas. Essa sociedade, em primeiro lugar:

- Foi construída em bases seculares (ateísticas);
- Proclamou a ideia do progresso social e técnico;
- Criou as fundações da visão de mundo científica contemporânea;
- Desenvolveu e introduziu um modelo de democracia política;
- Considerou como de suprema importância as relações capitalistas (de mercado);
- Passou de uma economia agrária para uma industrial.

Em uma palavra, isto é, a Europa se tornou o espaço do mundo contemporâneo.

Na medida em que nas fronteiras da Europa as regiões mais *avant-garde* de desenvolvimento do paradigma da modernidade foram Inglaterra, Holanda e França, encontrando-se a Oeste do Centro (e especialmente Leste) europeu, os conceitos “Europa” e “Ocidente” gradualmente vão se tornando sinônimos: o falar adequado “europeu”, diferente das outras culturas, consistiu precisamente na transição da sociedade tradicional à sociedade da modernidade, enquanto isto, por sua vez, ocorreu antes de tudo na Europa Ocidental.

Assim, o termo “Ocidente”, dos séculos XVII ao XVIII, adquiriu um preciso sentido civilizacional, se tornando um sinônimo de “modernidade”, “modernização”, “progresso”; desenvolvimento social, industrial, econômico e tecnológico. Daqui em diante, tudo que esteve envolvido nos processos de modernização foi automaticamente

ligado ao Ocidente. “Modernização” e “ocidentalização” provaram ser sinônimos.

3. A IDEIA DE “PROGRESSO” COMO BASE PARA A COLONIZAÇÃO POLÍTICA E PARA O RACISMO CULTURAL

A identidade da “modernização” e da “ocidentalização” requer alguns esclarecimentos, que nos levarão a conclusões práticas muito importantes. O fato é que a formação na Europa da civilização sem precedentes da era moderna [lit.: os novos tempos], o estabelecimento da “modernidade”, levou a um arranjo cultural particular, que primeiramente formou a autoconsciência dos europeus, mas depois também a de todos aqueles que se encontraram sob sua influência. Com este estabelecimento é progredida a sincera convicção de que o caminho do desenvolvimento da cultura ocidental, e especialmente a transição da sociedade tradicional à sociedade contemporânea, não é somente uma peculiaridade da Europa e dos *narodi* [nota do tradutor brasileiro: o termo *narodi* será esclarecido e aprofundado em seu sentido mais a frente, contudo, numa tradução aproximada pode equivaler a *povos*, tendo-se em mente que um significado mais profundo ser-lhe-á incorporado] que a povoam, mas uma lei universal de desenvolvimento, obrigatória para todos os países e *narodi*. Os europeus, “pessoas do Ocidente”, foram os primeiros a passar pela fase decisiva, mas todos os outros estão fatalmente condenados a percorrer o mesmo caminho; enquanto esta seja supostamente a lógica “objetiva” da história mundial, o “progresso” é quem exige.

Surge a ideia de que o Ocidente é o modelo obrigatório do desenvolvimento histórico de toda humanidade, e a história mundial – como no passado, no presente e no futuro – é concebida como uma repetição daqueles estágios pelos quais o Ocidente, no seu desenvolvimento, já passou ou está avançando, em vantagem sobre todos os outros. Em todo lugar onde os europeus se chocam com culturas “não-ocidentais”, que preservaram a “sociedade tradicional” e seus modos, eles fazem um inequívoco diagnóstico: “barbarismo”, “selvageria”, “atraso”, “ausência de civilização”, “subnormalidade”. Assim, gradualmente o Ocidente se torna a ideia de um critério normativo pela avaliação dos *narodi* e das culturas do mundo inteiro. Quanto mais distante eles forem do Ocidente (em sua mais recente

fase histórica), mais “defeituosos” e “inferiores” eles vão parecer.

4. AS RAÍZES ARCAICAS DA EXCLUSIVIDADE OCIDENTAL

É interessante analisar a origem desse arranjo universal, em cujos estágios de desenvolvimento do Ocidente e da lógica geralmente obrigatória da história mundial são identificados.

As raízes mais profundas e arcaicas podem ser encontradas nas culturas de tribos antigas. É característico das sociedades antigas identificar o conceito de “homem” com o conceito de “pertencimento à tribo”, “ao *ethnos*”, que leva em tempos a negar a um membro de alguma outra tribo o status de “homem”, ou colocando-o intencionalmente em um nível hierárquico inferior. Os homens de outras tribos ou *narodi* escravizados se tornam, através desta lógica, a classe de servos, levada além dos limites da sociedade humana, privada de todo tipo de direitos e privilégios. Esse modelo – companheiros de tribo = povo, estrangeiros = não povo – permanece nos fundamentos das instituições sociais, legais e políticas do passado, que foram analisadas em detalhe por Hegel (em particular, pelo hegeliano A. Kojève), examinando o par de figuras, mestre-escravo. O mestre era tudo; o escravo, nada. O status de homem pertencia ao mestre como um privilégio. O escravo equivalia, ainda legalmente, ao estoque domesticado ou a um objeto de produção.

Esse modelo de dominação provou ser muito mais estável que se pensou, e passou de forma modificada à era moderna [lit.: os novos tempos]. Assim, surge o complexo de ideias que paradoxalmente combina democracia e liberdade dentro das sociedades europeias com rígida disposição racista e cínica colonização nas relações com outros – “menos desenvolvidos” – *narodi*.

É significativo que a instituição da escravatura, e aquelas em base racial, muito atrás da lacuna de mil anos, retorna nas sociedades ocidentais – em primeiro lugar nos EUA, mas também nos países da América Latina – precisamente na era moderna, na época da disseminação das ideias democráticas e liberais. Além disso, a teoria de “progresso” serve, atualmente, como uma base para a exploração humana de aborígenes pelos europeus e brancos americanos: de índios nativos e escravos africanos.

Uma ideia começa a se formar, que pela formação da civilização da era moderna na Europa, o modelo do mestre-escravo é transferido da Europa para o resto do mundo na forma de políticas colonialistas.

5. O IMPÉRIO E SUA INFLUÊNCIA NA OCIDENTALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Uma outra fonte importante dessa influência foi a ideia de Império, a qual os europeus explicitamente rejeitaram no nascimento da era moderna, mas que penetrou na subconsciência do homem Ocidental. O império – como o romano e também depois o cristão (o bizantino no oriente e o Sacro Império das nações germânicas no ocidente) – foi pensado como o Universo, dentro do qual vivem pessoas (cidadãos), enquanto fora dos limites vivem “sub-humanos”, “bárbaros”, “hereges”, “gentis” ou ainda objetos fantásticos: canibais, monstros, vampiros, “Gog e Magog”, e assim por diante. Aqui a divisão tribal entre uma tribo (povo) e os estrangeiros (não-povo) é levada a um plano superior e mais abstrato: cidadãos do império (participantes do Universo) e não-cidadãos (habitantes da periferia global)³.

Esse estágio de generalização com respeito a quem é e quem não é considerado pessoa pode ser visto inteiramente como um estágio transitório entre o Ocidente arcaico e o contemporâneo. Tendo formalmente rejeitado o Império, junto com seus fundamentos religiosos, a Europa contemporânea preservou completamente o imperialismo, somente transferindo-o ao nível dos valores e interesses. O progresso e o desenvolvimento tecnológico foram doravante pensados como uma missão europeia, em nome da qual uma colonização planetária estratégica foi desfraldada.

Desse modo, a era moderna [lit.: os novos tempos], tendo rompido formalmente com a sociedade tradicional, transferiu alguns arranjos básicos daquela sociedade tradicional (a divisão arcaica em pares pessoa – não-pessoa em bases étnicas; o modelo de escravo-

mestre; a identificação imperialista de sua civilização com o Universo e de todos os outros com “selvagens”; e assim por diante) às novas condições de vida. O Ocidente como uma ideia e como uma estratégia planetária se tornou um projeto ambicioso do novo estabelecimento de um governo mundial, desta vez elevado ao status de “iluminismo”, “desenvolvimento” e “progresso” de toda humanidade. Este é um tipo de “imperialismo humanitário”.

É importante que a tese sobre o progresso não fosse uma simples máscara para os egoístas interesses predatórios dos povos ocidentais em sua expansão colonialista. A fé no universalismo dos valores ocidentais e na lógica do desenvolvimento histórico foi inteiramente sincera. Interesses e valores coincidiram nesta instância. Isto deu tremenda energia aos exploradores, marinheiros, viajantes e negociantes do Ocidente para ajustar o planeta; eles viram não somente lucro, mas também uma condução do iluminismo para os “selvagens”.

O roubo cruel, a cínica exploração e uma nova onda de escravos, juntos com a modernização e com o desenvolvimento tecnológico de territórios coloniais, todos juntos formaram a base do Ocidente como uma ideia e como prática global.

6. A MODERNIZAÇÃO: ENDÓGENA E EXÓGENA

Aqui nós devemos fazer uma importante observação. Iniciando pelo século XVI, o processo de modernização planetária começa a se desdobrar pelo território da Europa Ocidental. Estritamente coincide com a colonização de novas terras feita pelo Ocidente, onde, como uma regra, os *narodi* preservam as fundações de uma sociedade tradicional. Mas gradualmente a modernização afeta todo mundo: tanto ocidentais como não-ocidentais. De um modo ou de outro, todo mundo é modernizado. Mas a essência desse processo fica diferente em casos diferentes.

No Ocidente – em primeiro lugar na Inglaterra, França, Holanda e, especialmente, EUA, um país erguido como experimento de laboratório da Era Moderna [lit.: nos Novos Tempos] em uma supostamente “terra vazia”, “página em branco” – a modernização é distinguida por um caráter endógeno. Cresce de um desenvolvimento

³Já no século XVII autores europeus e americanos (em particular, jesuítas) puseram a questão sobre se os índios nativos pertenciam à população nativa da América, à humanidade, ou se eles eram uma variante de animais.

consistente de processos culturais, sociais, religiosos e políticos, contidos nas próprias fundações da sociedade europeia. Isso não acontece em todo lugar simultaneamente e com uma e a mesma intensidade – aqui evidentemente fica para trás os *narodi* como os germânicos, espanhóis e italianos, com os quais a modernização procede em um ritmo mais devagar do que nos vizinhos europeus do Ocidente. Todavia, a era moderna para os *narodi* europeus segue de seu calendário e na correspondência com a lógica natural de seu desenvolvimento. A modernização dos países e *narodi* da Europa emerge de acordo com as leis internas. Ser revelado pelas precondições objetivas e corresponder à vontade e disposição da maioria dos povos europeus, é endógeno – ou seja, tem um princípio interno.

É um problema completamente diferente com aqueles países e *narodi* que são arrastados em processos de modernização a despeito de sua vontade, tornando-os vítimas de colonização ou ainda relutantes em opor-se à expansão europeia. Claro, conquistando países e *narodi* ou mandando escravos negros aos EUA o povo do Ocidente promove o processo de modernização. Junto com a administração colonialista, eles apresentam novas ordens e fundações, e também a técnica e a lógica dos processos econômicos, costumes, estruturas sociopolíticas e instituições legais. Os escravos negros, especialmente depois da vitória do Norte abolicionista, tornaram-se membros de uma sociedade mais desenvolvida (embora eles também permaneçam como povos de segundo grau) que as tribos arcaicas da África, das quais eles foram tirados por comerciantes de escravos. O fato da modernização de colônias e das nações escravizadas não pode ser negado. O Ocidente ainda nesse caso prova ser o motor da modernização. Mas esse último ponto é muito específico. Pode ser chamado de exógeno – ou seja, vem de fora, raptado, trazido para dentro.

Os *narodi* e culturas não-ocidentais permanecem nas condições da sociedade tradicional, desenvolvendo em concórdia com seus próprios ciclos e sua própria lógica interna. Lá, há também períodos de ascensão e declínio, reformas religiosas e discórdia interna, catástrofes econômicas e descobertas técnicas. Mas esses ritmos correspondem a um modelo de desenvolvimento diferente, não-ocidental, seguem uma lógica diferente, estão direcionados a

diferentes fins e decidem problemas diferentes.

A modernização exógena – e sua igualdade fundacional consiste nisto – não emerge das necessidades internas e do desenvolvimento natural da sociedade tradicional, que, quando deixada por si mesmo, provavelmente nunca viria a trazer tais estruturas e modelos, que foram postos juntos no Ocidente. Em outras palavras, tal modernização é coagida e presa ao que vem de fora.

Consequentemente, a série de sinônimos modernização = Ocidentalização pode ser continuada: é também colonização (a introdução de autoridade externa). A maioria oprimida da humanidade, excluindo-se os europeus e os descendentes diretos dos colonizadores da América, esteve sujeita precisamente a essa violenta, coagida e externa modernização. Teve o impacto nas traumáticas e internas inconsistências da maioria das sociedades contemporâneas da Ásia, do Oriente e do Terceiro Mundo. Isso é a doentia modernidade, o caricato Ocidente.

7. DOIS TIPOS DE SOCIEDADE COM A MODERNIZAÇÃO EXÓGENA

Agora, em todas as sociedades expostas à modernização exógena, pode-se distinguir duas grandes classes:

- Aqueles que têm preservado sua independência político-econômica (ou que se esforçam em favor disso em guerras anticolonialistas);
- Aqueles que perderam sua independência político-econômica.

Se considerarmos o segundo caso, estaremos tratando com uma pura colônia, que perdeu completamente sua independência e que não participa nos valores da era moderna mais do que índios em reservas norte-americanas. Tais sociedades podem ser arcaicas (como algumas tribos africanas, sul-americanas ou do Pacífico), mas elas em parte se cruzam com estruturas tecnológicas mais desenvolvidas e modernizadas, manifestadas no mesmo espaço territorial pelos colonizadores. Aqui quase não há interseção semântica entre o povo indígena e os modernizadores: o status das sociedades locais mal difere do status dos habitantes dos jardins zoológicos, ou, no melhor

dos casos, de uma área de reserva, povoada por espécies em perigo (marcadas no “livro vermelho” da natureza). Nesta situação, a modernização não preocupa a população local, que continua sem notá-la, colidindo somente contra restrições técnicas, em disfarce de arame farpado e celas de ferro.

Quando estamos tratando com uma sociedade que tem obrigatoriamente atravessado um caminho específico ao longo de linhas de ocidentalização e modernização exógena, mas tem feito isso em resposta à ameaça de colonização da Europa (o Ocidente) e tenta preservar sua independência, o processo de modernização (= ocidentalização) adquire um caráter mais complicado. Pode-se chamar isto de “modernização defensiva”.

Aqui o centro das atenções torna a ser o balanço entre valores peculiares de uma sociedade tradicional, sujeita à preservação pelo apoio à identidade, e aqueles modelos e sistemas importados, que é necessário importar do Ocidente para a criação de pré-requisitos e condições para uma modernização parcial (defensiva). Ao mesmo tempo, a subjetividade é preservada em tais sociedades, que determinam seus próprios interesses, predeterminando a articulação de oposição às iniciativas colonialistas do Ocidente.

Assim, a seguinte figura emerge: com fim de defender seus interesses frente à investida ocidental, um país (sociedade) é compelido a adotar certos valores do próprio Ocidente, mas a combiná-los com seus valores originais. Huntington chamou esse fenômeno de “modernização sem ocidentalização”.

A propósito, tal conceito carrega em si mesmo umas poucas contradições: enquanto a modernização e a ocidentalização forem essencialmente sinônimos (o Ocidente = Modernidade) é impossível construir a modernização em separação do Ocidente e sem copiar seus valores. Nas sociedades tradicionais, permanecendo fora do habitat natural da cultura europeia, as precondições para a modernização são simplesmente ausentes. Esse é o motivo de não estarmos falando de uma completa rejeição da “ocidentalização”, mas de um balanço entre os valores de um e daqueles impostos pelo Ocidente que satisfariam as condições para a preservação da identidade (diferença do Ocidente – o que é mais, no nível do princípio!) e do desenvolvimento de tecnologias defensivas, capazes de competir com o Ocidente em

regiões básicas e vitais (o que é impossível de alcançar sem uma intensiva inclusão no contexto “ocidental”). Isso produz, então, que tal variedade de modernização exógena é fundada na presença de interesses independentes (principalmente diferentes daqueles das intenções do Ocidente) e na combinação dos seus próprios interesses com os valores pragmaticamente importados do Ocidente. (Podemos dizer que isso é “modernização + ocidentalização parcial”).

Nesta categoria de modernização exógena se encaixam países como Rússia (por inteiro no curso da era moderna, que proporciona por si mesmo um único e suficiente caso!), mas também China, Índia, Brasil, Japão, alguns países islâmicos, países da região do Pacífico (entrando nesse processo muito mais tarde – no último século). Além da Rússia, o resto dos países viajando nesta estrada foram em certos momentos colônias do Ocidente e se tornaram independentes relativamente recentemente, ou (como Japão) sofreram derrotas em guerra e foram ocupados.

Em qualquer caso, esse tipo de modernização exógena traz ao primeiro plano a questão da balança dos próprios interesses exteriores; ou seja, o problema da proporção e qualidade dos elementos pertencentes a duas formas histórico-culturais e civilizacionais, a local, fundações conservadoras da sociedade tradicional, e os assim chamados modelos “universal” e “progressivo” de civilização ocidental.

O mais importante consiste nesta proporção, que constitui a essência das relações entre Rússia e Ocidente.

Devemos retornar a isso depois, pois agora primeiro faremos algumas poucas observações geopolíticas.

8. A CONCEPÇÃO DE “OCIDENTE” E “ORIENTE” NOS ACORDOS DE YALTA

Agora consideremos os aspectos geopolíticos dos problemas que estávamos discutindo e a transformação do conceito de “Ocidente” no século XX, que está relacionado a eles.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial o conceito começou a ser aplicado geopoliticamente na totalidade dos países desenvolvidos que estiveram estabelecidos no caminho capitalista do desenvolvimento. Esta foi uma correção do conceito. Tal “Ocidente” é

praticamente idêntico com o capitalismo e com a ideologia liberal-democrata. Aqueles países que progrediam neste caminho mais do que outros, foram de fato pensando no “Ocidente” na construção de um mundo bipolar, chamado também de “Yaltico” (por causa da localização da conferência da cúpula dos países da coalisão anti-Hitler, que pré-ordenaram o mapa do mundo na segunda metade do século XX: Stálin, Roosevelt e Churchill).

Neste momento o conceito de “Ocidente” difere parcialmente do que tínhamos antes. Primeiro, até os regimes comunistas pertenciam ideologicamente ao “Ocidente” no sentido mais amplo – em primeiro lugar a URSS – enquanto eles adotam teorias “europeias e ocidentais” de socialismo e comunismo (construídas sob observações concernentes à história de desenvolvimentos político-econômicos de tais sociedades ocidentais, juntamente com uma fé correspondente no progresso e no universalismo dessas regularidades para toda a humanidade). Mas o marxismo, entretanto, se tornou o modelo favorito da modernização das sociedades tradicionais; um modelo que combinaria a manutenção dos seus próprios interesses geopolíticos e a parcial preservação dos valores tradicionais locais com o poderoso e importado aparato de modernização e especialmente ideias, estruturas, interesses e teorias ocidentais. Assim, o marxismo – soviético, chinês (maoísmo), vietnamita, norte-coreano, e assim por diante – deveria ser examinado como variante de modernização exógena, da qual falamos acima. O que é mais, do ponto de vista da competição tecnológica e ideológica, esse projeto provou relativamente ser um sucesso.

Embora o dogmático marxismo pretendesse substituir o capitalismo consigo mesmo, uma vez que o capitalismo alcançou o crítico estágio em sua implementação, na prática tudo ocorreu inteiramente diferente: os partidos comunistas venceram naquelas sociedades onde o capitalismo esteve em condição rudimentar, enquanto a sociedade tradicional (agrária, em primeiro lugar) prevaleceu tanto no sentido econômico como no cultural. Em outras palavras, o realizado e vitorioso marxismo foi a refutação da teoria de seu fundador ideológico e, por outro lado, a história das sociedades capitalistas mostra que as previsões de Marx sobre a inevitabilidade da revolução proletária dentro delas foi desaprovada pelo tempo. Marx

insistiu que a revolução proletária não poderia ocorrer na Rússia (e em outros países com uma predominância do “modo de produção asiático”), mas ocorreu exatamente ali. Nas sociedades com o capitalismo desenvolvido, nada similar aconteceu.

Partindo dessa única conclusão sugere-se: o marxismo nos regimes comunistas não foi o que se proclamou de si mesmo, mas somente um modelo de modernização exógena, no qual os valores ocidentais foram adotados somente parcialmente e foram tacitamente combinados com religiões locais – tendências escatológicas e messiânicas. No todo, esse procedimento de modernização específico – alter-modernização ao longo do caminho socialista (totalitário), mas não capitalista (democrático) – serviu para a defesa dos interesses geopolíticos e estratégicos de estados independentes, que se empenharam em repelir os ataques colonialistas da Europa e (depois) da América.

O bloco estratégico formado em torno da URSS, a *avant-garde* desta alter-modernização, foi chamado, depois da Segunda Guerra Mundial, de “o Leste”. Embora essa discussão tenha sido realmente sobre uma variante de modernização exógena, formalmente o sistema de valores marxista foi baseado no paradigma da Era Moderna em apenas um grau como as sociedades capitalistas. Algumas vezes, na politologia do período de Yalta, ao invés da fórmula de “o Leste” (“o Leste comunista”, “o Bloco Oriental”) a expressão “o Segundo Mundo” foi usada, o que é mais preciso e abraça países que se conduziam em acelerada industrialização com parcial e ainda específica modernização (do tipo comunista), e – o mais importante! – tratou de preservar a independência política, tendo evitado a (ou se livrado da) colonização direta.

Em tal caso, o conceito de “Terceiro Mundo” adquire significância.

“O Primeiro Mundo”, ou seja, “o Ocidente” na terminologia do período pós-guerra, são os países com modernização endógena (Europa e América), e também um único caso de exógena, mas extremamente bem sucedido na modernização tecnológica, em disfarce de ocupação do Japão, que foi capaz de direcionar as energias internas de uma nação conquistada para um crescimento econômico massivo aos padrões ocidentais. Mas ao mesmo tempo o Japão perdeu

sua independência geopolítica e no sentido estratégico tornou-se uma resignada e fraturada colônia dos EUA.

“O Segundo Mundo” significa os países da modernização exógena que trataram de aproveitar-se dos métodos totalitário-socialistas de modernização, com o parcial e relativamente bem sucedido empréstimo da tecnologia ocidental e da preservação da independência do Ocidente capitalista. Isto, na compreensão do mundo baseado em Yalta, foi chamado de “o Leste”.

E finalmente, “o Terceiro Mundo” referido a países de modernização exógena que largaram o desenvolvimento tanto do “Primeiro” como do “Segundo” Mundo, não possuem completa soberania, preservaram as fundações da sociedade tradicional e foram obrigados a contar ou com o “Ocidente” ou com o “Oriente”, assim representando a si mesmos como colônias, subordinando-se a um ou outro.

E assim, se nós limitarmos nossas considerações às condições da “Guerra Fria” (o segundo polo mundial), então o conceito de “Ocidente” neste caso emergirá como sinônimo do campo capitalista, o “Primeiro Mundo”, incluindo os países mais desenvolvidos e ricos da América do Norte, Europa e Japão.

A sede da integração do “Primeiro Mundo”, “o Ocidente” neste sentido concreto, foi a Comissão Trilateral, criada na base do Conselho das Relações Exteriores (CFR, do inglês), e composto por representantes das elites dos EUA, Europa e Japão. Dessa maneira, um segmento específico de intelectuais, banqueiros, políticos e estudiosos do “Ocidente”, começando pelos anos 1960, tomaram para si a responsabilidade histórica pelo processo de globalização e criação de um “governo mundial” na base da vitória final do “Ocidente” sobre o resto do mundo, nos sentidos geopolítico, moral, econômico e ideológico.

Nos anos 1990, o “Ocidente” se torna Globalização.

Ainda outra transformação do conceito de “Ocidente” foi posta em teste nos anos 1990, quando a arquitetura do mundo bipolar (baseada em Yalta) colapsou. De lá para cá, o modelo liberal-capitalista se tornou o mais importante e único; o comunismo como projeto de alter-modernização faliu, sem resistir à competição, e o poder político-militar e econômico dos EUA irrefutavelmente superou

as posições de todos os outros países. A capitulação unilateral da URSS e do Bloco de Varsóvia na “Guerra Fria”, com a dissolução paralela, abriu o caminho à globalização e construção de um mundo unipolar⁴. O filósofo americano, neoconservador Francis Fukuyama, começou a falar do “fim da história”, da “substituição da política pela economia”, e da “transformação do planeta em um mercado unificado e homogêneo”⁵.

Isso significava que o conceito “Ocidente” transformou-se em um conceito global e único, porquanto nada mais sustentava contra não apenas a ideia da modernização, mas também seu mais ortodoxo e historicamente mais “ocidental” projeto liberal-capitalista. Tal importante e bem sucedida vitória do “Ocidente” sobre o “Oriente” – ou seja, do “Primeiro Mundo” sobre o “Segundo” – essencialmente liquidou as alternativas à modernização, tornando-a a única e incontestável substância da história mundial. Todo mundo que ansiava por permanecer ligado ao “contemporâneo” teve de reconhecer esta preeminência incondicional do “Ocidente”, expressar lealdade a ela, e também de uma vez por todas repudiar seus próprios interesses, ainda que fosse diferente em alguns aspectos, ou – tanto mais – contrariasse os interesses dos EUA (ou, de forma mais ampla, os países da OTAN) como os portadores do mundo unipolar.

Doravante o problema foi colocado somente desta maneira: em qual segmento do “Ocidente” global será integrado cada país e cada governo? Se a modernização e, correspondentemente, a ocidentalização forem introduzidas com sucesso, então a oportunidade apareceu de integrar-se com o “bilhão dourado” ou com a região do “Norte Rico”. Se por alguma razão isto não se produzisse, permaneceria a integração em um cinturão da periferia mundial, na região do “Sul Pobre”. Entretanto, a diferenciação planetária do trabalho ofereceu a promessa de modernização até mesmo do “Sul Pobre”, mas isto de acordo com o cenário colonialista, quando a escravidão política fora substituída pela econômica, enquanto a

⁴Alexander Dugin. *The Geopolitics of Postmodernity*. [A Geopolítica da Pós-Modernidade] São Petersburgo, 2007.

⁵Francis Fukuyama. *The End of History and the Last Man*. [O Fim da História e o Último Homem] Moscou, 2004.

importação dos padrões culturais ocidentais metodicamente fora erradicando os valores indígenas (assim, os residentes da Coreia do Sul, tendo recebido um impulso vigoroso de modernização exógena do tipo colonialista, junto com o expansivo crescimento econômico, arremessaram-se junto a uma quase total disseminação do protestantismo no meio da sociedade tradicional, shamânica, budista e confucionista). A conexão de todos os países a um Ocidente global não garantiu nada, mas deu-lhes uma chance.

Ocorreram reformas na Rússia, também nesta mesma linha; tendo aparecido como uma nova organização depois da queda da URSS, que, por sua vez, herdou geopoliticamente o Império Russo. A Rússia também tentou integrar-se com o Ocidente global, contando com um lugar no “Norte Rico” e esperando “fazer comunicação” com a modernização em seu principal (capitalista), mas não desviado (socialista), caminho. Entretanto, a Rússia, como todos os outros países, deu a oferta primeiro às pretensões globais rejeitadas, e depois algumas ainda locais, deleitando no papel de satélite estratégico dos EUA entre nações ainda menos modernizadas, sem quaisquer privilégios especiais sejam quais forem. Essencialmente, os controles externos foram trazidos para o país.

E, correspondentemente, a autoridade governante acomodou a elite econômica, reformistas ocidentalistas e oligarcas, que pensaram serem administradores trabalhando pelas corporações transnacionais globais, com sede no outro lado do Atlântico.

9. A GLOBALIZAÇÃO

No início dos anos 1990, quando o “fim da história” parecia não só estar à mão, mas praticamente alcançado, o conceito de “Ocidente” quase se sobrepôs ao conceito de “mundo”, que acabou no termo “globalização”.

A globalização representa o último ponto da realização prática das pretensões fundamentais do “Ocidente” à universalidade de sua experiência histórica e de seu sistema de valores.

Penetrando em várias sociedades e culturas, combinando projetos humanitários com métodos colonialistas de satisfação dos próprios interesses (em primeiro lugar na esfera dos recursos naturais),

o processo de globalização tornou “Ocidente” um conceito global. O mundo, por saltos e pulos, moveu-se a um modelo unipolar, onde o centro desenvolvido (EUA como a sociedade transatlântica nuclear) preocupou-se com a periferia subdesenvolvida⁶.

Ao longo disso, um modelo foi construído, descrito no clássico texto de Huntington “*Clash of Civilizations*” [“Choque de Civilizações”], “o Ocidente contra o resto”. Mas no modelo de globalização, esse “resto” é olhado de nenhum modo a não ser com relação ao “Ocidente”; é também “o Ocidente”, apenas subdesenvolvido e imperfeito – um tipo de “meio-Ocidente”.

E já em novas condições históricas e sobre a linha das transformações e alterações semânticas colidimos com um novo racismo cultural e “messianismo” liberal-democrático secular que descobrimos dentre as fontes da época da modernidade e na definição inicial do conceito de “Ocidente”.

10. A PÓS-MODERNIDADE E O “OCIDENTE”

Mais um processo interessante ocorreu nos anos 1990 concernente ao conteúdo do conceito “modernização”. A modernização, que foi executada em várias velocidades e com várias características, de um modo ou de outro no mundo inteiro desde o início da era moderna na Europa Ocidental, aproximou-se a sua própria realização lógica no fim do século XX. O que é mais, isto naturalmente aconteceu no Ocidente: o que perante outros e de acordo com os princípios naturais procedeu à modernização da sociedade tradicional alcançou o fim por primeiro. Assim, superando tanto a inércia da resistência das estruturas conservadoras, e, em certo momento, e muito efetivamente, a competição do lado da alter-modernização socialista, a modernidade em sua forma liberal-capitalista chegou aos seus limites e ao fim da implementação de seu próprio programa: a direta oposição das ideologias alternativas foi destruída, enquanto a superação da resistência passiva da periferia

⁶Thomas Barnett. *The Pentagon's New Map: War and Peace in the Twenty-First Century*. [O Novo Mapa do Pentágono: Guerra e Paz no século XXI] Washington, 2004.

global se tornou um problema técnico. E ali onde estava ainda preservada, poderia ser igualada à “reação inercial dos objetivos circundantes”, mas não a uma estratégia competitiva. A batalha contra a sociedade tradicional e sua tentativa em ser apresentada sob um novo aspecto (alter-modernização, socialismo) findou com a vitória do liberalismo. E no Ocidente, a modernização chegou aos seus limites internos, tendo alcançado o ponto mais baixo da cultura ocidental.

Essa condição da última exaustão da agenda do processo de modernização gerou um fenômeno mais específico no Ocidente: a pós-modernidade.

A essência da pós-modernidade consiste no fato de que o fim da modernização das sociedades tradicionais leva a população ocidental a condições, sobretudo, novas. Pode-se ligar este longo processo ao alcance de um propósito intencional. As pessoas, acomodadas em um trem, viajando a uma estação incrivelmente distante, se tornando bastante acostumadas com o movimento que não cessa por algumas poucas gerações, não podem imaginar a vida diferentemente. Elas veem a existência como um desenvolvimento, voltada a um ponto de referência distante, sobre o qual todos se lembram e para o qual escorregam, mas que todo tempo permanece sempre remoto. E repentinamente o trem chega na estação final. A plataforma, a estação... o objetivo foi alcançado, os problemas, decididos... mas as pessoas se tornaram tão acostumadas com o mover-se todo o tempo que não podem voltar-se para si mesmas depois da colisão com seu sonho realizado. Quando o objetivo foi alcançado, não há pelo que se empenhar, nem para onde ir, não há nada a que buscar. O progresso chegou ao seu ponto máximo. Precisamente este é o “fim da história”, ou a “pós-história” (A. Gelen, G. Vattimo, J. Baudrillard).

Com esta metáfora, pode-se completamente descrever a condição da pós-modernidade. Aqui, há tanto o sentimento de sucesso como o de frustração. Em qualquer caso, não é mais modernidade, nem iluminismo, nem era moderna. A crítica facção dos filósofos da pós-modernidade, sujeitos ao escárnio de vários estágios do movimento em direção a este fim, começaram a falar ironicamente daquelas ilusões e esperanças com as quais aqueles que começaram o movimento confrontaram, sem suspeitar de que tipo a realização de tal

objetivo seria. Outros, pelo contrário, ofereceram-se a romper o sentimento crítico e a perseguir o “admirável mundo novo” como ele é, não se apegando a detalhes ou incertezas.

Em qualquer caso, se estimada com um sinal de menos ou um sinal de mais, a pós-modernidade representou uma estação terminal. A fé no progresso acabou e cedeu seu lugar à temporalidade lúdica⁷. A realidade, tendo mais cedo substituído o mito, a religião e o sagrado, transformou-se a si mesma em virtualidade. O homem, no nascimento da era moderna, tendo tirado Deus do pedestal, é ele próprio doravante preparado para dar o lugar do rei à geração da pós-modernidade – ciborgues, mutantes, clones, todos os produtos da “técnica liberada”⁸.

11. O PÓS-OCIDENTE

Na época da globalização, o Ocidente não somente se torna global e onipresente (como expressou na uniformidade dos padrões mundiais, na difusão geral do computador e das tecnologias de informação, no ubíquo estabelecimento da economia de mercado e dos sistemas político liberal-democrático e legal), mas em seu núcleo, no centro de um mundo unipolar, qualitativamente transporta o “Norte Rico” da modernidade para a pós-modernidade.

E, doravante, o apelo a esse Ocidente nuclear, o Ocidente em sua maior manifestação, pode ser, pela primeira vez na história, que não arraste a modernidade consigo (de qualquer tipo, exógena ou endógena), já que o próprio Ocidente é, então, sinônimo não da modernidade, mas da pós-modernidade. Mas a pós-modernidade, com suas ironias, puro tecnicismo, reciclando o antigo, e extenuando a fé no progresso, não mais presenteia sua periferia ainda distante do

⁷Gilles Deleuze. *The Logic of Sense*. [A Lógica do Sentido] Moscou, 1995. O conceito de Deleuze de “zona” (temporalidade racional, tendo o passado e o futuro, mas não tendo o presente existencial) e “*chronos*” (temporalidade existencial, representando o sentido puro, presente, linear – ou seja, o futuro e o passado); ambas temporalidades, de acordo com Deleuze, adquirem liberdade na condição de “rizoma”. Cf. Também: A. Dugin, *Post-philosophy*. [Pós-Filosofia] M., 2009.

⁸Carl Schmitt. *The Planetary Tension Between the East and the West*. [A Tensão Planetária Entre Oriente e Ocidente]// Alexander Dugin.

prospecto do desenvolvimento. O “fim da história”, que surgiu, desperta questões absolutamente diferentes, ante o peso e significância de que o impulso dado pelo “Ocidente” ao seu nível de “Sul Pobre” se parece como uma tarefa absolutamente desnecessária, desproposita e sem sentido: se tudo pode ser encontrado lá, as respostas aos novos problemas da época pós-moderna certamente não serão alguma daquelas coisas.

Assim, aqueles que contam por inércia com o arraigado Ocidente em procura pela modernização em novas condições estão condenados a uma colossal frustração: tendo atravessado o caminho inteiro da modernização ao seu fim, o Ocidente não tem mais estímulo qualquer para mover-se nesta direção ou ansiar por outras. O Ocidente se moveu qualitativamente para um novo estágio. Agora não é mais o Ocidente, mas o Pós-Ocidente; o peculiar, profundamente modificado Ocidente da época pós-moderna.

Tecnicamente e tecnologicamente domina completamente, e os processos de globalização desenvolvem-se a toda velocidade, mas não é mais um desenvolvimento progressivo, mas um movimento circular ao redor de um centro problemático ainda maior. A arquitetura da pós-modernidade por seus processos favoritos faz tais construções em que os estilos e épocas são fantasiosamente misturados, enquanto no lugar do ponto central do conjunto da arquitetura escancara-se um buraco. Esse é o centro absentista, o polo do círculo, representando a perda no não-ser.

Assim, também, é a estrutura substancial do mundo unipolar. Ao centro do Ocidente global – nos EUA e nos países da aliança transatlântica – ali arde presente o buraco negro e sem sentido da pós-modernidade.

12. A BRECHA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DO GLOBALISMO

A última metamorfose do Ocidente durante sua transformação à pós-modernidade, que nós descrevemos acima, é uma construção puramente teórica. Tal figura foi colocada junto ao início dos anos 1990, e assim a lógica da história mundial foi conceitualizada por tais pensadores, que estão ainda preservados no Ocidente, antes de finalmente fornecer o caminho à pós-modernidade (possivelmente de

autômatos). Mas entre essa concepção teórica e sua incorporação permaneceu uma brecha decisiva. Refletir sobre a natureza e sobre a estrutura de um tal Ocidente e de uma tal pós-modernidade levou ainda seus apologistas a um estado de horror e desespero. Por exemplo, Francis Fukuyama em certo momento começou a recuar perante tal figura ideológica que ele mesmo desenhou no começo dos anos 1990 e propôs voltar atrás, manter o Ocidente em uma condição na qual se encontrava antes do momento que chegou à estação final⁹. Os críticos de Fukuyama, incluindo Huntington, também exageraram a qualidade e quantidade daquelas barreiras a serem superadas pelo Ocidente com fim de se tornar verdadeiramente global e ubíquo. De diferentes pontos de vista, todos começaram a agarrar-se na permanência da modernidade, com seus governos nacionais, fé no progresso, os moralismos, as orientações e fobias, a que tudo se tornou habitual. Então foi decidido prolongar o movimento ao objetivo desejado, ou pelo menos simular o balanço dos vagões e as batidas das rodas nas juntas dos trilhos.

Hoje o Ocidente duela precisamente nesta brecha (*zazor*¹⁰), entre aquilo que teoricamente deve se tornar na época do globalismo – e pelo fato de que supera todos os obstáculos e derrota todas as alternativas – e aquilo que completamente não quer reconhecer como a nova arquitetura global da pós-modernidade – com um buraco bem no centro. No entanto, nesta brecha, infinitamente pequena e constantemente contrastante, ocorrem processos muito importantes que constantemente mudam a figura do mundo em geral.

Tudo isso ativamente exerce uma influência na Rússia.

13. OS EUA E A UNIÃO EUROPEIA: OS DOIS POLOS DO MUNDO OCIDENTAL NO COMEÇO DO SÉCULO XXI

A flutuação do Ocidente nesta brecha entre a modernidade completada e a incipiente pós-modernidade é refletiva também na

⁹Francis Fukuyama. *Our Post-Human Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*. [Nosso Futuro Pós-Humano: Consequências da Revolução da Biotecnologia] Moscou, 2004.

¹⁰ “Zazor”, também tem o significado de “despacho”, “vergonha” e “desgraça”.

esfera geopolítica. Assim, o desaparecimento de um concorrente, sob o aspecto da URSS (o projeto de alter-modernização), coloca a civilização transatlântica em questão. A ausência de um inimigo no Leste fez a conexão dos EUA e Europa, no quadro do “Ocidente nuclear”, não tão óbvia e autoevidente. Ficou visível que o Ocidente transatlântico foi dividido nos EUA e na União Europeia.

O centro do Ocidente durante o século XX constantemente deslocou-se ao outro lado do Atlântico, aos EUA. E depois da Segunda Guerra Mundial, precisamente os Estados Unidos tomaram para si mesmos a missão de ser a vanguarda do Ocidente. Eles se tornaram um superpoder, fornecido por seu poder e pela segurança militar-estratégica e prosperidade econômica dos países europeus.

Depois da queda da URSS, o papel do centro do Ocidente se tornou ainda mais firmemente estabelecido nos EUA. Isso coincidiu com a integração europeia e com a criação na Europa, em essência, de um governo supranacional, um governo do tipo pós-moderno¹¹. Sendo ao mesmo tempo um berço do Ocidente como um fenômeno, a Europa por sua vez se tornou o “Leste” com relação aos EUA. Os Estados Unidos atravessaram o caminho da modernização e da pós-modernização mais longe que a Europa, e o Mundo Antigo, em comparação com o Novo, transformou-se em algo independente.

Assim uma figura geopolítica foi formada, na qual o espaço do Ocidente tomou feição de um determinado dualismo. Por um lado, os EUA se tornaram o Ocidente mais “avançado”; mas a Europa, por outro lado, tentou descobrir seu próprio caminho, alheio e particular.

Lá começaram os argumentos filosóficos, e alguns americanos neoconservadores (em particular, R. Kagan¹²) propuseram olhar para a civilização americana como consequência do ameaçador estado de Hobbes “*Leviatã*”, e para a União Europeia como a incorporação das ideias pacifistas de Kant, com sua sociedade civil, tolerância e direitos humanos. Outras classificações foram apresentadas também. Em todo

caso, os EUA e a Europa começaram mais uma vez a interpretar suas identidades, seus valores e sua relação com a modernidade e pós-modernidade.

Isso foi demonstrado ainda mais fortemente no patamar dos interesses. A União Europeia, como o primeiro poder comercial e o segundo poder econômico no mundo, reconheceu que seus interesses nos países árabes, e também com relação à Rússia e outros países do Leste, regularmente diferem dos interesses americanos e muitas vezes discordam deles. Isso se tornou claro especialmente no momento da guerra do Iraque, quando o comando da OTAN não apoiou a invasão americana, enquanto os líderes da França e da Alemanha (Chirac e Schroeder) juntamente com Putin, presidente da Rússia, protestaram nitidamente contra a guerra.

Pode-se descrever a figura resultante deste modo: os EUA e a Europa hoje têm, em comum, valores, mas interesses diferentes. A diferença dos interesses e do reconhecimento disso é particularmente notável em países como França, Alemanha, Itália e Espanha. Eles são chamados comumente de países da Europa continental; e a tendência em relação à representação da Europa como um ator geopolítico autoconfiante, que na medida do possível deve se tornar independente dos EUA, é chamada continentalismo ou o eurocontinentalismo. No mais extremo dos casos, os continentalistas afirmam que os EUA e a Europa não possuem somente interesses em comum, mas também valores diferentes (vejam, por exemplo, o filósofo francês Alain de Benoist)¹³.

No outro polo da Europa são encontrados aqueles que salientam de toda forma possível a unidade de valores e neste fundamento insistem no comprometimento dos interesses europeus com os americanos. Neste polo estão os euroatlantistas (a Inglaterra, os países da Europa oriental – Polônia, Hungria, Romênia, República Tcheca, os Estados dos balcãs, e assim por diante).

Duas diferentes tendências na Europa criam uma identidade dual: por um lado, estamos concernentes com a Europa continental; por outro, com a Europa atlântica (pró-americana). Ambos os lados

¹¹Robert Cooper. *The Breaking of Nations: Order and Chaos in the Twenty-First Century*. [A Falência das Nações: Ordem e Caos no Século XXI] Londres, 2003.

¹²Robert Kagan. *Of Paradise and Power*. [Do Paraíso e do Poder] Washington, 2003.

¹³Alain de Benoist. *L'Europe, Tiers-monde, Meme Combat*. [Europa, Terceiro Mundo, Mesmo Combate] Paris, 1992.

estão relacionados com o conceito de “Ocidente” de maneiras diferentes: os continentalistas pensam que se a Europa é o “Ocidente”, então os EUA são algo diferente. Os atlantistas, pelo contrário, lutam de todos os modos para identificar o destino da Europa e da América como uma civilização unificada, onde o Atlântico é um tipo de “lago interno” (assim como os ecúmenos grego e romano pensaram sobre o Mar Mediterrâneo em seu tempo). Para os euroatlantistas, a União Europeia e os EUA juntos representam o “Ocidente”, e os EUA como a *avante-garde*.

14. A IDENTIDADE DA RÚSSIA: UM PAÍS OU... ?

Agora vamos a uma consideração da identidade da Rússia contemporânea. O exame preliminar, que nós devemos compreender pelo “Ocidente”, fornecido a nós com instrumentos seguros que nos permitem determinar o que nós compreendemos por “Rússia”. E depois disso podemos então inteira, concretamente e de forma saudável descrever a correlação de ambos no presente e no provável futuro.

Há duas concepções principalmente diferentes da Rússia contemporânea (a propósito, isso poderia ser dito do reino dos Romanov, onde discussões animadas foram mantidas pertinentes à mesma questão).

Pode-se compreender a Rússia como um país, ou como uma civilização independente. A estrutura de nossa relação com o Ocidente depende da decisão que tomamos sobre como nós compreendemos a Rússia.

Se a Rússia é um país, então deveria estar agrupada junto a outros países; por exemplo, com países como França, Alemanha, Inglaterra ou EUA. Consequentemente, teria que ser apropriada à Europa (de acordo com sua parcial disposição geográfica, com o predomínio da cristandade e das origens indo-europeias dos grupos étnicos eslavos – em primeiro lugar, dos Grão-Russos) e ao “Ocidente”. Muitos consideram a Rússia um Estado europeu. Essa opinião prevalece:

- Com a aristocracia Romanov;

- Com os ocidentalistas russos;
- Com a atual elite política russa.

Das bocas de Putin e Medvedev nós repetidamente ouvimos que “a Rússia é um país europeu”.

Se tomarmos essa posição, então devemos, quase que imediatamente, admitir que a Rússia é um “péssimo e inteiramente horrível país”, já que ele está manifestamente fora daquilo comumente considerado como norma da civilização ocidental. A identidade moral, social, política, cultural e psicológica da Rússia difere tanto da sociedade europeia e americana que uma questão emerge com respeito ao seu pertencimento ao Ocidente.

O critério mais importante aqui é a natureza da modernização russa. Quando consideramos isto, claramente vemos todos os sinais de exogeneidade, ou seja, a ocorrência externa do impulso modernizador, que não surgiu de dentro da sociedade em si, mas foi enfiado artisticamente e à força (de uma maneira autoritária e totalitária), de cima, pelo poder tirano de um déspota (Pedro, o Grande) ou por extremistas fanáticos (bolcheviques). Na Rússia não crescia e não cresceu:

- Capitalismo,
- Nem individualismo,
- Nem democracia,
- Nem racionalismo,
- Nem responsabilidade pessoal,
- Nem autoconsciência legal,
- Nem sociedade civil.

Pelo contrário, cresceu e continua crescendo enquanto permanecem os efeitos da sociedade tradicional:

- Patriarcalismo,
- Coletivismo,
- Hierarquismo,
- Uma relação para com o Estado e a sociedade como com a família,

- A superioridade da moralidade sobre os direitos, da razão ética sobre as racionais, e assim por diante.

Além disso, a Rússia absorveu muitas características europeias, morais e tecnológicas; mas adaptou-as ao seu próprio modo de vida e forçou-as a trabalhar em serviço de seus próprios interesses e valores. Os russos ativamente atraíram elementos diferentes do Ocidente, mas persistentemente não se tornaram Ocidente. Por isso a extrema irritação dos povos do Ocidente (e especialmente dos ocidentalistas russos) com relação à Rússia, que é representada por eles como mais perversa e agressiva (uma caricatura da Europa), imitando suas formas exteriores, mas vestindo-as com sua própria substância nativa russa.

A Rússia não só difere de qualquer país europeu como eles diferem entre si. Quando se cruza as fronteiras da Rússia, a alma cultural muda; nós nos deslocamos de um tipo histórico-cultural a outro. Os russos diferem precisamente da Europa, do Ocidente como um todo.

Se insistirmos que o russo é, não obstante, uma parte do Ocidente e um país europeu, então podemos enxergar duas conclusões. Ou a Rússia deve ser fundamentalmente reformada de uma maneira Ocidental (o que ninguém foi capaz até agora de fazer), ou o russo representa um tipo de outro Ocidente, uma “Europa diferente”.

O primeiro caso é mais comumente considerado. Mas a persistência com a qual a nação russa e a sociedade russa repudiam a profunda ocidentalização (somente imitando-a externamente) sabota a adoção dos valores europeus (forjando-os de um modo especial nacionalista), e assusta a sociedade ocidental com cenários extravagantes. Conceder ao estrito imperativo dos valores e combinações ocidentais a expulsão ou corrosão (que ficou mais evidente tanto no período tsarista como – especialmente – no soviético) nos força a supor que a transformação dos russos em europeus é uma questão absolutamente incabível. E os russos assim permanecerão, somente os “não muito ocidentais”, a “segunda classe de Ocidente”, carente de força para absorver a substância da identidade ocidental.

O segundo caso, que considera que a Rússia é o Ocidente, mas um tipo diferente, não é menos complexo. Primeiro, ainda que os russos considerem a si mesmos como “Ocidente”, só que um tipo peculiar – por exemplo, ortodoxo, pós-bizantino, eslavo, etc. –, os europeus nunca reconheceram isto e não vão reconhecer, considerando uma pretensão tal como “uma ambição arrogante e insubstancial”. Os esforços em insistir nisto somente fortalecerão a tensão e trarão uma reação recíproca. Se a Rússia é o próprio Ocidente, e, ainda mais, insiste em ser aceita e reconhecida como é, o próprio conceito de “Ocidente”, a agudeza de seu vetor histórico, geopolítico, tecnológico e cultural se lava, se dispersa e é destruída. Se a Rússia é parte do Ocidente, então o Ocidente não é mais o ocidente, e é sabe-se lá o que.

E finalmente, ambas as posições que enfatizam que a Rússia é um país europeu agravam sua contradição pelo firme reconhecimento de que a Rússia tem seus próprios interesses, que sempre ou quase sempre entram em conflito com os interesses dos países ocidentais. A independência e liberdade da terra-mãe [*motherland*] foi sempre o maior valor dos russos, e esta evidente e persistente divergência de interesses força a pôr em questão a comunidade de valores e o pertencimento a uma civilização unificada. Este não é o principal argumento, ao passo que houve também profundas contradições entre Estados europeus, mas em combinação com as duas considerações mencionadas acima, criou-se um fundo favorável para as questões naturais sobre a hipótese da Rússia pertencer ao Ocidente.

Somente a posição dos ocidentalistas extremistas é mais ou menos consistente – verdade, de um ponto de vista puramente teórico e abstrato. Eles afirmam que a Rússia é uma “completa monstruosidade”, que deve ser forçosamente transformada em parte do Ocidente pela força da extirpação de todas as formas de independência, rejeição de seus próprios interesses, introdução de controle externo e uma mudança na composição étnico-social da população. Com fim de que a Rússia se torne um país europeu de pleno direito deve primeiro serem destruídas suas fundações. Mas nem mesmo os experimentos radicais dos bolcheviques puderam alcançar este objetivo, e a Rússia com todas as suas peculiaridades renasceu das cinzas. Nem mesmo poderiam os reformadores liberais e oligarcas dos anos 1990 alcançar esse objetivo.

No entanto, a garantia de que a Rússia é um país europeu é inerente à classe governante da Rússia atualmente. E não é sem razão que precisamente a classe governante foi sempre a fonte da modernização e ocidentalização da sociedade russa. Pushkin, com justiça, notou que “na Rússia o governo é o único Europeu”.

15. A RÚSSIA COMO UMA CIVILIZAÇÃO (TIPO CULTURAL-HISTÓRICO)

Um outro ponto de vista a define como uma civilização independente. Essa posição foi característica dos últimos eslavófilos (Leontiev, Danilevsky), dos eurasianistas russos, dos pequenos russos e nacional-bolcheviques (Ustraliyov, Smenovkhovtsky) Nesse caso, a Rússia aparece como um fenômeno que se deve comparar não com um país europeu em separado, mas com a Europa como um todo, com o mundo islâmico, com a civilização indiana ou chinesa. Danilevsky chamou isso de “tipo cultural-histórico”. Pode-se falar de “eslavos ortodoxos” ou de civilização russa. Uma expressão mais precisa é “Rússia-Eurásia”, que foi introduzida na revolução dos primeiros eurasianistas (Trubetskoy, Savitsky, Vernadsky, Alexeev, Suvchinsky, Illyin, etc.). Tal formulação salienta que se está falando de um país, não sobre uma simples forma de organização governamental, mas uma unidade civilizacional, de um governo-mundo.

A presença de características europeias e asiáticas na Rússia como uma civilização não deve levar a uma conclusão precipitada, como todavia se falava da computação mecânica das coisas emprestadas do Ocidente e do Oriente. O termo “Eurásia” indica: essa é uma terceira coisa, uma civilização de um tipo especial, comparável em sua escala e originalidade, mas diferente tanto do Oriente como do Ocidente com respeito a seu valor-conteúdo.

Se nós aceitarmos a declaração de que a Rússia é uma civilização, tudo fica em seu lugar – na época do Reinado Moscovita, no período de São Petersburgo e nos períodos soviéticos. As relações da Rússia e Ocidente adquirem uma lógica completa, e todos os absurdos e paradoxos inerentes à hipótese da “Rússia como um país europeu” são resolvidos por si próprios.

A Rússia-Eurásia (= uma civilização distinta) possui seus próprios valores originais e seus próprios interesses. Os valores

relacionados à sociedade tradicional, com um tom de fé ortodoxa e de um específico messianismo russo.

A ideia imperial de Gengis Kahn e da disposição das hordas mongóis provaram ser a influência essencial nas fundações políticas e sociais. O natural desenvolvimento desse complexo não requereu modernização e não levou em si as precondições da aparência daquelas ideias, princípios e tendências que foram construídos em fundações da era moderna na Europa. Mas a presença no Ocidente de poderes colonialistas agressivos, que obsessivamente tentam promover no Leste não somente seus interesses, mas também seus valores, forçaram a Rússia a periodicamente manter-se na estrada da modernização (e ocidentalização) parcial e defensiva.

Essa modernização foi exógena, mas não colonialista. Seu caráter parcial e híbrido é responsável pela caricatura da Rússia que despertou a indignação dos ocidentalistas russos, começando por Chaadayev, mas que, ao seu lado, foi também censurado pelos eslavófilos russos (Khomyakov, Kirievsky, os irmãos Aksakov etc.).

Nesse caso, a história russa aparece como a cíclica pulsação de uma específica civilização, retornando em calmas condições para suas raízes originais, mas adotando a modernização forçada (de cima) em períodos críticos. Em tal figura, as reformas de Petrino, o “europismo” da elite Romanov, e o experimento soviético adquirem significância e regularidade legal. A Rússia-Eurásia inflexivelmente defendeu seus próprios interesses e valores, enquanto algumas vezes focou em ter recurso para ocidentalização-modernização com fim de uma efetiva oposição ao Ocidente.

A Rússia não é parte do Ocidente nem do Oriente. É uma civilização. E a preservação de sua liberdade, independência e autonomia [*self-being*] antes de enfrentar outras civilizações – tanto do Ocidente como do Oriente – constitui o vetor da história russa.

A Rússia e o Ocidente nos anos 1990

Na época da URSS, e especialmente durante a “Guerra Fria”, a missão civilizacional da Rússia recebeu expressão ideológica na forma da sociedade soviética. Nisto nós vemos a combinação clássica da oposição ao Ocidente (nesse caso, em sua hipóstase burguesa

liberal-capitalista) e a adoção de certas ideias e tecnologias Ocidentais (marxismo). Este foi um período de típica alter-modernização, modernização exógena com a preservação de independência geopolítica.

Em direção ao fim do período soviético, a liderança política da URSS perdeu a clara compreensão dos processos mundiais fundamentais, em maior parte por causa da inadequada compreensão dos marxistas do verdadeiro papel e natureza do marxismo, mas também das razões reais para a vitória da revolução socialista em uma atrasada sociedade agrária (a despeito de Marx). Os pedagogos soviéticos ignoraram o caráter nacional-bolchevique (eurasiano) da URSS, e isto os confundiu no entendimento das profundas relações entre Rússia e Ocidente. Assim, na decadente sociedade pós-soviética surgiram ideias (suicidas) de voltar-se ao Ocidente de novo para uma modernização de longo prazo, que foi paralisada.

Primeiro foi falado sobre a possibilidade de uma convergência entre os dois sistemas com a preservação de mútuos interesses e diferentes modos de vida. Mas essa fase rapidamente mudou para a prática de trocar a posição geopolítica da URSS e seus aliados pelos instrumentos econômicos e tecnológicos do desenvolvimento. Tendo se estabelecido neste caminho, a URSS despencou no chão, e os reformadores-liberais dos anos 1990 arrojaram-se ao Ocidente precipitadamente, tendo admitido a primazia dos interesses e valores ocidentais, agora sem quaisquer condições.

Os anos 1990 marcaram o movimento da Rússia para o lado do Ocidente, uma tentativa desesperada em integrar-se por qualquer motivo. Por essa razão apareceu uma tendência de repetição do passado soviético e tsarista, livre imitação do modelo liberal-democrata em sua forma neoliberal na política e no sistema de mercado, uma renúncia dos interesses globais e regionais e complacência com as principais políticas americanas.

No entanto, apesar dos cálculos e esperanças dos reformadores-ocidentalistas, este caminho, conectado com os nomes de Yeltsin e seu círculo, não produziu nenhum resultado positivo.

O Ocidente não se apressa em modernizar a Rússia por duas razões:

- Temem que a Rússia possa retornar mais uma vez ao caminho do confronto, reforçando-se e estabelecendo seu poder (o Ocidente sabe perfeitamente que a Rússia não é um tipo de país europeu, mas uma civilização independente, e sempre a consideraram de tal forma),
- Estando na transição para a pós-modernidade, o Ocidente perdeu o interesse ideológico na modernização de outros espaços civilizacionais, tendo imergido na missão de compreender seus desafios.

O Ocidente saudou a abrupta queda da Rússia, mas não acreditou na sinceridade e fundamental natureza do seu decurso novo e ocidental, vendo isso com indiferença.

Por essa razão, as relações entre Rússia e Ocidente nos anos 1990 foram um completo fracasso. Sob o domínio dos reformadores-ocidentalistas, a Rússia diluiu sua identidade, perdeu sua posição no mundo, perdeu seus amigos e sacrificou seus interesses, cegamente copiando o Ocidente sem qualquer compreensão das reais e fundamentais razões do seu sistema de valores e não mais suspeitando do verdadeiro caráter da sociedade pós-industrial ou da cultura da pós-modernidade.

O Ocidente, por sua vez, fez todo o possível para enfraquecer a Rússia ainda mais, não só a seduzindo nesse novo curso, mas criticando-a de todos os modos e ridicularizando seu jeito grotesco e substrato criminal corrupto. Nessa situação, a Rússia não só não saiu em volta de uma nova modernização, mas, tendo destruído antigas instituições e instrumentos socioeconômicos, simplesmente adotou fragmentos separados e descoordenados da pós-modernidade, transplantados de forma rápida e suja pelas elites, oligarcas e certos segmentos da subcultura da juventude.

Em meados dos anos 1990, a impressão que estava surgindo era de que a Rússia estava entrando em um novo ciclo de desintegração, sua integridade territorial estava em perigo (a questão da Chechênia). A lavagem de identidade, a ausência de uma ideia nacional, e os fracassos da modernização colocaram a Rússia a beira da catástrofe. Nessa situação, o Ocidente não só não ajudou, mas também ativamente instigou o desenvolvimento de tendências e

cenários destrutivos.

A OTAN moveu-se sistematicamente ao Leste, preenchendo o vazio que surgia. As redes de agentes de influência na Rússia continuaram a doutrinar a população no espírito do liberalismo e nos valores “universais” (leia-se ocidentais). Todos que tentaram erguer a questão da presença dos próprios interesses da Rússia foram rotulados de “nacionalistas” ou de “vermelho-castanhos” [red-browns].

Hoje, pode-se dizer com certeza que as relações entre a Rússia e o Ocidente nos anos 1900 foram catastróficas para a Rússia, pois foram baseadas em:

- Cruas decepções,
- Cálculos categoricamente incorretos,
- Uma completa incompreensão do real estado das coisas,
- Uma direta traição dos interesses nacionais, em última análise.

Diante dos olhos, a Rússia estava se tornando uma colônia, com a intrusão¹⁴ exógena e fragmentária da pós-modernidade e da gradual perda de soberania. O vice-orador da Duma da “União de Forças de Direita”, Irena Hakameda, seriamente demonstrou concordar com a divisão internacional do trabalho em um “governo mundial”, sujeito às condições da “transformação da Rússia em um depósito de lixo nuclear para mais países desenvolvidos”.

16. A ESTRATÉGIA DO “GOVERNO MUNDIAL” EM RELAÇÃO À URSS E À RÚSSIA

Diz-se que, desde os anos 1980, a sede intelectual do Ocidente, o “Conselho das Relações Exteriores” (CFR) americano e sua versão ampliada, a “Comissão Trilateral”, se esforçam ativamente em chamar a liderança soviética para um diálogo, com fins de suavizar a oposição civilizacional entre o “Oriente” e o “Ocidente” com propósitos de “modernização” e “convergência”, para incluir parte da elite pós-soviética em seu próprio polo conceitual, na base da proximidade específica e moral das ideologias soviética e capitalista,

¹⁴ Ou “implementação”, “adoção”.

emergindo do Iluminismo. Essas organizações cumprem a função de um rascunho de laboratório do “governo mundial”, que eles planejam estabelecer quando o Ocidente se tornar global e o “fim da história” chegar. É importante que o jogo conceitual básico do CFR com a política de liderança da URSS opera em torno exatamente da complexa essência semântica dos conceitos de “Ocidente” e “Modernidade” (o Iluminismo).

Parte da liderança soviética acompanha isto, e na URSS, nas bases do Instituto de Estudos Sistemáticos (G. Gvishiani) (um ramo do Instituto Internacional de Análises de Sistemas Aplicados, Viena) um grupo de estudiosos é formado, chamados a entrar em um efetivo diálogo com os centros intelectuais do Ocidente. Moscou está praticamente dando consentimento para a delegação de seus representantes – primeiramente sob a forma de estudiosos-analistas e jovens economistas – ao “governo mundial”. É significativo que tal ação é supervisionada pelos mais altos oficiais no Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética: A. Yakovlev, E. Shevardnadze, A. Primakov.

Uma impressão ainda maior é deixada pela composição dos “jovens economistas”: Y. Gaidar, A. Chubais, G. Yavlinsky, P. Aven. No mesmo Instituto de Estudos Sistemáticos, Berezovzky, também, começa sua carreira. Os membros do círculo São Petersburgo de Chubais – G. Glazkov, S. Vasilyev, M. Dimitriev, S. Ignatyev, V. Lyvin, A. Illarionov, M. Manevich, A. Miller, D. Vasilyev, A. Koch, I. Yuzanov, A. Kudrin, O. Dimitrieva – e o círculo Moscow de Gaidar – K. Kagalovsky, A. Ulyukhaev, A. Nechaev, V. Mashits – compuseram o segundo escalão. A maioria dos participantes nessa rede do CFR ocuparam papéis de liderança no governo russo.

As consequências das ações do CFR na URSS são conhecidas. Gorbachev dá luz verde à orientação de “convergência” e a Perestroika começa. Em 1989, uma comissão de altos representantes permanentes do CFR é selecionada no Kremlin, com D. Rockefeller, H. Kissinger e outros na liderança; o campo socialista é destruído; e em 1991 a URSS cai, também.

As estruturas do CFR na Rússia foram inteiramente legalizadas em 1991 na forma de Conselho de Políticas de Defesa e do Estrangeiro (S. Karaganov é oficialmente listado no conselho de

supervisão do *CFR* e atende os painéis da Comissão Trilateral), enquanto que os “jovens economistas” formam a coluna do governo de Yeltsin e seu núcleo ideológico.

Nas atividades da rede *CFR* e seus afiliados russos é fácil deduzir como os modelos conceituais, operando com as categorias de “valor”, “convergência”, “Ocidente” e “Iluminismo”, podem ativamente influenciar os processos fundamentais na política mundial e destruir um oponente civilizacional.

17. RÚSSIA E OCIDENTE NA ERA PUTIN

A ascensão de Putin ao poder apreciavelmente corrigiu esse curso dos anos 1990. Mais importante foi a diretiva empresa do novo presidente pela declaração dos interesses nacionais. Porquanto a maior ameaça a ele veio especificamente do lado ocidental – em primeiro lugar, dos EUA e dos países da OTAN – isso terá um impacto imediato no aumento da tensão internacional.

Putin tomou o curso de fortalecer a soberania e dismantlar as estruturas da influência externa, a qual opera através de políticas liberais, oligarcas, oficiais corruptos e *intelligentsia* metropolitana pró-Ocidente.

A partir desse momento a presença na Rússia de seus próprios interesses se tornou verdade indisputável, como gerou incompatibilidade deles com os interesses dos americanos ou europeus. Mas Putin, entretanto, especialmente em seu primeiro termo presidencial, repetidamente estabeleceu que “considera a Rússia um país europeu”, “compartilha dos valores ocidentais”, e está “sempre inclinado a cooperar com o Ocidente”, especialmente quando “nossos interesses têm um ponto comum”. Em outras palavras, ele girou o modelo Yeltsin de relações Rússia-Ocidente noventa graus. A afirmação dos próprios interesses da Rússia difere dramaticamente da completa submissão dos liberal-reformistas à vontade dos EUA, mas a ideia de integrar a Rússia ao Ocidente, modernizando-a ao longo do cenário ocidental, permaneceu a mesma.

Ao mesmo tempo, Putin começa a prestar mais e mais atenção à geopolítica. Ele claramente distingue dois polos na estrutura do Ocidente: os EUA e a Europa Continental. Ele se empenha em se

aproximar da Europa em detrimento dos EUA. Em paralelo com isto, os EUA fortalecem a disposição antirrusa na União Europeia através do euroatlantismo, ativamente usam os países da Nova Europa para o estabelecimento de um “cordão sanitário”, separando a Rússia do continente Europeu. Depois, os EUA mudam a tática de sitiar a Rússia no território pós-soviético através da organização das “revoluções coloridas” (Geórgia, Ucrânia, etc.). O modelo geopolítico da política externa de Putin é adequado à realidade internacional: diferencia as políticas de orientação europeia e americana.

Tudo isso opera no nível de interesses, que é mais evidentemente exibido na parceria de energia russo-europeia: a Velha Europa é vitalmente interessada no gás e no óleo russos e empenha-se em uma parceria pragmática conosco; os EUA tentam impedir isto de todas as maneiras. Mas, no todo, a identificação histórica dos interesses russos entre as lideranças políticas entram em foco. Pela primeira vez depois do difícil período do delírio soviético ou liberal-reformista e da franca traição.

18. O DESAFIO AO OCIDENTE

Em seu segundo mandato presidencial, Putin inicia uma reavaliação e uma diferente formulação das relações da Rússia com o Ocidente na questão dos valores. Reafirmando a “correção dos valores ocidentais”, ele começa a se referir às diferenças nos termos da democracia, às particularidades nacionais dos sistemas políticos e à tradição russa. Deveria também atribuir-se à mesma coisa a tímida teoria da “democracia soberana”.

Em nível geopolítico, em seu famoso discurso de Munique, Putin expôs forte crítica às políticas internacionais dos EUA e ao projeto de estabelecer um mundo unipolar. Essencialmente, ele rechaça um desafio ao Ocidente, da maneira como está agora. E aqui nós chegamos ao limite das interpretações possíveis da posição de Putin. Enquanto gradualmente elimina o ocidentalismo exacerbado da era Yeltsin, Putin até o último momento permaneceu no quadro do modelo “Rússia = país europeu”. Na primeira etapa isso significou “Rússia = um grande e soberano país europeu com seus próprios interesses”. Depois a posição se tornou ainda mais adamantina:

“Rússia = um grande e soberano país europeu com seus próprios interesses e valores específicos e peculiares, firmemente opostos à unipolaridade americana”. Mas eis aqui uma contradição conceitual: se “Rússia = um grande e soberano país europeu com seus próprios interesses e valores específicos e peculiares, firmemente opostos à unipolaridade americana”, então não é mais um país europeu, porquanto põe em dúvida o universalismo dos valores ocidentais (apresentando sua reivindicação pela interpretação nacional autossuficiente) e sai contra o modelo civilizacional de um mundo unipolar com a arquitetura centrada no Ocidente. E não é apenas não-europeu, mas não é nem mesmo um país, porque simplesmente não pode ter seus próprios valores, enquanto pertencer a uma civilização comum com outros países; no caso nós devemos falar de civilizações.

É significativo que de acordo com pesquisas feitas pelo Centro Russo de Pesquisas de Opiniões Públicas, tomadas regularmente, 71-73% dos russos nos últimos dez anos persistentemente respondem “A Rússia é uma civilização” para a pergunta “A Rússia, na sua opinião, é parte da Europa ou é uma civilização independente, seja ortodoxa ou eurasiática?”. Um certo consenso em massa (da nação) é alcançado nesta questão. Mas na elite política e econômica, as proporções são claramente diferentes.

A posição de Putin em relação ao Ocidente – como em uma série de outras importantes questões políticas – é uma tentativa de reconciliar as elites e as massas. Às massas, ele transmite a referência sobre a independência da Rússia; às elites, a garantia da correção do curso e da modernização do Ocidente. Não se pode dizer inequivocamente o que isso é: uma tática consciente em cobrir sua posição real ou uma flutuação entre aquelas duas identidades, “Rússia como país” e “Rússia como civilização”. Se observamos de onde e para onde Putin progride em avaliações do Ocidente, então pode-se supor que ele está gradualmente ostentando até agora seu velado patriotismo civilizacional russo ou, então, desenvolvendo nesta direção sob a influência de circunstâncias e observações concernentes ao desenrolar dos eventos na esfera internacional.

O passo do recentemente selecionado presidente Medvedev, no todo, repete as linhas básicas de força e declarações de Putin. As relações de Medvedev com o Ocidente são similares às de Putin:

Medvedev também estabelece que a “Rússia é um país europeu”, mas ao mesmo tempo, como seu antecessor, insiste nos interesses nacionais (e em parte nos valores) e fortemente critica os EUA e o mundo unipolar.

19. A REDE CFR NA ERA PUTIN

Apesar da correção considerável da relação com o Ocidente na era Putin, é muito dizer que as redes básicas de influência, estabelecidas na década de 1980 pelo Ocidente, permanecem na Rússia intocadas ainda neste período. Karaganov e outros agentes da *SWAP* continuam a ser figuras influentes. Sob a égide de Karaganov, o jornal “Rússia nos Interesses Globais”, um afiliado do americano “Interesses Estrangeiros” (órgão oficial do *CFR*), começa a ser publicado em 2003 (o principal editor: F. Lukyanov). Muitas pessoas estão no conselho editorial do jornal, que ocupa altas posições no governo, nos negócios, nos partidos políticos, etc. O Conselho de Administração é encabeçado pelo oligarca Potanin.

Oficialmente, o “Alpha-Group” – P. Aven e M. Friedman – representa os interesses do *CFR* na Rússia. Neste momento, pelos esforços desse grupo, o Ministro da Defesa da Federação Russa, S. V. Ivanov, e na Primavera de 2008, o Ministro das Relações Exteriores da Federação Russa, S. Lavrov, e ainda o presidente da Federação Russa, D. Medvedev (nos tempos do encontro dos “Vinte”) visitaram a sede do *CFR* em Nova Iorque. As estruturas econômicas do Aven-Friedman (em particular, o *TNK-VR*) estão profundamente integradas na economia americana, em tal segmento controlado pelos Rockefellers e Morgans, enquanto que D. Rockefeller permanece por muitas décadas como o mais importante ideólogo e patrocinador do *CFR* (o *CFR* foi criado por seus ancestrais, banqueiros, imediatamente após o fim da Primeira Guerra Mundial, e candidamente colocou como seu objetivo o estabelecimento de um “governo mundial”).

Esses exemplos mostram que a evolução das visões de Putin e de Medvedev, concernentes às relações entre Rússia e Ocidente, não cruza um certo caráter crítico, depois de cuja presença de redes de influência do “Ocidente” na Rússia, em primeiro lugar nos cargos mais altos do governo, tornar-se-ia sem sentido e intolerável. Isso está

diretamente conectado com a instabilidade na posição das maiores lideranças políticas a respeito do reconhecimento da Rússia como civilização independente e a aceitação, de uma vez por todas, da moderada e crítica visão do Ocidente. Enquanto o presidente e o primeiro ministro da Rússia continuarem a afirmar que a Rússia é um “país europeu” (contudo eles podem interpretar aquelas palavras), as estruturas ocidentais de influência vão exercer nas políticas externa e interna da Rússia uma grande influência, senão irresistível.

Exceto a organização do *CFR*, outros órgãos, institucionalizando uma influência similar, são plataformas, como o Instituto pelo Desenvolvimento (*RSPP*) de I. Yugenses, o Fórum pela Estratégia - 2020, o colegial de economia e grupos de liberais na Administração do presidente, etc.

Relações da Rússia e do Ocidente no Futuro

Enfim chegamos à parte final: ao prognóstico, aos anseios e recomendações a respeito do desenvolvimento das futuras relações Rússia-Ocidente. A análise acima mencionada procurou demonstrar quão complexo este problema é, quantas mudanças, nuances e imposições semânticas de valores diferentes e esquemas geopolíticos existem aqui. O conceito e a configuração de “Ocidente” estão mudando. Não há clareza na definição de identidade russa, e, portanto, até nuances de definições e adições à fórmula básica podem provar ser decisivos e mudar um sinal de mais para um sinal de menos, uma vitória para uma derrota, ou vice-versa.

A Rússia permanece ante um dilema histórico. A essência do mencionado acima leva a trabalhar em uma nova fase e em novas condições de sua relação com o Ocidente. A situação é agravada pela mais profunda crise econômica e, aparentemente, ideológica, pela qual não somente os EUA, mas o mundo inteiro está passando hoje, um mundo tão globalizado que uma falha no funcionamento nuclear ocidental quase leva a uma quebra da economia de todos os outros países, ou pelo menos a causar neles um prejuízo gigantesco e irreversível. O Ocidente tornou-se tão globalizado que confusões no seu centro instantaneamente afetam a periferia inteira.

Para desenvolver previsões e estratégias para o futuro

desenvolvimento de relações entre a Rússia e o Ocidente, é necessário em primeiro lugar definir nossos conceitos.

20. *PERESTROIKA 2: RÚSSIA INTEGRA O “OCIDENTE” GLOBALIZADO*

A posição mais teoricamente consistente nessa situação poderia ser a dos ocidentalistas mais radicais: o Ocidente se tornou globalizado, e isto deve ser aceito, enquanto se integra com suas estruturas sob quaisquer condições – e quanto mais cedo, melhor. Se for necessário repudiar a soberania para um tal passo, é digno fazer até mesmo isso, já que mais cedo ou mais tarde a globalização entregará a autoridade nas mãos de um “governo mundial” supranacional, e deve-se empenhar em procurar nele algumas cadeiras, sem se envolver em um conflito mortal. E se neste exato momento a economia liberal está experimentando uma crise, então esses problemas são somente “detalhes técnicos de autorregulação dos mercados”; o mercado encontrará um jeito de sair da crise. E enquanto ninguém hoje está oferecendo uma alternativa distinta ao liberalismo ocidental (todas as variantes conflitantes sofreram uma bancarrota), a Rússia está simplesmente sujeita a nenhuma opção a não ser a de compartilhar a miséria e o sofrimento do Ocidente.

M. Khodorvosky raciocinou mais ou menos assim; os membros do partido de oposição “Outra Rússia” estão em tal situação. Mas o mais importante é que ainda mais ocidentalistas moderados, pertencentes à rede do *CFR* e ocupantes de postos-chave na economia russa e parcialmente na esfera política, mantêm esse ponto de vista de uma forma suavizada. E embora poucas pessoas hoje abertamente expressem ideias similares, é precisamente essa linha estratégica que é estranha ao bloco econômico do governo (A. Kudrin, E. Nabiullina, A. Dvorkovich, I. Shuvalov), aos arquitetos da política internacional da Rússia, do Ministério das Relações Exteriores, do Instituto Estatal de Relações Internacionais de Moscou, da Administração do presidente, dos oligarcas russos (na União Russa de Industrialistas e Empresários ou Instituto de Desenvolvimento de Jurgens) e de outros segmentos da elite russa. No todo, a elite permanece fiel ao Ocidente, absorve seus valores, armazena seu capital aqui e acomoda suas famílias aqui, gasta seu tempo livre lá e treina suas crianças lá. E apesar das atitudes para

com as figuras de Putin e de Medvedev, fortemente dividem os ocidentalistas russos em duas partes (uma a favor; a outra, categoricamente contra), ambas ramos do princípio da inevitabilidade da globalização e do estabelecimento de um “governo mundial”¹⁵.

Deve-se dizer que uma posição assim tem um importante “mérito”: permite trabalhar e viver por inércia, sem grandes esforços e labuta. As tendências da globalização e a construção de um mundo unipolar são desenvolvidas pelo núcleo ocidental com a ajuda da inerte guinada no volante da história mundial e graças ao trabalho intensivo de afirmar seus interesses. Os valores e interesses do Ocidente, em seu caráter básico, coincidem; o movimento do “fim da história” é irreversível, os argumentos defendidos são somente sobre sua velocidade, suas fases e detalhes. Por mais que tanta pós-modernidade tenha afugentado até seus adeptos, está escrito na lógica dos processos sociais, culturais, tecnológicos e geopolíticos; ninguém será capaz de defendê-los, nem, inclusive, de aboli-los por seu decreto volitivo. Assim, os ocidentalistas russos propõem “relaxar e apreciar”, ainda que se fale sobre algo desagradável, ainda que seja mortal para o país, para as ambições do povo e para a missão histórica da Rússia.

Eles disputam e ridicularizam a própria presença desta missão, aconselham a restrição da ambição e afirmam que desagradados podem ser resolvidos constantemente com a crescente indústria do divertimento, com a propaganda “totalitária” de *glamour* e *show-business*. Se a Rússia desfalecer, como um resultado da globalização, será então o conforto dos liberais, “eis seu ataúde”; o importante é só tornar este desfalecimento tão censurado e “confortável” quanto for possível. A Rússia está morrendo, mas o povo – se puder, claro – terá a chance de se integrar ao Ocidente globalizado, eles permanecerão e provavelmente ainda serão capazes de fazer uso de oportunidades

¹⁵Essa proximidade das posições dos ocidentalistas a Putin e àqueles contra Putin é fácil descobrir com exemplos como a evolução das opiniões do último primeiro-ministro Kasyanov ou do conselheiro presidencial Illarionov, quem facilmente passou por cima da mais radical oposição, mas também por ativamente estudar a lista do conselho editorial da publicação pró-americana, “*Russia in Global Politics*”[“A Rússia na Política Global”], onde a oposição radical (Ryzhkov, Hakamada) pacificamente esteve ao lado dos ministros e dos alto-oficiais da administração do presidente.

novas e abertas: a liberdade da migração, da comunicação, do acesso ao conhecimento, da busca por emprego e igualdade de condições. E deve-se admitir que se pensarmos na Rússia como um país europeu, os liberais estarão certos. Depois de tudo, outros países europeus gradualmente rechaçam sua soberania, transferem o poder – que seja feito com um relinche – aos órgãos supranacionais (a burocracia de Bruxelas), igualam em direitos a população nativa e imigrantes da África e Ásia, apagam as fronteiras, progridem à língua inglesa, e se esquecem das raízes nacionais, culturais e religiosas. Se a “Rússia é um país europeu”, então, como os outros países europeus, precisa se preparar para ser varrida da face da Terra, cedendo seu lugar às novas organizações globalistas. Para a Europa, a integração é somente um estágio temporário. Se nós seguirmos o processo de globalização, no próximo passo o mundo inteiro terá se tornado um “governo unificado” (Estado Mundial), e todos os *narodi* e países serão amontoados sob a “liderança mundial” (o embrião do que até agora é o CFR ou a Comissão Trilateral).

Uma tendência projetada como essa, com respeito às relações da Rússia com o Ocidente, não é absurda e marginal como parece à primeira vista depois da explosão do sentimento patriota, que cresceu durante todo o mandato de Putin e nos primeiros dias do de Medvedev (especialmente depois de Agosto de 2008 e do conflito Rússia-Geórgia). A integração a um Ocidente global (= “civilização global”) é a decisão mais simplória, não demandando quaisquer esforços. Os processos da globalização estão caminhando por si, e mesmo aqueles que não concordam com os valores de seu conteúdo ideológico (por exemplo, China; e a um menor grau a Índia), tentam meramente corrigir esses processos para seu próprio bem, restringir ou atrasá-los de alguma forma, dar-lhes uma cor local definida, nuances contestáveis; mas ninguém – exceto os círculos radicais islâmicos e os movimentos da juventude anarquista dos antiglobalistas – protesta logicamente e contra eles. Partindo desta perspectiva, participar na globalização não parece uma escolha volitiva, mas algo autocompreendido; não solicitando uma escolha, já que é feita por nós, pela lógica da história da Era Moderna, o início normal da pós-modernidade e do “fim da história”.

Assim, não se pode descartar uma decisão ocidentalista

improvisada. O regime soviético, mais ideologizado; radicalmente antiocidente, mais totalitário e controlado que o atual regime, faliu ante sua inexorável lógica do Ocidente e desistiu de sua posição perante os convincentes argumentos da rede de influência que ele próprio desenvolveu. Desejando tomar parte na modernização de alguém a custo de mínimos esforços, a URSS pagou por sua tolice e morreu. Mas o choque foi rapidamente esquecido, e perante o rosto dos crescentes problemas uma análoga aproximação às coisas – Perestroika, reformas liberais, laços mais firmes com os EUA, entrada para a OTAN, rejeição do gigante território e a irritação da região etnossociológica – poderia se repetir inteiramente, especialmente em tempos de problemas que crescem cada vez mais. A oposição liberal fala abertamente disto. Mas uma significativa porcentagem da elite contemporânea russa secretamente mantém a mesma opinião. Por isso, um cenário tal – condicionalmente falando, “Perestroika 2” – ainda dado à sua baixa probabilidade devido ao agravamento do contemporâneo patriotismo russo, não deve de forma alguma ser descartado.

21. A RÚSSIA E O OCIDENTE NA TEORIA EURASIANA

Com uma premissa diretamente contrária, na qual se pode projetar alguma previsão do desenvolvimento das relações da Rússia com o Ocidente, a tese estabelece que a “Rússia é uma civilização independente”, Rússia-Eurásia, um “governo-mundo”. Neste caso, o conceito de Ocidente (como Modernidade e modernização em suas várias configurações), em praticamente todos os sentidos do mundo, do histórico ao moral e ideológico, são tomados como o mal, como um conceito negativo, como uma antítese hegeliana, como o que se deveria rejeitar, derrotar, superar, vencer, livrar-se de, cortar; a longo prazo, destruir. Os Tsares russos da era Moscou mantiveram tal visão (vendo na Europa o “Reino dos Hereges”, “papistas e ladrões”) como os eslavófilos (especialmente os últimos), os *narodniki* russos, eurasianistas e comunistas (em linha com sua especial ideologia classista).

Partindo dessas perspectivas eslavófilas (eurasianistas), as relações entre Rússia e Ocidente devem ser construídas de uma

maneira inteiramente diferente. Essa posição pode ser chamada estritamente de antiocidental. A civilização russa (eslava ortodoxa, eurasiana) deve dar um último e decisivo sopro.

Uma disposição como essa leva a uma completa negação do caminho do desenvolvimento ao longo do qual percorreu o Ocidente e aqueles que se encontraram na sua região de influência, por vontade própria ou à força (através da colonização).

Consequentemente, o primeiro (e o mais importante) ponto da estratégia se torna uma negação da universalidade da experiência histórica da civilização europeia, uma atitude em um caso particular, com uma refutação de todas suas pretensões de ser o principal caminho ao desenvolvimento humano. Isto implica em nem mais nem menos que um desafio a toda estrutura da época da modernidade, um repúdio ao iluminismo, uma equalização do espírito da era moderna a um fenômeno local – i.e. geográfica e historicamente. Se a Rússia é uma civilização independente, então sua lógica, suas fases, dinâmicas, objetivos, valores e orientação podem ser inteiramente diferentes das do caminho do desenvolvimento e estabelecimento do Ocidente. Qualquer que seja o caminho e a lógica, o Ocidente caminhou para o fim da história, para a pós-modernidade e para a sociedade pós-industrial, e a Rússia-Eurásia é muito capaz de dizer a tudo isto um decisivo “não!”, rechaçar em base de seus próprios valores, prioridades, pontos de referência, escolhas e, finalmente, interesses.

Essa posição solicita uma reconsideração metafísica da identidade russa; a imediata elaboração da ideia nacional russa em uma nova fase de seu desenvolvimento, com fim de trazer sob uma completa rejeição do Ocidente um seguro fundamento filosófico e paradigmático.

Tendo entrado neste caminho, e não esperado até que a enorme tarefa do espírito seja cumprida, é muito possível esboçar os princípios fundamentais, procedendo da Rússia-Eurásia, a Rússia (=civilização), pelos quais construirá suas relações com o Ocidente.

O primeiro e mais importante ponto nessas relações será um repúdio da tendência do “Ocidente globalizado”. O Ocidente é um fenômeno local e regional, e todas suas tentativas de apresentar-se como um padrão universal de desenvolvimento não são nada menos que uma pretensão colonialista e racista ao poder absoluto sobre a

humanidade. Uma guerra está declarada no universalismo do Ocidente.

Uma outra conclusão importante segue com isto: a modernização, que o Ocidente trouxe e que leva a todo mundo, não é destino, mas uma possibilidade voluntariamente selecionada, que outros adotam ou rejeitam. Neste caso, a modernização não se transforma em um objeto de desejo como em uma dúbia aventura, quando a sociedade sacrifica os fundamentos religiosos, éticos e tradicionais, mas adquire conforto tecnológico, elevado ao máximo valor e mais importante critério. A modernidade – com seu materialismo, ateísmo e utilitarismo – mostra-se uma tentação, uma atração, mas uma fatalidade ao espírito e à independência de culturas e *narodí*. Desse jeito, a modernidade destitui-se de seu valor histórico, enquanto a sociedade tradicional, incluindo religião, culto, ritos, costumes etc., é compreendida não como algo trivial, não como inércia e superstição, mas como livre-escolha de uma sociedade livre.

O Ocidente atou seu destino à modernidade e à modernização. Se a Rússia é uma civilização independente, diferente do Ocidente, pode (e deve) agir diferente, tendo feito uma escolha em favor da sociedade tradicional. Disto surge uma conclusão muito importante: a modernidade e a modernização não se apresentam como valores absolutos e imperativo incondicional de desenvolvimento. A Rússia pode desenvolver e viver em conformidade com sua lógica interna, ditando sua religião, sua missão histórica, sua original e distinta cultura.

A Rússia, compreendida como civilização, não somente pode, mas deve ter seus próprios valores, diferindo dos das outras civilizações. Assim, ela tem o pleno direito de estabelecer seu próprio modelo político, social, legal, econômico, cultural e tecnológico, sem preocupação com a reação do Ocidente (nem, a propósito, do Oriente).

Em políticas concretas, esses princípios se tornam o modelo do mundo multipolar. Ainda mais, seus polos se tornam não segmentos do Ocidente Global, que só toma pausa com fim de mais efetivamente construir suas sociedades sob um padrão universal, mas civilizações separadas, reivindicando sua própria compreensão da história, seu próprio tempo histórico (cíclico ou linear), sua própria ontologia, antropologia, sociologia, politologia, seu próprio mundo,

que outros podem ou não gostar, embora isso não afete em nada.

Assim nasce a filosofia fundamental da multipolaridade, negando as pretensões do Ocidente à universalidade de seu caminho e convidando os *narodí* de todo o mundo a buscar não somente os meios do desenvolvimento, mas também definir seus fins e sua direção.

Se a Rússia estabelecesse um tal caminho e reconhecesse a si mesma como civilização (como a esmagadora maioria da população reconhece), isto significa uma cruzada contra o Ocidente, negando sua missão universal, ou seja, rejeitar a modernidade e a pós-modernidade como sua última expressão.

Uma posição assim não é tão improvável, apesar de que hoje somente o Irã, a Venezuela, a Síria, a Bolívia, a Nicarágua, a Coreia do Norte, a Bielorrússia e, de uma maneira mais delicada, a China tomam como sua.

Se permitirmos que a liderança política da Rússia tome a esperada medida de proclamar a Rússia como civilização, uma corrente lógica de ações práticas alinhar-se-ão:

- A Rússia fortalecerá suas relações com aqueles países que radicalmente desafiam o Ocidente, a globalização, a modernidade e a pós-modernidade.
- A Rússia começará a dividir o Ocidente, fortalecendo seus laços com a Europa Continental e empenhando-se em livrá-la do controle dos EUA.
- A Rússia estabelecerá uma relação filtrada com os processos de globalização, na esfera da cultura, da tecnologia, de valores, aceitando somente o que promover o fortalecimento do seu poder estratégico e cruelmente jogar fora e deixar fora da lei tudo que enfraquece, corrói e relativiza sua identidade civilizacional.

Este tipo de reviravolta leva a um aumento de relações com os EUA e todos os apologistas do “Ocidente Global”, mas, entretanto, atrairá para a Rússia bilhões de aliados naqueles países que anseiam em preservar lealdade aos seus valores e tradições, ao invés de dissolver-se em um “governo mundial”.

Ninguém sabe o resultado deste confronto, porquanto os

limites históricos sejam tão grandes; uma genuína batalha reberará por significância do “fim da história” ou, de acordo com outro resultado, por sua continuidade. Se um mundo multipolar for construído, a história continuará. Caso contrário, a pós-modernidade ascenderá ao trono irreversivelmente, e terminará, cedendo seu lugar à “pós-história” (este momento, sem qualquer brecha [também: vergonha/desgraça.]).

22. RÚSSIA E OCIDENTE NA ÓTICA DO ATUAL GOVERNO RUSSO [VLAST']

Com o fim de não se render a ilusões vazias e de não tentar passar o desejável para o real, deve ser estabelecido que: hoje, o governo russo ainda não está pronto para tomar uma ou outra direção. Nem Putin, nem Medvedev estão planejando dissolver-se no Ocidente, ou admitir que a Rússia é uma civilização independente e oferecer ao Ocidente uma batalha final. Nem o governo, nem a sociedade estão prontos para um passo assim abrupto.

Tomando em vista a lógica da época pós-soviética, é fácil notar que do desenfreado ocidentalismo o pêndulo da política russa firmemente muda para o lado oposto. A inteira história da presidência de Putin, sua gigante apreciação e o apoio de suas políticas na nação são evidência de que a autoconsciência dos russos está fortemente tendida ao reconhecimento da Rússia como uma civilização e à rejeição do ocidentalismo. E toda sugestão feita pelo governo sobre atuar do mesmo modo é imediatamente aceita com entusiasmo pelas densas massas. Mas, apesar disto, há uma barreira invisível que mantém restringida sua evolução nesta direção. Pode ser que estejamos tratando aqui com a efetividade das ações dos agentes e redes de influência (em primeiro lugar, o CFR). É possível que não haja ainda energia suficiente na sociedade para adentrar a uma nova etapa de lutas civis, que, de uma forma ou outra, os russos promovem através de sua história.

Qualquer que seja o caso, a posição das atuais autoridades russas em relação ao Ocidente (em sua personificação atual) permanece indefinida. As autoridades rejeitam o direto ocidentalismo, mas também não tomam uma alternativa (eslavófila, eurasianista). Eles “paralisaram”, como acontece com um computador de vez em

quando. Nada aqui, nem acolá.

Nós delineamos os cenários gerais do desenvolvimento de relações com o Ocidente, se a liderança tomar uma de duas posições fundamentais: a integração com o Ocidente Globalizado, ou a afirmação dos valores e interesses da Rússia como civilização em um mundo multipolar.

Hoje, a escolha não é feita. É, de toda forma, possível adiar e pôr-se de lado. A impressão criada é que as autoridades russas (Medvedev e Putin) estão sofrendo da própria necessidade dessa escolha, que eles fariam tudo o possível para que uma alternativa como esta não existisse, para evitá-la através de algumas variáveis intermediárias e comprometedoras; tanto Ocidente como não-Ocidente.

A Rússia deve integrar e modernizar, mas ao mesmo tempo, preservar a soberania e a independência [lit.: autonomia (*self-being*)]. Várias concepções como “democracia soberana” são um esforço desesperado de reconciliar o irreconciliável.

Tais indefinições e ambiguidades são confortáveis para uma amplificação tática do campo das possibilidades. Mas não é uma solução do problema, e sim seu adiamento. Pode dar (e de fato dá) um efeito positivo para a reconciliação das elites ocidentais e as massas (nacionalistas) eurasianas. Mas cedo ou tarde uma escolha terá de ser feita. As autoridades russas estão convictas: melhor que seja tarde.

Provavelmente, há campos definidos para uma posição assim; entretanto, “mais tarde” não significa “nunca”. O momento chegará quando se der uma resposta não-ambígua e distinta ao dilema: então, a Rússia é um país europeu ou uma civilização independente [lit.: autônoma (*self-standing*)]?

Quando Medvedev fala de multipolaridade e critica os EUA, tem-se a impressão de que foi feita uma escolha em favor da civilização. Mas no momento seguinte ele aparece em público na companhia dos agentes do CFR de influência e oligarcas e fala de “democracia e modernização”, ressaltando a determinação da Rússia em se tornar parte do Ocidente Global. Putin agiu exatamente da mesma forma: ele constantemente rechaçou seus próprios instintos ideológicos, misturando no mesmo discurso o incompatível e mutuamente exclusivo.

Essa observação mostra: as relações da Rússia e do Ocidente sob a atual administração seguirão em um espaço intermediário entre suas específicas e distintas posições. Ao invés do ambíguo “ou senão”, que predeterminaria as lógicas relações de longo-prazo da Rússia e do ocidente, nós estamos por algum momento destinados a reservas, oscilações e apófises. As autoridades russas não amadureceram para uma resposta a esse problema fundamental. Provavelmente a sociedade não esteja preparada para isso.

Enquanto existir este compromisso, nós não esperaremos uma decisão real e de pleno direito. Mas isso significa que as relações entre Rússia e Ocidente desenvolver-se-ão contraditoriamente e ambigualmente: ambas sim e não.

No entanto, a crise econômica global e a lógica da globalização, sobre as quais o Ocidente não está pensando em barrar, objetivamente acelerará (para nós) o processo de tomar a decisão. Não funcionará “puxar o elástico”, passado um ponto crítico. As autoridades terão de tomar uma decisão, a qual vai predeterminar a lógica do desenvolvimento das relações de longo prazo com o ocidente. É difícil antecipar de que tipo essa decisão vai ser e quando vai ser tomada. Mas temos tentado descrever com grande precisão entre quais decisões serão tomadas.

23. A POSIÇÃO SUBJETIVA DO AUTOR

Nesta seção, minha tarefa é descrever o mais correta e logicamente que eu conseguir os modelos das relações da Rússia com o Ocidente. Por isso eu procurei evitar laudos jornalísticos e a exposição de preferências pessoais. Porém, enfim, não posso deixar de salientar que em minha opinião:

- A Rússia é uma civilização independente;
- O Ocidente e a lógica do seu devir é a estrada para o abismo;
- A pretensão à universalidade de um fenômeno como o progresso, a democracia, o individualismo e o liberalismo esconde embaixo de si o racismo e aspirações de superioridade cultural e colonial;
- A “tolerância”, propagandeada pelo Ocidente, é uma forma de

imposição agressiva de seus valores sobre todas as outras culturas e civilizações;

- O destino da Rússia consiste na afirmação de sua independência, na busca de seu próprio caminho, na defesa de seus valores originais (ortodoxia, moralidade, justiça *sobornost'*, holismo, etc.) e na oposição perante o Ocidente de todas as maneiras.

CAPÍTULO

2

O PRINCÍPIO DE “IMPÉRIO” DE CARL SCHMITT E A QUARTA TEORIA POLÍTICA

1. A ORDEM DOS “GRANDES ESPAÇOS”

Em seu trabalho de 1939 *“A Ordem do Grande Espaço nas Leis das Nações e a Proibição Sobre Intervenção Internacional de Forças Externas. Introdução ao Conceito de “Reich” nas Leis das Nações”*, Carl Schmitt estabelece o conceito básico que permanece no fundamento do projeto neoeurasiático na Rússia no início do século XXI. E apesar de Schmitt ter escrito seu texto pensando na Alemanha do fim dos anos 30, seu significado em longe ultrapassa seu contexto histórico, político e geográfico; prepara o fundamento de um especial modelo de pensamento político-jurídico, que, provavelmente, está destinado a se tornar realidade somente no século XXI e que tem crucial significância para a Rússia contemporânea.

2. A DOCTRINA MONROE

É significativo que Schmitt comece sua consideração sobre a teoria dos “grandes espaços” com a “Doutrina Monroe”, formulada em 1823 pelo presidente norte-americano James Monroe, e tendo se tornado a base da política externa americana por dois séculos. O sentido da “Doutrina Monroe” resume a afirmação de que a política do continente americano deve ser formulada pelos interesses dos governos americanos. No início do século XIX, isso teve um sentido mais concreto, já que a América encontra-se então em um estado semicolonial e os estados europeus constantemente interferem em seus processos políticos. Os EUA, como o mais forte poder americano, tomou a responsabilidade de apoiar a independência do continente americano inteiro da interferência europeia. Este é o ponto em que Carl Schmitt localiza as origens da teoria política dos “grandes espaços”.

O “grande espaço” procede da estratégia anticolonial e propõe (apenas teoricamente) uma aliança voluntária de todos os países do continente, coletivamente empenhando-se para defender sua independência. Propõe-se que a iniciativa na defesa da independência é proporcionalmente colocada sobre os poderes mais fortes, de onde segue a liderança natural dos EUA. Primeiramente assegurar a independência do “grande espaço” americano inteiro significa também o reconhecimento da liderança dos EUA ao lado dos outros países e a atribuição a eles da capacidade fundamental no objetivo de preservar a liberdade do “grande espaço” inteiro. Isto de nenhuma forma sugere que os países americanos se tornam “províncias” dos EUA ou que eles vão perder sua soberania, mesmo que um pouco. Mas enquanto eles puderem na prática assegurar a soberania em escala planetária (em face dos poderes colonialistas europeus), somente todos juntos e com a supremacia dos EUA, a significância deste último país cresce para todos os outros, porque a união com eles influencia diretamente a substância real da soberania de cada país americano.

Tudo isto reflete a realidade da primeira metade do século XIX, mas Schmitt vê precisamente nesta forma original da “Doutrina Monroe” algo mais: um protótipo de uma organização balanceada e harmoniosa do mundo inteiro no futuro; isto é, não uma circunstância historicamente condicionada, mas o projeto ideal para a reorganização futura do espaço planetário.

O significado da “Doutrina Monroe” consiste no seguinte: a necessidade de assegurar a segurança e independência de um país (os EUA) condicionado pelo status estratégico dos poderes adjuntos ou próximos do continente. Em contraste com a Europa, onde grandes estados muito próximos uns aos outros competiram entre si (Inglaterra, França, Alemanha, Áustria, Itália, Espanha, Portugal, Holanda, etc.), os EUA foram o único líder do continente americano, e somente os poderes externos – europeus – representaram uma ameaça a ele. Os outros países americanos eram teoricamente interessados nas mesmas coisas dos EUA (em uma independência do colonialismo europeu), mas não eram competidores reais nesta empreitada; o nível de sua soberania era muito fraco.

Na Europa, a ideia de que a segurança da França dependia da condição política da Inglaterra e da Alemanha era absurda, ao passo

que tanto Inglaterra e Alemanha possuíram poderes comparáveis ao da França, e os Estados europeus foram compelidos a negociar entre si pela criação de um sistema geral de segurança, por exemplo, no “Concerto da Europa”; mas não houve ameaças externas para toda a Europa. Quando a sombra de uma ameaça emergia (da Rússia ou da Turquia), alianças temporárias dos Estados europeus entre si a expulsavam.

Os EUA encontram-se em uma situação bastante diferente, e sua própria salvação depende diretamente da situação política dos outros países americanos, que, tomados por eles próprios, não puderam defender sua soberania e não representam um competidor real para os EUA. Tudo isso é refletido na “Doutrina Monroe”.

3. O STATUS JURÍDICO DA “DOUTRINA MONROE”. A POLÍTICA E A LEI, A LEGALIDADE E A LEGITIMIDADE

Carl Schmitt foi um jurista e prestou atenção especial ao componente legal da política internacional. E assim ele fez a questão concernente ao status legal da “Doutrina Monroe”. Com o fim de compreender a avaliação de Schmitt, devemos relembrar as formas fundamentais da análise schmittiana.

Schmitt divide o campo da lei do campo d'A Política. Ele está convicto de que a lei está subordinada à Política, enquanto a decisão inicial sobre a formulação da adoção ou substituição de uma lei for sempre feita na base da vontade [*волеизъявления*], indo além dos limites puramente legais. Essa esfera de decisão tomada acima da esfera da lei é chamada por Schmitt de “A Política”. Se a lei operar com o par conceitual “permitido-proibido”, então A Política opera com o par conceitual “amigo-inimigo”. Em contraste com a moralidade, as determinações de “amigo-inimigo” na Política não dizem nada sobre se está tratando com o “bem” ou com o “mal”. Esses conceitos não têm um *a fortiori* e um status legal. Um inimigo pode ser nobre, justo e honrado, mas ele deve ser derrotado, esmagado e destruído, porque é um inimigo.

Seguindo Max Weber, Schmitt também distingue “legalidade” e “legitimidade”. A legalidade é correspondente a um código estritamente determinado e legal. A legitimidade é a total e geral

correspondência de uma ou outra ação ou decisão política com a opinião da maioria, do *narodi*, da sociedade. A política e a lei, a legalidade e a legitimidade estão bastante conectados entre si e diferenciá-los em casos específicos é difícil. Só em uma situação crítica (“um estado de emergência”) que sua natureza se torna inteiramente aparente, porque A Política vem à tona por si mesma, exibindo sua superioridade essencial sobre a legal. Aqui, também, o conceito de legitimidade se torna aparente e vem à força como potencial de soberania.

Aplicando esses conceitos à “Doutrina Monroe”, pode-se dizer que foi pensada pelos americanos como inteiramente legítima, pertencendo à essência da Política e emergindo da decisão soberana de assegurar a soberania dos EUA, e do continente americano inteiro ao mesmo tempo, de maneira apropriada.

“A Doutrina Monroe” é a quintessência das relações exteriores americanas. Quem é inimigo e quem é amigo é determinado por isso. Amigos foram todos os países americanos; inimigos, os grandes Estados europeus com sua invasão colonialista sobre o Novo Mundo. Com o fim de defender sua soberania contra o “inimigo”, uma decisão foi tomada para considerar o território inteiro da América como um espaço estratégico. E isso foi compreendido pelos americanos (pelo menos pela classe política americana) como um fenômeno inteiramente legítimo. “A Doutrina Monroe” não adquiriu status legal-jurídico, mas só acrescentou flexibilidade em sua adoção, enquanto isto permitiu seus objetivos de serem realizados com mais facilidade na prática.

A essência da Política dos Estados Unidos da América foi exibida na medida certa na “Doutrina Monroe”. Nesse momento os EUA tomaram uma decisão histórica concernente ao seu status mundial. A tese “América para os americanos” teve nesse momento um significado mais concreto: “para americanos, mas não para europeus” (“não para europeus” como poderes externos e controladores).

4. A EVOLUÇÃO DA “DOUTRINA MONROE”

Schmitt nota uma mudança no sentido da “Doutrina Monroe”

já no século XIX, quando os EUA começam a usá-la como máscara para políticas colonialistas dentro do continente. Verdade, em comparação com o aberto colonialismo dos Estados europeus, o colonialismo dos EUA permanece relativo; toma lugar sob a máscara da “divulgação dos valores democráticos”; isto é, aos olhos dos cidadãos dos EUA é uma atividade civilizatória e libertadora. Schmitt descobre que se há aí um desvio do teor inicial, então com o tempo se tornará insignificante, já que a prioridade dos EUA no quadro da “Doutrina Monroe” pode teoricamente ser interpretada de forma mais ampla.

Uma mudança muito mais importante na doutrina ocorre no começo do século XX, quando o presidente americano Roosevelt e especialmente Wilson, propõem com respeito à “Doutrina Monroe” interpretá-la separadamente da realidade histórica e geográfica e enraizar com sua ajuda a necessidade da participação dos EUA nos problemas mundiais pelo “fortalecimento da democracia, dos direitos e da liberdade”. “A Doutrina Monroe” claramente emerge para além dos limites americanos e transforma-se em uma teoria universalista e planetária, apoiando um novo tipo de colonialismo; não europeu (aberto, franco e cínico), mas americano (disfarçado de função civilizatória e ideológica de espalhar a liberal-democracia). Os ingleses também tentaram aplicar a “Doutrina Monroe” em sua forma universalista-hegemônica e ideológica ao império global, tendo-se afirmado como um princípio internacional a necessidade do controle inglês sobre os canais globais, já que a segurança (econômica, por isso também política e militar) da Inglaterra diretamente depende disto.

De uma teoria anticolonialista conectada a um “grande espaço” concreto, no século XX a “Doutrina Monroe” começou a transformar-se em uma teoria universalista e ideológica de um novo tipo de colonialismo planetário (marítimo, inglês e especialmente americano).

Para os americanos e ingleses isto foi também uma decisão política, uma distribuição das funções de amigos e inimigos, e foi baseada na legitimidade interna. Mas para os países continentais – Alemanha, França, Rússia – e também para certos governos da Ásia (Japão), esta promulgação da “Doutrina Monroe” foi categoricamente inaceitável, hostil e ilegítima.

Depois da vitória sobre a Alemanha na Primeira Guerra Mundial e da revolução na Rússia, sobre os fundamentos da nova interpretação da “Doutrina Monroe”, sob a ordem da Inglaterra e dos EUA, uma tentativa foi feita em construir um sistema de lei internacional (a Liga das Nações). Esse sistema recebeu o nome de Versalhes. É muito importante compreender como isto esteve conectado com a “Doutrina Monroe”.

Os países da Entente emergem aqui como os sujeitos da soberania (primeiramente a Inglaterra, a França e os EUA), e o território controlado por eles em ambos os lados do Oceano Atlântico é tomado como centro coletivo. O resto do mundo é considerado periferia, de onde as ameaças podem surgir, e consequentemente, não é permitido deixar que sequer um dos países pertencentes à periferia adquira poder. A Liga das Nações sob a égide da Inglaterra, da França e dos EUA é convidada a ser para o mundo inteiro o que os EUA foram para o continente americano: uma garantia de segurança contra inimigos. Mas se na versão original da “Doutrina Monroe” os países europeus foram inimigos, agora eles se tornaram párias: a Alemanha de Weimar, a jovem Rússia Soviética, o Japão militar, etc. Foi oferecido aos outros países, incapazes de defender independentemente sua soberania em face da suscetível agressão dos “párias”, adotar o protetorado dos Estados ocidentais no quadro da Liga das Nações.

Assim, a “Doutrina Monroe” arrancou de si mesma um concreto “grande espaço” e tornou-se o fundamento de um modelo planetário e universalista de ordem mundial. Mais que isso, perdeu sua função defensiva e transformou-se de um instrumento de guerra anticolonialista em um colonialismo (de um novo tipo ideológico, liberal-democrático).

Carl Schmitt mostra que os arquitetos de Versalhes tentaram transmitir à nova edição da “Doutrina Monroe” (na interpretação de Woodrow Wilson) um status legal-jurídico, mas por causa de contradições essenciais acabou não sendo feito. Não obstante, para a ordem mundial de Versalhes e para a época da Liga das Nações isto foi o modelo legítimo fundamental, tendo expresso A Política e descrevendo a estrutura de soberania.

Depois da Segunda Guerra, este mesmo modelo permaneceu nas fundações do bloco OTAN; acrescentando os derrotados

Alemanha e Japão incluídos no “espaço do Ocidente”, ao passo que a URSS e os países do bloco soviético se tornaram o principal inimigo.

5. O GRANDE ESPAÇO E O “REICH” NA COMPREENSÃO DE SCHMITT

Carl Schmitt escreveu seu trabalho na véspera da Segunda Guerra Mundial, e ele estava interessado em tentar compreender a figura que via. Pragmaticamente, ele justificou a política externa da Alemanha nazista. Teoricamente, ele se esforçou em compreender a imagem política da política externa. Schmitt resolve ambos os problemas no texto que estamos analisando.

Separando na “Doutrina Monroe” dois sentidos remotos (o original, conectado com um concreto “grande espaço”, e o deformado, o tipo ideológico-imperialista de “Versalhes”), Schmitt os contrasta bem um perante o outro. Mais que isso, ele aplica à versão original da “Doutrina Monroe” o termo científico de “grande espaço” e de “a ordem dos grandes espaços”, nos quais ele propõe construir, a longo prazo, um sistema de lei internacional.

Ele sublinha que no conceito de “grande espaço” ambos os termos não têm um histórico quantitativo (natural, científico), mas qualitativo e, se ficar melhor, sagrado. “Grande” refere-se não somente à dimensão física, mas ao nível de organização, consolidação, aperfeiçoamentos e de integração da extensão em uma unidade sociocultural, civilizatória, estratégica e política. Este é o sentido em que nós fazemos uso do conceito de “grande”. “Espaço” é também pensado não como uma categoria da física abstrata, mas uma concreta paisagem, floresta, campo, montanhas, rios, morros, formador do ambiente existencial dos *narodi* e das raças. Neste sentido, o conceito de “grande espaço” diretamente se aproxima do conceito de “império” (a palavra alemã “*das Reiche*” significa “império”, “reinado”).

Os eurasianistas russos empregaram a expressão “governo-mundo” (Savitsky). Nesta fórmula, “governo-mundo”, incidentalmente, há também ambiguidade, a qual Schmitt detectou na “Doutrina Monroe”. Savitsky compreende “governo-mundo”, “império”, como uma parte concreta do espaço mundial, representando uma unidade civil (esta é a base do eurasianismo). Assim era na versão original da “Doutrina Monroe”. Mas se voltarmos

ao real significado eurasianista de Savitsky, a mesma expressão pode ser interpretada como globalismo, ou seja, o conceito de “governo mundial”, “liderança mundial”. Isto é exatamente o que aconteceu na era Versalhes e com a criação da Liga das Nações e que foi refletido na criação da OTAN, a ordem mundial da “Comissão Trilateral”, e o globalismo contemporâneo de centro americano.

O universalismo (o globalismo) opera com um retrato físico do mundo; o “grande espaço”, com um retrato histórico e sagrado. O sujeito do universalismo é o indivíduo (a teoria liberal dos “direitos dos homens”). Para a teoria do “grande espaço”, o sujeito é o *narod*, um coletivo real e orgânico. Esta é a causa de Carl Schmitt conectar os conceitos “direitos dos *narodi*” e “grande espaço”. A essência das duas noções contrastantes da ordem mundial são refletidas aqui: multipolar e unipolar, real-histórica e universal, baseada em “impérios” (“*Reichs*”, no termo de Schmitt) ou representando um único império (no nosso caso, o americano: papel que os EUA ostentam no quadro original da “Doutrina Monroe” no século XIX em relação ao continente americano, e que, juntamente com os países da OTAN, começam a ostentar no século XX em relação ao mundo inteiro).

Em 1939 Schmitt viu o Terceiro *Reich* precisamente como um “império”, como um “grande espaço”, como um “governo-mundo”. E tentou justificar tal sentido para a Alemanha. O Terceiro *Reich* como um “grande espaço” para Schmitt não foi tanto um conceito alemão, mas europeu. Ele viu nele a expressão da civilização europeia continental em sua expressão clássica (e não iluminista) – Schmitt foi um católico e conservador fervoroso. Ele compreendeu o governo nacional-socialista como o cerne dos *narodi* da Europa, não como um novo poder colonialista ou como um governo nacional. Por isso sua atitude perante os “direitos das nações”. Schmitt, enquanto um apoiador de Hitler, nunca concordou em seus textos com a interpretação racista e estritamente alemã do “*Reich*”. Por “*Reich*” Schmitt entende a iniciativa comum de todos os *narodi* europeus, e embora historicamente o império romano ocidental tenha sido estabelecido na base das tribos germânicas, todas as etnias europeias participaram em uma história imperial comum e devem ter direitos iguais no futuro.

O nacional-socialismo de Schmitt fundamentalmente difere do

nacional-socialismo de Hitler ou de Rosenberg, precisamente porque Schmitt pensa na categoria de *narod*, e não de um *narod*, o alemão, ou a notória “raça ariana”, pela qual os nazis ignorantes compreenderam somente os alemães. Ele pensa nas categorias do “grande espaço”, nas categorias de uma harmoniosa coexistência de diferentes impérios (inclusive o “russo-soviético”, eurasiático), e não na colonização alemã. Precisamente por isso que em 1936 no jornal “Corpo Negro” (“*Schwartz Korps*”) foi publicada uma denúncia de Schmitt, custando sua carreira. Mas Schmitt nunca foi oportunista e continuou a desenvolver suas ideias ainda como “dissidente”, fazendo muitas “revoluções conservadoras”, deslocado à periferia ou ainda sujeito à perseguição pelos zelosos diletantes e fanáticos nazistas.

No trabalho que estamos analisando, é notável que Schmitt continua a usar a expressão “direitos dos *narod*” no auge das políticas racistas de Hitler, que reconhecia somente os alemães como valorosos. O “Terceiro Reich” de Schmitt (exatamente como o “Terceiro Reich” do autor deste conceito, Arthur Moeller Van Den Bruck) é um “Reich” diferente do de Hitler; é um “império”, um “grande espaço”, habitado pelos *narod*, cada qual tendo direitos iguais na criação d'A Política e participando de seu próprio destino. E a autoridade central, o centro do império [*метрополия*], é chamado em primeiro lugar para manter seguros todos os *narod* da interferência dos poderes extraespaciais (isto é, do que se fala no próprio título do texto analisado). Em sua política, Hitler cometeu o mesmo erro que os imperialistas estadunidenses e ingleses, que foram do “grande espaço” para o universalismo e globalismo, com diferença de que os últimos tomaram como um escudo a ideologia liberal-democrática, enquanto Hitler tomou como um escudo as doutrinas racistas e a ideia de um “governo global ariano”, nada menos absurdo e deletério que a ideologia dos direitos do homem.

Se atendermos com mais atenção às ideias de Schmitt (de forma mais ampla, às ideias dos revolucionários conservadores: de Spengler, Ernst von Salomon, Otto Petel, Arthur Moeller van den Bruck, Franz Schauwecker, Ernst e Friedrich Junger, Herman Wirth, Friedrich Hielscher e Nikish a Heidegger), descobrimos facilmente que estamos falando sobre a Quarta Teoria Política (lado a lado com o liberalismo, comunismo e fascismo), que foi ocultada pela Terceira (as

variantes nazi e fascistas). A tragédia da ideia é que essa Quarta Teoria Política, historicamente ofuscada pela Terceira, em certo ponto entrou em solidariedade com ela, não tendo sobrevivido uma guerra ideológica de três frentes (junto com as polêmicas contra os liberais e comunistas, os revolucionários conservadores tiveram que enfrentar deturpações de suas próprias ideias no nazismo vulgar).

Muito pode ser escrito sobre o fato de que a Alemanha foi compelida a se opor não somente aos seus inimigos principais, os ingleses liberal-democráticos, mas também à expansão soviética do Leste, e também sobre o sentimento natural do patriotismo alemão. E alguns (incluindo Schmitt) esforçaram-se a agir dentro do regime, com fins de reinterpretar a direção suicida de Hitler no espírito dos “direitos dos *narod*” e do “grande espaço”. Mas como um resultado a Quarta Teoria foi sepultada sob as ruínas do Terceiro Reich, permanecendo historicamente o Reich de Adolf Hitler, e não o “Reich” de Carl Schmitt.

6. O “GRANDE ESPAÇO” SOCIÉTIVO. O REICH SOCIÉTICO

O modelo de “grande espaço” é perfeitamente apropriado para uma análise do período soviético russo. Os eurasiáticos russos desenvolveram este tema de forma perfeitamente independente. Eles também operaram com a categoria central do “grande espaço”. Savitsky introduziu para esta análise o termo de “espaço-desenvolvimento”. Como também para Schmitt, para os eurasiáticos russos os inimigos fundamentais foram os países liberais do Ocidente, apesar dos eurasiáticos incluírem a Alemanha na composição do Ocidente ao passo que Schmitt supôs ser o centro do continente europeu, desde que “O Ocidente começa depois do Reno”.

Aqueles mesmos eurasiáticos previram com uma absolutamente perfeita precisão a evolução da política externa soviética desde o internacionalismo dos primeiros anos às políticas imperiais de pleno direito do fim dos anos 1920. A URSS foi um exemplo clássico do grande espaço, que, na terminologia de Schmitt, poderia bem ser chamado de “Reich soviético”. O termo adequado é “Eurásia”, introduzido pelos eurasiáticos, e convocado a enfatizar a unidade orgânica do “grande espaço” do continente eurasiático,

correspondente aos limites da Rússia, da antiga Russ à URSS. Além do mais, em contraste à maneira ideológica de pensar dos bolcheviques e dos líderes da URSS, que basearam suas teorias no marxismo, onde nada é dito sobre espaço, ou tradição, ou civilização, os eurasianistas interpretaram a URSS como um organismo histórico-espacial, civilizacional e geopolítico, e não apenas como uma construção ideológica. Especialmente sua análise da história soviética – principalmente aplicável ao período estalinista – provou ser a mais correta e precisa dentre todas as outras forças emigrantes. Os eurasianistas avaliaram a URSS quase como Schmitt o fez com relação ao Terceiro *Reich* de Hitler. Eles viram através da escumalha soviética a profunda lógica do “grande espaço”, a legitimidade de um “império” eterno, a dialética da Terceira Roma, e a soberania histórica do *narod* russo, entregue à elite política (no caso aos bolcheviques) com uma ordem: salvar o país e os *narodi* da interferência de poderes externos. E os bolcheviques cumpriram esta missão durante setenta anos.

Essencialmente, os eurasianistas foram os representantes da Quarta Teoria Política, como foram também os revolucionários conservadores alemães. Mas eles discerniram seus elementos não sob o fascismo (a Terceira Teoria Política), mas sob a Segunda Teoria Política. Esta análise é dada de uma maneira particular por Ustryalova.

A ideia de construir o socialismo em um país no que diz respeito à Rússia foi já um giro ao “grande espaço” e à legitimidade do “*Reich*”. Se permitíssemos que o poder da Quarta Teoria Política na Alemanha nazista e na URSS tivesse provado ser decisivo, enquanto os argumentos ideológicos superficiais tivessem recuado a um lugar de importância secundária, teríamos recebido um mundo completamente diferente: ideal (dentro do possível), multipolar e estável. Um irrealizado (descartado) esboço da vitória puramente teórica da Quarta Teoria Política vemos no Pacto Ribbentrop-Molotov e na concepção de um diferente revolucionário conservador, Karl Haushofer, “o eixo Berlim, Moscou e Tóquio”.

7. A NOVA RELEVÂNCIA DA QUARTA TEORIA POLÍTICA

Agora nós voltamos ao presente. O legado de Carl Schmitt

tornou-se hoje um componente inalienável da cultura política e jurídica da elite ocidental. Como está claro, ultrapassou em longe sua real situação histórica e penetrou naqueles problemas fundamentais, que não perderam sua relevância até hoje, que, pelo contrário, apenas ganharam relevância. Mas, se ampliarmos um pouco nossa visão, torna-se compreensivo que estamos falando não apenas de Schmitt ou do seu legado pessoal. Na verdade, a significância da Quarta Teoria Política como um todo, o impressionante representante que foi Carl Schmitt, apesar de não ter sido ele sozinho, está crescendo dramaticamente.

Nos nossos tempos, das três teorias políticas fundamentais do século XX emergiu apenas uma, a liberal. O fascismo desapareceu; o comunismo quase desapareceu. Em todo caso, relacionar um ao outro não é possível. Não apenas porque perderam historicamente, o que é apenas metade do problema; mas porque se tornaram ideologicamente obsoletas. Aqueles que acreditaram nelas não foram destruídos; eles foram humilhados e desonrados em nível teórico. Hoje, nem os fascistas nem os comunistas podem distintivamente explicar as razões da sua falência, e especialmente por qual razão não há nenhum deles no presente nem mesmo no futuro. O pensamento fascista chegou ao nada; o marxista em seu estado puro está desaparecendo. E do jeito que está, ficarão, sem erro, unidos a outras tendências ideológicas estrangeiras (nacional na Ásia e no Terceiro Mundo, liberal nas social-democracias europeias). A Quarta Teoria Política, à qual relacionam as ideias de “grande espaço”, “império”, “direito das nações”, “democracia orgânica”, “multipolaridade”, “espaço-desenvolvimento”, “soberania geopolítica”, e “geopolítica”, por um lado, mais e mais prova sua força. Precisamente está se tornando ante nossos olhos a única razoável e bem fundamentada alternativa ao globalismo, aos “direitos do homem”, à unipolaridade, ao universalismo liberal-democrata, ao individualismo e ao totalitarismo do mercado e aos valores de mercado.

Schmitt previu um mundo consistindo de “impérios”, “grande espaços” e “*Reichs*”. Aplicando suas visões na atualidade, pode-se bem distinguir no futuro um “Império” Atlântico (com seu centro nos EUA), um “Império” Asiático (com um condomínio da China e Japão), um “Império” Europeu (correspondente à ideia de Schmitt) e,

finalmente, um “Império” Eurasiano.

Schmitt viu-se como um observador do Império Europeu, e considerou o mundo na ótica do *Reich* Europeu. Os eurasianistas elaboraram as bases de uma cosmovisão análoga, ao somente olhar para o mundo desde a Rússia. O modelo japonês da reorganização do Oceano Pacífico em um “grande espaço” foi interrompido pela derrota na Segunda Guerra Mundial, e hoje a China está tentando arcar com a liderança neste processo. A Rússia recentemente perdeu um enorme segmento de seu “grande espaço”, mas está gradualmente se orientando a uma direção eurasiática (que sugere uma nova fase de iniciativas de integração).

Se três potenciais “grandes espaços” (o europeu, o eurasiático e o asiático) estão orientados à expansão com a finalidade de tornarem-se “impérios”, “*Reichs*”, então a expansão atlântica, que pretende hoje a universalidade e o globalismo, terá que se comprimir. Com o fim de que os EUA retornem mais uma vez à versão original da “Doutrina Monroe”, com o fim de que mais uma vez eles se tornem um “grande espaço” e um “império”, sua influência deve ser bastante reduzida.

Uma análise como essa mostra que a teoria dos “grandes espaços” de Carl Schmitt, como uma expressão gráfica de todas as construções da Quarta Teoria Política, é a plataforma mais segura para um mundo multipolar, para o antiglobalismo, para o antiamericanismo e para a luta nacional-libertária contra o domínio global americano.

Uma consideração do texto “A Ordem do Grande Espaço no Direito das Nações e a Proibição da Intervenção dos Poderes Externos [*The Order of the Large Space in the Rights of Nations and the Prohibition on the Intervention of the Foreign Powers*]” de Carl Schmitt, livre das condições históricas, unida com os outros textos fundamentais tanto do Schmitt como dos outros revolucionários conservadores, representa uma parte inalienável do legado da teoria neoeurasiática e ajuda a melhor compreender o significado de neoeurasiatismo, a expressão contemporânea da Quarta Teoria Política, reformulada nas condições do século XXI pelos russos, na Rússia, nos interesses da Rússia e pelo sucesso da Rússia como um Estado-mundo.

O Neoeurasiatismo – que é a teoria política da construção do império, de um “grande espaço”, no presente e no futuro. Ou o

Neoeurasiatismo se torna o paradigma da elite russa, ou uma ocupação nos espera. Noticiemos que outros potenciais “grandes espaços” e outras nações estão todas sem exceção interessadas em que um renascimento eurasianista comece na Rússia. Todo mundo ganha com isso, visto que os eurasianistas inflexivelmente discursam não pelo universalismo, mas pelos “grandes espaços”, não pelo imperialismo, mas pelo “império”, não pelos “interesses de uma única nação”, mas pelo “direito das nações”.

CAPÍTULO

3

DEMOCRACIA: SAGRADA OU SECULAR?

Em relação à democracia, existe uma multiplicidade de mitos errôneos. A maioria das pessoas está certa de que esta é a forma de organização política mais contemporânea, desenvolvida e “civilizada”, fundamentada no princípio de igualdade política de todos os indivíduos de uma sociedade real. Para dizer o mínimo, não é bem assim.

1. A DEMOCRACIA COMO UM FENÔMENO ARCAICO: ÊXTASE COLETIVO

A democracia é a forma de organização política mais antiga, arcaica, primitiva e, se preferir, “bárbara”, que existe. As mais antigas sociedades conhecidas por nós da história foram construídas precisamente pelo princípio democrático. As decisões fundamentais relacionadas ao destino da tribo ou ainda à inteira etnia foram sempre adotadas coletivamente, na base da opinião geral dos membros plenipotenciários da sociedade. As mais antigas famílias, soldados, sacerdotes, e os que são chamados de “mestres do fogo” (proprietários domésticos) previram um elementar “parlamento” de povos antigos. Para os germânicos isto foi chamado de “*Ting*”; para os eslavos, “*Veche*”, e ainda a expressão romana “*Res Publica*” carrega em si um eco de assembleias coletivas de tribos latinas, onde as “coisas” gerais e fundamentais para a vida foram discutidas (“*res*” em latim é “coisa”, que é próximo, em sentido, à palavra russa “*Veche*” ou germânica “*ting*” ou “*ding*”, em alemão, também “coisa”).

Na base da democracia está o princípio de uma forma coletiva de tomada de decisões, e o próprio procedimento deve tomar em conta o maximamente amplo espectro de representantes da sociedade. Mas é este mesmo princípio que é uma parte inalienável das sociedades antigas e arcaicas, onde o indivíduo não era separado em uma quantidade independente, e o mais importante, agindo como

personagem da história foi “a alma do *ethnos*”, mais comumente compreendido como “totem”, “espírito” (*duhk*), ou “deidade étnica”. Foi precisamente com o fim de permitir que essa instância supraindividual interferisse diretamente no destino do coletivo que os procedimentos democráticos foram introduzidos. Com relação a “*Veche*” [coisas] houve uma demanda por uma decisão, que nenhum dos participantes poderia tomar separadamente. Esta decisão foi antecipada por um escalão “transcendental”, que se exibia através da assembleia. Por essa razão, todas as assembleias passaram a ser abertas com rituais, na direção das quais os deuses e espíritos foram invocados. Na verdade, eram eles, agindo através do povo, que tomavam as decisões. Nisto consiste o significado literal do ditado romano “*Vox populi – vox Dei*” [“A Voz do Povo é a Voz de Deus”].

Assim, na base da democracia permanece o misticismo do êxtase coletivo, quando a comunidade “deixa-se” encontrar com a alma coletiva (“Deus”), que, por outro lado, “vem” a eles.

2. A DEMOCRACIA É BASEADA NA IGUALDADE, NOS “IDIOTAS”

A democracia de nenhuma forma reconhece a igualdade individual. Há uma cruel qualidade nisto, que separa os que são aceitos em participar no “êxtase político de decisão” daqueles que não são. Por tal razão, os participantes reais dos processos democráticos em todas as sociedades reconheceram somente grupos sociais. Em sociedades diferentes a estrutura é diferente, mas o princípio de inclusão de alguns no processo democrático e a exclusão de outros é o caráter fundamental de todos os tipos de democracia.

Nas tribos guerreiras germânicas, somente guerreiros livres e sacerdotes eram admitidos ao “*ting*”. Mas já que praticamente todos os membros dessas tribos (inclusive os sacerdotes) eram guerreiros, a democracia guerreira germânica, compreensivelmente, era a mais direta e sábia. Somente escravos de guerra eram excluídos dela, juntamente das mulheres, crianças e, naturalmente, estrangeiros. Na *polis* grega, onde o modelo democrático foi estabelecido, como em Atenas, por exemplo, para participar na democracia, era exigido ser um “cidadão” da *polis*, que significava a ascensão da família ao fio mitológico da *polis* (a nobreza), a posse de algumas condições

materiais e a submissão a alguns determinados modelos morais de pensamento. Os pobres, escravos e mulheres estavam da mesma forma excluídos dos processos democráticos; e o “nascido estrangeiro”, inclusive a nobreza que vinha de outra *polis*, eram chamados de “*idiotas*” (do grego: “os excluídos”, “não-cidadãos”). Na base do termo clínico contemporâneo “idiota” encontra-se a compreensão política que designa uma pessoa que está firmemente mantida longe da participação democrática.

Em todos os tipos de democracia uma seleção dos participantes legais é feita para assegurar o livre acesso à “alma” (“Deus”, “deuses”) do coletivo para envolver-se no destino da sociedade.

3. MODERNIZAÇÃO POLÍTICA: DA DEMOCRACIA PARA A TIRANIA

Na história ocidental, como em algumas outras civilizações, a modernização dos sistemas políticos procederam da rejeição da democracia, na maioria das vezes em favor da aristocracia e da monarquia. Embora ainda neste caso o caráter sagrado do poder tenha sido ainda preservado, o princípio individual e racional se torna mais e mais visível. As decisões políticas foram feitas já a um nível maior por indivíduos ou por um indivíduo em separado, e portanto adquiriram um caráter mais racional e puramente humano. Partindo da democracia arcaica, a civilização evitou a proximidade dos deuses e do mundo no qual homem e deus entrelaçavam-se ao ponto da indistinção. Por esse motivo Aristóteles escreveu que “a democracia é prenhe da tirania”. A tirania substitui a democracia, como um tipo mais moderno de organização política, em que, pela primeira vez, em um indivíduo em separado é claramente manifesto, em nosso caso, o tirano. Nesse processo, o “divino” é humanizado.

4. O PARADOXO DO RENASCIMENTO: EM DIREÇÃO À ANTIGUIDADE

O quanto podemos compreender o fato de que na idade moderna, na época do iluminismo e do progresso, a Europa voltou-se para a democracia, trajeto do que foi perdido nas sociedades ocidentais há mais de dois mil anos atrás? Parece, realmente, que entre

a antiga democracia de Atenas e as repúblicas parlamentares modernas europeias, estes muitos séculos de história ocidental foram marcados por sistemas políticos monárquico-aristocráticos. A resposta está na época do Renascimento.

A época do Renascimento é responsável por muitos paradoxos que se tornaram conhecidos mais tarde. Nesse período, um gênio europeu decidiu abandonar as normas racionais dos escolásticos e liberar a dimensão humana. Geralmente isso é construído como um passo adiante. Alguns prestam atenção ao fato de que as figuras do Renascimento tomaram como modelo precisamente o homem antigo platônico e repudiaram os dogmas católicos não por causa de uma ordem secular e científica (que não existia ainda), mas por ensinamentos mágicos, alquímicos e herméticos. Em outras palavras, eles estavam favorecendo o profundo conhecimento arcaico, a prática extática de experienciar o abrangente caráter sagrado do mundo. Marsilio Ficció, Giorando Bruno e Miquelângelo foram defensores apaixonados do platonismo e da Grécia antiga, pesquisadores dos mistérios egípcios, e conhecedores da Kabbalah. É da sua herança que o interesse europeu na democracia vem. A democracia política foi descoberta junto com Plotino e Hermes Trimegistus, a pedra filosofal, e os deuses antigos que pareciam ter deixado o mundo para sempre.

5. SINAIS ARCAICOS DAS DEMOCRACIAS MODERNAS: SUFRAGISTAS E HITLER

Assim, na recente história europeia aqui e acolá encontramos irrupções das bases arcaicas. A democracia acaba por se tornar algo “sagrado”. Tente simplesmente, em uma conversação com um típico moderno europeu ou americano, questionar a democracia, e verá o resultado. Você se tornará um “pária”, um “não-cidadão”, e um “idiota”. Pode parecer estranho para muitos hoje, mas às mulheres nas sociedades ocidentais só lhes deram o direito de voto depois de três séculos desde que o costume foi introduzido na Europa – no fim do século XIX e no início do século XX o movimento dos “sufragistas” (do significado francês da palavra: “votar”) exigiu que “a mulher europeia votasse da mesma forma como podem os homens”. Na democracia americana, há mais de duzentos anos atrás, ainda operava

um princípio racial (os direitos dos escravos nativos americanos e africanos foram cortados), assim como a adequada qualificação (a presença de propriedade considerável), que limitou o círculo dos “eleitos” permitidos a exercer a democracia. O sistema político americano incluiu as amplas atividades das lojas maçônicas e outras sociedades secretas, que proporcionaram, e continuam a proporcionar, o conteúdo “sagrado” à democracia americana. E, finalmente, um exemplo completamente paradoxal: a fundação da Alemanha nazista. Como foi possível que em um país europeu desenvolvido, moderno, civilizado e iluminista do século XX – um século de civilização e progresso – na base de um procedimento absolutamente democrático, perante todo o povo, um homem foi eleito ao poder, restabelecendo na Alemanha não apenas um espírito medieval, mas arcaico, com rituais massivos, pesquisas irracionais pseudocientíficas, e forte segregação racial? Aqui, mais uma vez, como com todas as democracias, o princípio de “separação” foi empregado em grande medida; alguns foram admitidos na prática extática, outros foram cruelmente removidos dela.

6. A DEMOCRACIA GLOBAL COMO REINADO DO ANTICRISTO

A democracia do século XXI apresenta-se externamente como o sistema político mais moderno, tenta incluir em si todos os indivíduos, sem diferenças em cidadania, orientação sexual, capacidade material, especificidades raciais e étnicas. Isto é baseado na teoria dos “direitos humanos”. Mas neste caso, também, não há vestígio de racionalidade de eleições, ou significância da individualidade, ou igualdade de influência na tomada de decisões. A razoabilidade de uma pessoa é suprimida pela irracionalidade de outra, e através de todas as tentativas de “modernizar” a democracia de novo e de novo emerge sua essência antiga, absolutamente arcaica e, por último, irracional (que “racionalidade” existe no lugar do vago e extático “espírito”?!). Somente agora, através do projeto da sociedade civil mundial, se fala não em espírito da *polis*, tribo ou *narod*, mas de algum tipo de essência “generalizada”, “comum”, cuja tradição cristã se inclina a interpretar como “o Príncipe do Mundo”. E a balbúciação inarticulada das massas planetárias é interpretada pelos colegas dos

antigos sumo-sacerdotes que falam hoje sob a máscara de campeões da “sociedade aberta” ou da “globalização”. Pode-se entender a quem, na verdade, eles servem.

CAPÍTULO

4

O CONSERVADORISMO COMO UM PROJETO
E EPISTEME1. A INADEQUAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES POPULARES DO
CONSERVADORISMO

Uma das mais típicas ilusões com relação ao conceito de “conservadorismo” consiste na simplista ideia de que os conservadores são aqueles que “querem preservar o passado, deixando (ou fazendo) tudo como sempre foi”. Na verdade, no sentido político, o conservadorismo não é a preservação do passado e nem o apelo à tradição. O conservadorismo é uma abordagem filosófica que interpreta o tempo muito especificamente. Não meramente seleciona algum setor do tempo (o passado) como prioridade, mas opera com uma noção peculiar do tempo, que é de jeito nenhum banal e que demanda uma análise mais cuidadosa.

2. A FILOSOFIA DA HISTÓRIA E O DIACRONISMO

Na cultura da modernidade nós nos acostumamos a operar com uma abordagem diacrônica da história, que se tornou para nós algo tomado por negligência. Esta abordagem separa três categorias; estabelece em ordem estrita e irreversível o passado, o presente (“o efêmero”) e o futuro. Notemos, “o passado” é o que “passou”. O presente é o que “permanece”. E o futuro é o que virá, o que vai surgir. Todas as raízes desses conceitos – o passado, o presente e o futuro – são tiradas não do sentido de ser, mas do sentido de movimento (ou seu momento de “ficar”, de “parar”). Precisamente nisto consiste o caráter específico de historicismo e de história filosófica. Esta maneira de compreender o mundo através do movimento e da parada foi afirmada na cultura ocidental na modernidade [lit.: o novo tempo] juntamente com o conceito de

progresso. Um tempo unidirecional como este contém em si a ideia de progresso [do latim, *progressus*], ou seja, literalmente, “movimento para frente”.

A total e extensiva adoção de um paradigma diacrônico tal, em tempos força os conservadores a direcionar sua atenção para o passado como uma norma, quando lançam suas posições filosóficas e políticas. O conservador, desse modo, como se concordasse com o tempo linear, reconhece o fato do progresso, mas somente saca desta substância uma alternativa, uma conclusão negativa. Verifica-se que o conservador, agindo assim, é, por definição, retrógrado; ou seja, aquele que “volta para trás”. Mas isto está errado, porque não é absolutamente o passado, que está no passado, pelo que se interessa o conservador, especialmente como o povo da modernidade compreende este “passado”.

3. O CONSERVADOR E O CONSTANTE

Na verdade, em lugar de uma topografia diacrônica temporária – passado, presente e futuro – os conservadores operam com um modelo inteiramente diferente, não-diacrônico, mas sincrônico. O conservador protege e defende não o passado, mas o constante, o perene, que essencialmente permanece sempre idêntico. O filósofo Alain de Benoist, definindo o conservadorismo, muito verdadeiramente disse que “a raiz não está naquilo que uma vez foi, mas no que sempre cresce”, algo vivo.

Tão logo afirmemos que os conservadores não lutam pelo passado, mas antes pelo constante, pelo fundamental constante da sociedade, pela a humanidade e pela alma, então seremos capazes, em bons fundamentos, de compreender a visão do conservador com relação a todas as três modalidades temporais: o passado, o presente e o futuro. O passado é avaliado não em si, mas somente no fato de que há algo de constante nele. Assim, também, o presente e o futuro.

Na história russa existe um montão de períodos, diferindo em substância e significância, e todos eles estão no passado. No passado estiveram a Fragmentação Específica, a Conquista Mongol, os momentos de dificuldade, a dissidência, as Reformas de Pedro, Bironovshchina, a Revolução de Fevereiro, o Degelo de Khrushchev e

também a Perestroika, o Yeltsinismo e muito mais que é categoricamente inaceitável e anômalo para um coerente conservador russo. Quando um conservador folheia um livro de história russa, vê nele tanto páginas douradas como páginas abomináveis. O que é comum nelas é somente que foram escritas com sangue.

4. O SER É MAIS PRIMÁRIO DO QUE O TEMPO

O conservador luta para compreender o que, no processo histórico de uma nação real – no nosso caso, a Rússia – foi constante e invariável, o que é agora, e o que, correspondentemente, será no futuro. Mas a ideia mais importante do conservadorismo é a de que pensa não sobre o passado, mas sobre o que tem sido, não sobre o presente, mas sobre o que é agora, não sobre o que virá, mas sobre o que se tornará real, aquilo que virá a ser.

Aqui é inteiramente apropriado apelar ao modelo filosófico de Heidegger, no centro do qual permanece a questão do ser. Se para os “progressistas” e seguidores da filosofia da história, o ser é uma função do devir (de história, de tempo), para o conservador (Heidegger foi um completo conservador, e, mais do que isso, um conservador revolucionário) o tempo (a história, a duração, o *Zeit*) é uma função do ser. Ser é primário, o tempo é secundário.

Isto significa muita coisa. Nisso está o segredo do conservadorismo. Que o que pertence ao ser ultrapassa o tempo e não depende do tempo. Por isso que o que realmente foi, é agora e será amanhã. Mais do que isso, que o que será amanhã certamente foi ontem e é hoje, já que o tempo não governa o ser. Pelo contrário, o ser comanda o tempo e predetermina sua estrutura, seu rumo e sua substância. É precisamente isto que torna possível a posição conservadora não somente com respeito ao passado e ao presente, mas com respeito ao que será. Com isto, a possibilidade da existência do projeto conservador está justificada.

5. O PROJETO CONSERVADOR E SUA METAFÍSICA

O projeto conservador é ganancioso para o ponto de concentração do ser no futuro [lit.: no que será] e uma orientação de

energias sociais, culturais e políticas àquele ponto. Para o conservador aquele ponto não é uma imaginação convencional ou arbitrária. É antes de tudo absolutamente real para ele, aqui e agora. O conservador não joga com probabilidades: ele sabe o que está fazendo, e sabe o que será.

A significância do projeto conservador é o que é seguro pelo ser em si, pelo filósofo (filosofia conservadora), que coloca o ser à frente do tempo. O conservador não somente espera o futuro [lit.: que será], ele o constrói, ele o realiza, ele traz sua presença na base de sua maior atenção ao ser.

Essa maior atenção ao ser pode-se mostrar como amor pelo passado, tanto como pelo que tem sido. Neste caso o passado é apreendido como estar-presente, totalmente real, não só indiretamente toca a realidade, mas constitui sua essência, tornando-a o que é. O conservador vê o eterno no passado e somente por tal razão destaca-se para ele como um normativo para o presente e para o futuro [lit.: que será]. Este é o eterno passado que perdura aqui e agora. Ele se esconde do olhar superficial do modernista (Heráclito disse há muito tempo que “a natureza ama esconder-se”), mas revela-se para aquele que ouve a tranquila voz do ser.

Mas o conservador pode também ser aquele que é completamente indiferente ao passado, mas que luta para apoderar-se do ser em uma experiência existencial direta e atual – na maioria das vezes através do horror e outras operações metafísicas. Se o ser abre-se no presente, através da presença fenomenológica, mostrar-se-á através, também, do passado; assim como o passado – sem nenhum tipo de deliberação preliminar – mostrar-se-á como o que tem sido; ou seja, atual.

E finalmente, um conservador pode estar essencialmente concentrado no futuro [lit.: aquilo que será], na esfera do projeto. Neste caso, também, ele não desistirá o mínimo de seus princípios. Lutando para realizar no devir o vir-a-ser [*v gryadushem buduschee*], ele constitui ali – se o projeto for bem sucedido – o ser em seu aspecto atemporal; ou seja, ele revelará a essência do presente e receberá a chave para o deciframento ontológico do passado.

Deste modo, o projeto conservador pode ser a atenção secundária ou primária do conservador, mas em todo caso é sempre

possível e ainda inevitável, desde que a abordagem do pleno conservador sobre o mundo e a história sabiamente contenha em si uma sondagem ontológica do devir [*gryadushevo*] – ou seja, o molde do vir-a-ser [*budushevo*].

6. O VIR-A-SER E O DEVIR NA ESCATOLOGIA CRISTÃ

[Nota do tradutor original: a expressão traduzida como “vir-a-ser” [coming-to-be] é a que tem sido identificada como literalmente “aquilo que será”; é comumente usada para significar o “futuro”. Por sua vez, a traduzida como “devir” [coming-forth] é outra expressão comumente utilizada para significar o “futuro”, no entanto, ela difere da anterior por não ser formada pelo verbo “ser”, ficando uma mais atrelada à função do tempo e a outra à do ser]

Frequentemente (embora não sempre) os conservadores são pessoas religiosas. Isto é lógico, visto que não possuem base para desacreditar em religião, estudando a eternidade. Depois de tudo, a eternidade é o que interessa os conservadores, primariamente. O filósofo alemão Arthur Moeller van den Bruck disse nestas linhas: “A eternidade está ao lado do conservador”.

O conservadorismo russo está naturalmente fundado na ortodoxia [cristã]. A esfera dos ensinamentos cristãos que retratam o vir-a-ser (o fim dos tempos) é chamada de “escatologia”. No ensinamento cristão, o pessimismo escatológico e o otimismo escatológico simultaneamente coexistem. Os ortodoxos sabem que no devir o Anticristo irá (devir); mas eles também sabem que ele será derrotado por Cristo em sua gloriosa e terrível Segunda Vinda.

Essa dualidade é importante para a própria estrutura do projeto conservador. É necessariamente dual, dramático, uma vez pessimista e otimista. O projeto conservador vê sofrimento, ansiedade, horror, medo, adversidade e catástrofe adiante. No entanto, também vê triunfo, vitória, a descida à Terra da Jerusalém Celeste, a revelação universal da eternidade e a abolição da morte. A tarefa do conservador, defendendo [também: apoiando] a eternidade, é mudar o devir em favor do vir-a-ser ou lutar ao lado do vir-a-ser contra o devir. O Anticristo está devindo, mas a Segunda Vinda será.

7. O PROJETO CONSERVADOR CONTRA A TECNOLOGIA

A iniciação do projeto conservador na sociedade russa contemporânea, claro, não deve, por quaisquer meios e sob quaisquer circunstâncias, flertar com a tecnologia, com condicionamento especial, com fascínio, com simulacro. O projeto conservador não deve seduzir, tentar ou fascinar ninguém. Deve revelar a verdade. Pode assustar, já que deve chamar as coisas por seus próprios nomes, apresentar a situação como ela é e descrevê-la adequadamente.

Logo que os conservadores forem capazes de esclarecer que eles não estão defendendo o passado, mas o constante, a partir deste momento o sério desenvolvimento do projeto conservador começará. Todos os projetos conservadores que existem hoje na Rússia, apesar de suas outras realizações, estão metodologicamente, conceitualmente e filosoficamente em declínio, fracos e superficiais. Eles carecem do mais importante: carecem do sopro da eternidade. Eles carregam consigo tanto do efêmero quanto do oportunista dos fenômenos contra os quais propõem lutar. O conservadorismo tecnológico é um simulacro deliberado.

O fato de que a autoridade governante não se apressa em agir na orientação conservadora é em parte explicado pelo fato de que os conservadores russos, imitando o estilo liberal, tentam conceder às ideias conservadoras um rótulo cativante e vendável, mas isto contradiz a própria essência do conservadorismo, e consequentemente o resultado é algo disforme e repulsivo. A autoridade governante, que não confia em nada e em ninguém (de vez em quando se tem a impressão de que não confia nem em si mesma), sente em tal aproximação uma política banal e até mesmo interesses de clã, uma tentativa de influenciar – ou, pior, arrebatar – e assim imediatamente jogam estes projetos pro lado como irrelevantes. Mais do que isso, não é importante que o poder governante reprove os desenvolvedores por sua insuficiente efetividade tecnológica. De acordo com este critério, o conservadorismo submeter-se-á sempre ao liberalismo, já que o próprio critério é liberal. O conservadorismo pode e deve tomar um rumo diferente – a demonstração da verdade irreversível de eternidade e uma vontade concentrada para mostrar isto por quaisquer meios e pagar qualquer preço por isto. Eternidade a qualquer custo.

8. A EPISTEME CONSERVADORA

A incapacidade na Rússia contemporânea de formular os projetos conservadores não é acidental. Nós temos um fundamental defeito epistemológico, que está conectado com os resultados da influência soviética e com a consequente onda liberal nas disciplinas humanitárias e sociológicas. Tanto o comunismo como o liberalismo são baseados na primazia do tempo sobre o ser, supondo que toda a realidade está devindo. Os comunistas têm algumas semelhanças distantes à ontologia do vir-a-ser; o liberalismo é pragmático, eclético e fenomenológico, ensacando o ser e contentando-se com o efêmero e momentâneo. Mas em ambos os casos a matriz científica estabelece-se na negação explícita da eternidade. Mas isso não pode senão afetar o sistema inteiro das ciências humanitárias, incluindo, mesmo que ainda primariamente, a educação.

De tal modo, o defeito epistemológico tem um caráter estrutural. Desce para nossas carentes mentes conservadoras ou para estudos de pesquisa adequados. Nós carecemos da *episteme*.

Para o desenvolvimento do pensamento completamente conservador um sistema preliminar de coordenadas é necessário, um conjunto deles, expressamente uma sociologia conservadora (ideologicamente, não metodologicamente), que esteja pronta para realizar o gigante trabalho de ampliar revisões das concepções científicas, humanitárias e sociológicas. Só depois de um trabalho assim, de produzir uma *episteme* conservadora, pode-se falar da aparência do projeto conservador. Sua delegação à autoridade governante será, neste caso, uma questão secundária. Se o conservadorismo estabelecer-se ontologicamente, será possível levantar a questão de sua implementação política na autoridade governante. Mas a sociedade, onde isto se torna possível, será diferente. Que partidos ou personalidades captarão isso, como popularizarão, e, mais, como realizarão, é uma das últimas questões do problema. Enquanto não existir, e enquanto carecer de pré-requisitos epistemológicos, será inútil pensar nessas coisas. Neste caso caímos em mais um simulacro.

9. HUMANISMO COMO ARMA DOS CONSERVADORES

Em contraste com os ataques habituais sobre o humanismo feito pelos conservadores do passado, Heidegger, por sua vez, não hesitou em atendê-lo¹⁶. Isto é revelador. O conservadorismo, defendendo a eternidade, defende também a eternidade do homem, o homem como eternidade, o homem como estrutura, provido de atributos invariáveis e de uma vida inalienável. O homem [no sentido oposto ao “animal”, não à “mulher”] é um conceito conservador. Ele foi antes, ele é agora e deve ser no vir-a-ser. Aquilo em que o homem muda é secundário para o conservador. O que é princípio nele é o que permanece invariável.

O mais estável no homem são seus sonhos, seus devaneios, seus desejos, os profundos movimentos de sua alma. O homem é dinâmico na superfície da sua consciência; nas profundezas, em sua inconsciência, ele é estático e vive fora do tempo. Os sujeitos dos sonhos não mudam, o invólucro muda. O avião, o trem ou o foguete são essencialmente uma expressão do sonho sobre anjos e corredores mágicos, que sempre foram.

O conservador deve estar do lado do homem como algo invariável, algo paradoxal e contraditório, belo, mas enraizado no ser, e mais, de uma forma diferente de tudo que esteja enraizado nele. Heidegger chamou esta diferença, fundamental para sua filosofia, pelo termo de “*Dasein*”. Na cristandade, a conversa é do Novo Homem, a natureza daquele que é iluminado pela Encarnação, Ressurreição e Ascensão.

Mas o conservador, em contraste com os comunistas e liberais, não fica do lado do “pequeno homem” (em todos os sentidos), ele luta pelo “grande homem”, pelo “*homo maximus*”. O conservador em todo lugar ama o grande, e ama o grande e o sublime no homem.

O homem, em sua compreensão “maximamente humanitária”, é pensado como um mediador entre o Paraíso e a Terra. Ele empenha-se para encarnar em si mesmo os contrastes do mundo: o alto e o

¹⁶Martin Heidegger. *Time and Being*. [Ser e Tempo] Moscou; Ad Marginem, 1993.

baixo, o amor e a morte, o êxtase e o sofrimento, a vida e a alma, a carne a divindade. O conservador caminha sob a insígnia deste homem.

10. O IMPÉRIO – UM GRANDE HOMEM

Como na antropologia, a filosofia do conservadorismo é orientada em direção à máxima extensão, de tal modo que na sociedade e na política o conservadorismo ama tudo que seja grande, gigantesco, vasto e infinito. Por tal razão, como regra, os conservadores são apoiadores do Império. Entre o Império e “o grande homem” (*homo maximus*) há uma homologia direta. O Império é a sociedade máxima, a maximamente possível extensão de governo. O Império também incorporou a confluência do Paraíso e da Terra, a combinação na unidade de diferenças, que, preservando-se, são integradas em uma matriz estratégica geral. O Império é a maior forma de humanidade, sua maior manifestação. Não há nada mais humano do que o Império.

O Império é o horizonte do homem, o horizonte da sociedade, em direção ao qual se empenha, procedendo ao longo do caminho da integração e generalização. O Império realiza em si a integridade ontológica, o renascimento do ser. Assim, o Império é sempre sacro, sagrado. Não é acidental que no Bizantino e na Rússia emergiu uma profunda aliança entre o Império e a Igreja. Daqui – uma sinfonia de governantes, e aquele horizonte de fé religiosa que é conectado com a ideia do Império, do Reinado. Para o conservador, o Império é o maior, inerentemente autossuficiente valor ontológico.

A Tricotomia do Império

O projeto conservador em sua característica mais geral deve ser baseado na tricotomia. Uma de duas antropologias clássicas na tradição cristã – em particular, a antropologia do bendito apóstolo Paulo – é tricotômica, separa no homem o espírito, o corpo e a alma. Esta tricotomia é bastante aplicável também à estrutura do Império ideal. É formulada com relação ao Império do seguinte modo: espaço, *narod* e religião.

Espaço, chão, território, regiões de controle e influência – essa é a essência do Império e corresponde ao corpo no homem. A infinitude e largura do espaço russo é uma expressão visível da grande escala do *homo maximus* russo. O Império é corporal, mas seu corpo é sagrado. Por isso o interesse pelo solo nativo, pela Terra-Mãe, a Pátria, a Comunidade [Commonwealth].

O *narod* corresponde à alma: vive e se move, ama e odeia, cai e ergue-se de novo, levanta voo e sofre. É dual: algumas vezes simula o desprezível, mas ocasionalmente abre o tesouro do seu próprio ser. É vivo, o sagrado *narod*, o *narod* de alma. A religião pertence ao espírito. Mostra as perspectivas celestes, assegura o contato com a eternidade, direciona a contemplação ao Além. E assim como o homem seguramente tem um corpo, alma e espírito, de acordo com a cristandade, também o Império tem espaço, *narod* e religião.

11. O VALOR DA GUERRA

Os conservadores são raramente pacíficos. Em nossa volta, cantar a paz e lutar por ela se tornou banal. Quanto mais, é verdade, eles falam em paz, mais sangue jorra, mais os inocentes sofrem. Aqui, o conservador não deve mentir; a guerra é preferível para ele, não a paz. Nietzsche não tinha medo, em seu tempo, de exclamar: “ame a guerra mais que a paz, e a paz curta mais que a longa!”¹⁷.

A guerra, de acordo com Heráclito, é “o pai de todas as coisas”. O homem sempre faz a guerra. É um ser da guerra. Nisto está sua raiz ontológica. Ele faz a guerra pela verdade, por amor, por direito, por bem. Algumas vezes a guerra o leva muito longe, e o desaponta. Mas ele nunca a deixa, e logo começa uma nova. Desde que o homem vive, ele faz guerra.

Ao longo de todo nosso território, nós russos sempre fizemos guerra. Quando não fazíamos guerra, como regra, decaíamos. Por que, de fato, devemos parar de fazer guerra se os inimigos vivem ao nosso redor, prejudicam nosso espaço, nosso *narod*, nossa religião? Se não estivessem nos invadindo, seria diferente, mas não seriam humanos.

¹⁷Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Moscou; Projeto Acadêmico, 2007.

Guerra ininterrupta com pecados vai ao coração do homem. E o pior efeito aqui seria o pacifismo – a reconciliação da graça com o pecado; não seria uma reconciliação, nem um compromisso, mas a vitória do pecado. A Igreja Terrestre na tradição Ortodoxa é chamada de Igreja Militante. No corpo da filosofia conservadora, o sujeito da guerra deve ser apresentado transparentemente, calmamente, sem júbilos maliciosos ou sadismo, e responsabilmente. Mas nós devemos saber e pensar em nós como guerreiros, como um *narod* da guerra, um país da guerra, uma Igreja da guerra.

12. A ESTRUTURA TRIPARTITE DA EPISTEME CONSERVADORA

Se nós considerarmos a estrutura tricotômica mencionada, então revelamos entre todas as dimensões das disciplinas científicas três disciplinas principais. A maior delas é a teologia, porque a religião não é somente culto e adoração, mas o mais profundo paradigma. É a essência do espírito.

A teologia deve ser a coroa da educação; sem ela, a *episteme* conservadora inteira estará incompleta e perdida no ar. A teologia é a ciência real, a ciência das ciências, não simplesmente uma das ciências humanitárias e sociológicas, mas a mais importante, desde que todas as outras ciências são caminhos para a teologia.

No segundo plano devemos colocar a etnossociologia. Conosco quase nada foi dito na ciência, até hoje, tanto de *narod* ou de etnia. Não é surpreendente: para os comunistas, o sujeito da história é a classe; para os liberais, é o indivíduo. Em nenhum lugar há espaço para o *narod* ou para a etnia. A etnossociologia é a ciência fundamental do Império e do projeto conservador. Se não corretamente definirmos antecipadamente nosso *narod* e nossos *narodi*, com os quais encontramos a nós mesmos em interação, nós seremos simplesmente incompetentes em falar sobre conservadorismo. A etnossociologia não é somente a definição das características etnológicas formais de um *narod*, mas um estudo do que é constituinte na etnia, uma compreensão de sua ontologia, de seu ser.

E finalmente, a terceira disciplina é a ciência do espaço territorial – a geopolítica. Aqui tudo é óbvio, visto que a geopolítica é

por definição uma ciência que ensina a relação do governo com o espaço territorial. Ocupar na hierarquia das disciplinas principais da *episteme* conservadora o último espaço tem enorme significância aplicada.

Deste modo, a teologia, a etnossociologia e a geopolítica constituem a estrutura tricotômica da ciência na compreensão conservadora. O ensinamento de outras ciências sociais e humanitárias deve alinhar-se ao redor destes três pivôs mencionados, concordar com eles, orientar-se ao redor de suas linhas de força. Em casos especiais, os sociólogos e geopolíticos podem estudar economia e jurisprudência. Indubitavelmente elas são importantes, mas não para conservadores. Deixar os liberais e os comunistas começar com economia e ignorar todo o resto, esta é sua filosofia. Os conservadores devem agir diferentemente, de acordo com suas próprias posições filosóficas. Hoje encontramos-nos sob hipnose, pensando que a “economia é séria”, enquanto a teologia, por outro lado, é “opcional” (senão anticientífica). Mas na verdade, tudo é bem de outra forma. Aquele que conhece a eternidade conhece tudo. Aquele que conhece as regularidades materiais temporárias da circulação do dinheiro, mercadorias e bens, não chega a conhecer aquilo que supõe saber.

A economia é secundária, derivada da filosofia; e as raízes da teoria econômica estão precisamente na filosofia, não na economia. Assim, Adam Smith, o criador da economia-política burguesa, foi convencido de que o que deveria fazer era simplesmente desenvolver certas posições filosóficas de seu professor John Locke, com relação à esfera da economia. O marxismo é o desenvolvimento da filosofia de Hegel com um viés nas leis econômicas e em específica filosofia da história, definido da posição das classes oprimidas, e, em primeiro lugar, do proletariado.

A implementação da *episteme* conservadora é a condição necessária para a resolução de um bom projeto conservador. Este estágio não pode ser pulado.

CAPÍTULO 5 O PROJETO “IMPÉRIO”

1. O IMPÉRIO SEM IMPERADOR

Existe a opinião de que o conceito de Império necessariamente pressupõe a presença de um imperador. Entretanto, uma análise imparcial deste fenômeno mostra que a história conhece uma multidão de impérios sem imperadores. Alguns deles foram direcionados por um círculo limitado de aristocratas eleitos. Outros, por um parlamento ou senado. Consequentemente, a presença de um único poder monárquico – de um imperador – não é condição necessária para a existência de um império. Mais ainda, existiram uma multidão de governos monárquicos, déspotas, tirânicos ou ditatoriais, com o absoluto poder do Tsar ou líder autoritário, que não lembram os impérios nem nada em comum com eles. Assim, nós podemos bem considerar o princípio do império em completa independência de um imperador.

2. O IMPÉRIO COMO INSTRUMENTO IDEAL PARA A CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL

Outra confusão popular é que o império é um fenômeno extremamente arcaico, superado pela civilização contemporânea na entrada da Era Moderna. Isto, também, está longe de ser verdade. Os impérios, tanto antigos como modernos, pelo contrário, representaram uma forma de organização política, que por parâmetros tecnológicos, ideológicos, sociais, administrativos e econômicos em longe distinguiram as sociedades que precederam as origens destes impérios.

Eles praticamente sempre significaram a modernização dos *narodi*, das sociedades e governos que faliram dentro dos limites do império. Eles estabeleceram em enormes extensões um comum modo de vida social e legal, unificaram e abriram determinadas comunidades étnicas para um intensivo diálogo com outras,

promoveram desenvolvimento tecnológico, facilitaram o intercâmbio e outras formas de troca cultural e criaram as precondições para o desenvolvimento da sociedade civil.

Em especial, o Império Romano depois do édito do Imperador Caracalla reconheceu o direito à cidadania romana aos povos livres que se encontravam sob o governo romano, apesar de que anteriormente o direito de cidadania era válido somente para certos homens distintos da elite social. Por exemplo, o apóstolo Paulo, Saulo em seus dias de nobre judeu, teve a cidadania romana já antes do édito de Caracalla.

As nações-estado europeias contemporâneas, apesar de terem sido erigidas sob a rejeição do império, copiaram inteiramente o sistema de cidadania do modelo romano. E não é surpreendente que na sua instituição nos dias presentes, especialmente a lei romana, refletiu em si a lógica legal do estabelecimento do império.

3. A DEFINIÇÃO DO IMPÉRIO

Se o império não for definido pela presença de um imperador, nem por seu pertencimento a um arcaico sistema político, então exatamente que características são objetivamente inerentes a ele? Como nós definimos o império?

O império representa um tipo de arranjo político-territorial, que combina um estrito centralismo estratégico (uma única linha vertical de poder, um modelo centralizado de administração por forças armadas, a presença de um comum código civil legal, um único sistema de coleta de impostos, um indefinido sistema de comunicação, etc.), com a ampla autonomia de estabelecimentos sociopolíticos regionais entrando na sua composição (a presença de elementos de direitos étnico-confessionais em nível local, composição multinacional, um amplamente desenvolvido sistema de governos autônomos locais, a possibilidade da coexistência de diferentes modelos de poder locais, da democracia tribal aos principados centralizados ou ainda reinados).

O império sempre reivindica um escopo universal, realizando seu sistema político como núcleo ou sinônimo de império global. “Todos os caminhos levam à Roma”. Todos os impérios pensam em si

como impérios globais. O império é dotado de uma missão. É percebido como a incorporação do destino histórico da humanidade. A missão pode ser realizada nas formas de manifestação religiosa (Impérios Bizantino, Austro-Húngaro, o Califado Islâmico, o Tsarismo Moscovita), civil (Roma antiga, o Império de Gengis Khan), civilizatória (os impérios Chinês e o Iraniano) ou ideológica (o Império Comunista da URSS, o Império Liberal dos EUA).

Nessa interpretação política e social, o Império e seus princípios adquirem uma relevância especial para nosso tempo também.

4. O IMPÉRIO DOS NEO-CONS (IMPÉRIO BENEVOLENTE)

A tese concernente à relevância do termo “império” para a compreensão das realidades do mundo atual confirma a explosão de interesse neste conceito na politologia global do século XXI. Começando por 2002, a ampla imprensa americana começou a usar este termo considerando o papel que os EUA deveriam tomar com respeito ao resto do mundo no novo século (possivelmente milênio). Na sociedade americana uma ardente discussão cresce sobre império. Como é sempre o caso em tais discussões, o conceito foi compreendido diferentemente em círculos diferentes, mas o conceito em si tornou-se central.

A uma certa extensão, esse processo foi uma consequência da quase indivisa influência na política americana durante a era do jovem Bush dos neoconservadores. Os teóricos desta orientação, tomando a fórmula Reagan da “URSS como Império do Mal”, propuseram um projeto simétrico: os EUA como o “Império do Bem”, “império benevolente” (R. Kagan).

O papel dos EUA no século XXI foi pensado pelos neoconservadores como uma função de um integrador global, como uma nova (pós-moderna) edição de Roma. Em tal projeto, todos os sinais do império foram imediatamente evidentes:

- Administração centralizada e estratégica do mundo (feita pelos EUA e pela OTAN);
- Modelo uniforme da economia (o mercado);

- Determinação de autonomia de vassalos regionais (tendo algum grau de liberdade em suas políticas domésticas, mas compelidos a seguir estritamente as linhas americanas em questões fundamentais);
- Escopo planetário (sociedade civil planetária, globalização, Um Mundo);
- Missão de democratização e liberalização de todos os países e nações do mundo.

Em uma explosão de entusiasmo no começo dos anos 1990, Francis Fukuyama chamou o estabelecimento de um império global americano de “fim da história”. Um pouco depois ele admitiu que se apressou, e que um império global americano não está ainda feito, mas somente um projeto e objetivo distante, sobre o caminho ao qual sérias dificuldades, atrasos e, possivelmente, recuos táticos podem surgir.

Samuel Huntington, outro cientista político americano, resumiu a totalidade destas objeções em seu não menos memorável livro, tendo mostrado que o estabelecimento de um “império do bem” global e americano será barrado pelo “choque de civilizações”. A conclusão de Huntington é esta: o caminho ao escopo global dos EUA deve ser gradual, e em dado momento é mais importante agrupar o núcleo atlântico (os EUA e os países da OTAN) e, enquanto manipular antagonismos civilizacionais, esperar por um momento vantajoso no futuro. Mas, em todo caso, a tese de que os EUA são o império do século XXI é geralmente aceita na politologia americana, qualquer que seja a compreensão se suas linhas históricas temporais e dos limites territoriais de seu estabelecimento.

A elite política americana pensa hoje com as categorias de império. Mais do que isso, eles o fazem independentemente se os representantes compartilhem ou não das ideias otimistas e pessimistas dos neoconservadores. A dura crítica dos neoconservadores e do “democrata” Zbigniew Brezinski é um apoio ao império americano em grau não menos que o de Dick Cheney, Richard Perle, Paul Wolfowitz ou William Kristol.

5. NEGRI E A CRÍTICA DE HARDT SOBRE O "IMPÉRIO"

O termo "império" tornou-se popular hoje não somente na instituição americana. Filósofos extremistas de esquerda e políticos antiglobalistas, os ardentes opositores do capitalismo, da liberal-democracia e dos EUA, ativamente se utilizam dele e ainda o fazem um sinônimo do seu principal projeto ideológico. O teórico das "Brigadas Vermelhas" Antonio Negri e o filósofo americano antiglobalista Michael Hardt escrevem o trabalho político "*Empire*" ["Império"], que, em sua opinião, deve tornar-se o análogo do "*Capital*" ["O Capital"] de Marx para o movimento esquerdista global do século XXI. É um tipo de "Bíblia" do antiglobalismo.

Negri e Hardt descrevem a história dos EUA como originalmente combinando em si o princípio de rede de organização com messianismo imperial, os quais, em sua opinião, fazem precisamente dos EUA o líder mundial, estabelecendo a autoridade planetária na forma de um comumente obrigatório valor, baseado em valores econômicos e em uma ordem sociopolítica.

Por "império" Negri e Hardt compreendem a instituição de um governo mundial baseado na exploração capitalista pelas "autoridades" do potencial criativo das "massas", sob o papel central dos EUA, que gradualmente transformar-se-á em um governo mundial. Para Negri e Hardt, um império global como tal é a apoteose dos estágios precedentes do desenvolvimento do capitalismo e o auge da injustiça e da exploração. É a universal "sociedade do espetáculo" (Guy Debord). Este império mundial é pensado como o império da pós-modernidade, em que o poder e a violência adquirem não um caráter de rede aberta, mas velada.

Os autores propõem relatar tal situação como uma chance histórica dos "muitos" para promoverem uma revolução mundial. Impérios misturam classes e *narodi*, países e sistemas políticos, em um caldeirão cosmopolita. Só os exploradores (o governo mundial, os operadores da rede imperial) e os "muitos", desprovidos de quaisquer qualidades e consequentemente sendo o "proletariado" ideal do século XXI, permanecem. "Os muitos", de acordo com Negri e Hardt, devem encontrar uma maneira – através de narcóticos, todos os tipos de perversões, engenharia genética, clonagem e outras formas de

mutações biointelectuais – para fugir do poder do império, explodi-lo de dentro, usando com suas ações anarco-demolidoras aquelas oportunidades que o império oferece.

Dessa forma, a categoria de "império" é colocada como a pedra angular das construções ideológicas do movimento esquerdista global, do antiglobalismo e do alter-globalismo. Na verdade, o alter-globalismo é a direta consequência das ideias de Negri e Hardt: deve-se lutar contra a globalização, mas usando suas formas capitalistas e imperialistas (existentes hoje) para uma guerra revolucionária anticapitalista.

6. ALTERNATIVAS AO IMPÉRIO GLOBAL: A EXTENSÃO DO STATUS QUO BASEADO EM YALTA

Se tomarmos o projeto do império global americano seriamente, a questão rapidamente emerge: o que pode ser proposto como alternativa? Estamos já familiarizados com uma alternativa, mas é atrativa para um número limitado de extremistas esquerdistas: trostkistas, anarquistas, pós-modernistas. Olhemos para alguns outros projetos.

A resposta mais simples ao projeto imperial será o desejo de preservar o *status quo*. Este é o desejo instintivo de deixar inviolável a ordem internacional formada no século XX, em que a soberania está atada ao governo nacional, e onde o fórum de decisão das questões internacionais controversas é a ONU. Uma abordagem assim está minguando, porquanto a ordem mundial do século XX depois de 1945 ganhou corpo ao longo do resultado da Segunda Guerra Mundial e a soberania nominal dos governos nacionais foi suprida pela paridade das armas estratégicas dos dois superpoderes, os EUA e a URSS. As ambições imperiais de um (o campo socialista) foram equalizadas pelas ambições imperiais do outro (o campo capitalista). Os atuais governos nacionais foram convidados a ajustarem-se nesta balança com uma ampla área para manobras no movimento de países não-alinhados. A ONU só assegurou uma balança assim na estrutura do Conselho de Segurança.

Depois do rompimento do campo soviético e da queda da URSS todo o sistema do mundo baseado em Yalta faliu, a paridade

estratégica faliu e praticamente todos os governos nacionais foram compelidos a trazer sua soberania em correlação com o poder desproporcionalmente maior do império americano. A ONU deixou de ter qualquer significância, e a ordem mundial baseada em Yalta tornou-se coisa do passado.

Muitos países não estiveram completamente conscientes dessa transformação global e continuam a pensar pelo hábito nas categorias do mundo de ontem, quando dois impérios concorrentes (o soviético e o americano) agiam como guardiões da soberania de todos os outros países. Depois de Yalta permaneceu um império, e não notar isto é meramente postergar a realização, desagradável para muitos, do real estado das coisas.

Os países que tentaram contrariar essa figura unipolar – Iraque, Iugoslávia, Afeganistão – sentiram em suas peles o que o mundo pós-Yalta é e de que tipo é o preço da soberania. O problema é que nas condições do século XXI nenhum governo nacional pode defender sua soberania em um conflito reto e frontal contra o império americano; especialmente quando os outros países líderes do mundo permanecem ao lado dos EUA. As complexidades tecnológicas que os americanos enfrentam em matéria de construção imperial planetária (e isto é o globalismo em seus diferentes planos) não deveriam levar-nos à confusão: se algo não está funcionando para eles, não significa que não funcionará.

O projeto de construir um império global liberal-democrático é o principal e único plano da política externa americana no século XXI, e depois do rompimento do mundo bipolar, não há nada formal com o poder de derrubar um desafio a este modelo. Otimistas e pessimistas nos EUA discutem sobre quando o império estará finalmente criado, amanhã ou logo depois; mas não se é digno ou não criá-lo. E estes são argumentos importantes. O fato de que muitos governos nacionais não querem ceder sua soberania representa um problema puramente psicológico: é algo como uma dor de um membro fantasma, torturando o dono do membro já perdido.

Nenhum governo nacional sozinho no mundo de hoje pode defender sua soberania em face do império global a médio e longo prazo. O máximo que pode realmente ser feito é atrasar o tempo. Mas atrasar não é uma alternativa.

E assim, os governos nacionais hoje são soberanos só em nome e não são alternativas ao mundo unipolar. Nesta situação, a ONU está condenada a atrofiar, como Washington constantemente nos lembra.

7. O IMPÉRIO ISLÂMICO (O CALIFADO GLOBAL)

Se nenhum governo nacional sozinho tem potencial para bloquear a investida do império americano (Atlântico) no mundo contemporâneo, fica só uma escolha: ou render-se à misericórdia do vitorioso e agarrar-se às botas do novo dono do mundo (como, a propósito, fazem muitos países da Europa Oriental e da CEI) ou proporcionar um tipo de resposta assimétrica (a variante anarcotrotskista no espírito de Negri-Hardt nós deixamos para os salões de jogos dos pós-modernistas e grupos marginais, drogados e pervertidos).

É extremamente importante não apenas pensar em que recurso, no sentido material, esta alternativa pode operar, mas também que ideologia tomar como fator integrador. Uma resposta ideológica assim está contida no projeto do fundamentalismo islâmico. Em sua expressão política ele opõe ao império americano global outro império, o Califado Islâmico. E isto é inteiramente lógico. O caráter de oposição é consignado no projeto islâmico: a uma provocação global é dada uma resposta global (embora assimétrica).

No confronto entre EUA e “Al Qaeda”, por mais que pareça forte e desproporcional um duelo do estado mundial condutor com o “terrorismo internacional” extraterritorial, estamos tratando com um choque de projetos ideológicos igualmente grandes. O fundamentalismo islâmico propõe:

- O estabelecimento de um governo global islâmico;
- A ampla autonomia dos grupos étnicos, que serão obrigados a submeter-se à islamização ou a pagar um dízimo (como “povo do livro”);
- A introdução dos padrões da economia islâmica (rejeição do interesse, a dedução de um dízimo para benefício da comunidade e da *Ummah*, com uma subsequente distribuição

entre os pobres);

- Uma missão religiosa (Islã e Islamização);
- Uma escala planetária (islâmicos vivem em todas as partes do mundo).

O projeto islâmico como resposta à globalização americana vem completo na definição de Império. Claro, há uma questão aqui com relação aos recursos da oposição. Mas aqui em ajuda aos islâmicos vem o pós-modernismo com sua sociedade em rede (Castells). Os islâmicos usam a pobreza dos recrutas islâmicos para atos terroristas internacionais, exploram o potencial religioso, levam ao fanatismo, entram em ação aos seus grupos religiosos e étnicos mais distantes, existindo em todas as partes do mundo, pela criação de sua própria rede, usam a internet e outras tecnologias de informação para instigar uma guerra de informação e, finalmente, recorrem a atos terroristas, como no caso do 11 de setembro de 2001, que quase trouxe um verdadeiro desastre àquele império, contra o qual uma guerra está sendo travada. A declaração pelos radicais islâmicos de que seu maior adversário são os EUA é prova suficiente de que estamos tratando com um projeto sério e importante. O projeto de um império mundial alternativo.

8. A UNIÃO EUROPEIA: UM IMPÉRIO INSTÁVEL

O caminho europeu – muito menos determinado e suave – prova ser diferente. A Europa unida tem duas identidades geopolíticas: por um lado, é a periferia de um império americano, usado como um lugar para a acomodação de bases militares americanas, e, por outro lado, é o germe de uma formação geopolítica alternativa com seu próprio sistema de interesses e prioridades, que pode bem diferir do americano (algumas vezes até essencialmente). Assim, dever-se-ia falar não de uma Europa, mas de duas, que estão sobrepostas uma na outra.

Há uma Europa Atlântica e uma Europa Continental. A Europa Continental, também chamada de “Velha Europa”, cujo núcleo, será recordado, são a França e a Alemanha (a Itália e a Espanha são fortemente atraídas por elas), representa por ora um projeto não

realizado de império independente. Este império europeu, existindo como um projeto histórico, deixa-se ser conhecido no momento da invasão americana no Iraque, quando houve quase um eixo Paris-Berlim-Moscou como embrião de uma formação política independente, mandado a manter-se na linha de um mundo unipolar americano.

Muito recentemente, pelo empenho desta Europa continental, a união da Ucrânia e da Geórgia à OTAN foi desacelerada. Tão dependente dos EUA no arranjo estratégico e das extensas prioridades baseadas em valores distributivos (democracia, liberalismo, mercado, direitos humanos, desenvolvimento tecnológico) com os americanos, a Europa não se ergue para resolver com firmeza seus projetos imperiais. Nós somente conjecturamos com eles. Ademais, a outra Europa, a Atlântica, por cujo ponto de referência pró-americano a Inglaterra e os países da Nova Europa servem, não tendo uma autoconsciência europeia e sendo totalmente dependente dos EUA, empenha-se em destruir o plano do império europeu (principalmente o franco-germano), tendo preservada a União Europeia como região de direto controle americano.

Essa dualidade da Europa mostra-se em tudo. Assim, não funciona, absolutamente, fazer uma escolha entre dois projetos imperiais, um sendo o conformista americano, e o outro, a alternativa (se preferir, “revolucionária”) europeia, continental. Mas, do contrário, dever-se-ia levar em conta que a maioria dos europeus sobriamente pensa que, no mínimo, eles podem ser concorrentes – para não dizer nada de independência estratégica – só no formato da União Europeia, e por nenhum modo como governos nacionais. Em outras palavras, que a Europa é compelida a mover-se às formas imperiais de organização política é uma questão bem enraizada. Tomada separadamente, até mesmo os maiores países da Velha Europa não podem defender seus interesses nacionais. E independentemente se a Europa vai se tornar um império independente ou se permanecerá na periferia do Atlantismo, ela está condenada à integração.

9. OS “DERROTISTAS” RUSSOS

Agora devemos falar da Rússia também. Como deveríamos

nós, russos, trabalhar as condições do século XXI? Esse problema se manifesta em alguns componentes. Primeiro, tudo deve começar com uma resposta à ameaça do mundo unipolar. Simplesmente falando: como referirmo-nos ao império americano?

Se estivermos conscientes do que é o império americano, seremos obrigados a decidir a equalização da soberania. O próprio fato da globalização e da criação de um mundo unipolar feita pelos americanos significa uma perda de nossa soberania, todo o caminho até sua final abolição (com a transferência das funções estratégicas fundamentais ao centro imperial). Ou a soberania russa, ou o império global americano – este é o dilema.

Há duas posições marcadas nisto. Uma consiste em admitir a derrota da URSS como algo irreversível, erguer a bandeira branca (da traição) e tentar tomar um papel mais confortável no novo império americano. Assim era como os reformistas na era Yeltsin pensavam; assim é como as forças “liberal-democratas” (SPS, Yabloko), os promotores da “Eco Moscou”, muitos oligarcas russos (Khodorkovsky proclamou isto de forma mais clara que outros), e participantes da oposição radical (“Outra Rússia”, Kasyanov, Kasparov, etc.) continuam a pensar.

Deve-se dizer que uma posição tal, apesar de seu defeito moral (afinal, significa uma traição de nossos interesses nacionais), opera com fatos frios. Os EUA têm a ideologia de um novo império e também significantes recursos para sua realização. Os oponentes da globalização têm agitações, extravagantes modelos do tipo Negri-Hardt e o ameaçador projeto terrorista do fundamentalismo islâmico (nada atraente, que fique claro), mas, entretanto, não há quase em nenhum lugar recursos convincentes a romper o projeto planetário dos americanos seguramente. Então os “derrotistas” russos – se não por seu mal disfarçado prazer malicioso e manifesto ódio à Rússia – poderiam bem ser chamados a serem os responsáveis pela política estratégica do futuro.

Em todo caso, na nossa sociedade há aqueles que estão prontos a ceder a soberania russa ao império global americano e defender sua posição distintamente.

10. OS APOIADORES ANTI-IMPERIALISTAS DA SOBERANIA RUSSA

No campo oposto aos supremacistas – em outras palavras, daqueles que não estão prontos a sacrificar a soberania da Rússia, que evidentemente avançou nas prioridades dos políticos russos na presidência de Vladimir Putin – existem dois polos. Ambos respondem diferentemente à ameaça do império e propõem dois cenários correspondentes.

O primeiro polo, recentemente articulado claramente pelo prefeito de Moscou, Yuri Luzhkov, em uma polêmica com o autor destas linhas do fórum “Rússia Unida” “Estratégia-2020”, procede do fato de que a Rússia deve preservar a soberania, enquanto permanecer dentro dos limites de um governo nacional. Aparentemente, uma crença tal governa entre os escalões superiores da elite de Putin, tentando contra-atacar o globalismo e a pressão estratégica da OTAN e dos EUA no quadro de uma continuação do *status quo* de Yalta. Com isto está conectado também a obsessiva ideia de apoiar a ONU e um aumento da contribuição russa em seu financiamento, e muitos outros passos internacionais da liderança russa. Aqui tratamos com um desejo de ignorar as mudanças geopolíticas objetivamente decorrentes no sistema das relações internacionais depois da queda da URSS e do Pacto de Varsóvia. Por isso, também, a ideia de proclamar a Rússia como um “país europeu” (Medvedev, Putin). Nisto, é lido o persistente desejo de “lançar um feitiço na realidade”, de agitar com as palavras, gestos, sinais, e discursos ambíguos a irritante agudeza da ameaça.

Os americanos abertamente dizem: estamos construindo um império global ao qual é proposto a todos reconhecê-lo como um fato, renunciar-se e cravar-se no projeto imperial, ou censurar-se (o que precisamente segue neste caso é mostrado pelos exemplos do Iraque, Iugoslávia e Afeganistão; por sua vez ficam os outros países do “eixo do mal”, incluindo a Rússia). A isto os supremacistas, lutando para não inquietar o *status quo*, respondem: não é bem assim, ninguém está construindo um império, nada aconteceu, vocês não devem nos pressionar, sejamos amigos e construiremos juntos um mundo democrático sem duplos padrões, respeitando a soberania de todos os governos, desde que cheguemos a um acordo sobre casos disputáveis.

Então os americanos especificam novamente: não vai ser

agora como foi antes, porquanto fomos um de dois impérios, mas agora permanecemos como único – tentem provar o oposto, e então conversaremos: portanto, parem de bancar os idiotas e renunciem. “Nós vencemos, vocês perderam, assinem aqui”, como Richard Perle sugere que se diga à Rússia.

A isto os apoiadores do “membro fantasma” de um império falido respondem: nós não ouvimos nada do que vocês nos dizem; nós não perdemos a “Guerra Fria”; nós somos simplesmente democratas (bem peculiares) e somos homens que desejam mais fazer acordos (nós removemos bases de Cam Rahn e Lourdes, os americanos foram admitidos à Ásia central depois da incursão islâmica, nós ajudamos a entregar Milosevic ao Tribunal de Hague, não protestamos contra a prisão de Karadzic), então por que vocês nos ameaçam?

Os construtores do império americano respondem a isto de novo: por que vocês pensam que o cumprimento da determinação de um dono deve ser tomada como serviço rendido a ele? O que vocês fizeram sob nossas ordens – certo, continuem neste espírito e não desacelerem. Em outras palavras, o partido perdeu, então deem as chaves da cidade. Rechacem sua soberania. E aqui a quinta coluna dos colaboradores americanos já canta reservas de dentro: rechacem, rechacem antes que seja tarde. E os supremacistas param no seu trajeto da contradição interna. Em certo ponto, algo deve ser erguido como uma oposição aos construtores do império em um plano essencial, tanto do ponto de vista da ideologia como do ponto de vista dos recursos. Ou seja, primeiro da ideologia, então dos recursos. Dependendo do modelo selecionado de uma resposta assimétrica, aqueles recursos, também, serão encontrados.

É óbvio que a ideia da Rússia como um governo nacional, um “país europeu”, uma “sociedade civil”, com seu próprio tipo de democracia e sem qualquer ideologia, qualquer que seja, ou com alguma fraca ideologia-substituta (“democracia soberana”) (em que tudo é suavizado à falta de articulação), na era dos projetos imperiais e da globalização mundial não será considerada séria por ninguém. Não vai convencer e não vai mobilizar nossa sociedade, mas ao mesmo tempo não vai apaziguar os ambiciosos arquitetos do futuro.

Em uma resposta assim, o que é bom é a rejeição do plano americano, um “não” bem sincero dito ao império americano e ao

mundo unipolar (tudo isto está presente no discurso de Putin em Munique). Mas em uma resposta como esta o que é ruim é que por trás do “não” não segue nenhum tipo de “sim”, não há nenhum projeto; enquanto que em geral sobre direitos, sobre uma guerra contra a corrupção, sobre inovação e relações são uma história completamente diferente. Estamos convidando obsessivamente para se jogar xadrez no tabuleiro eurasiático. Depois de alguns movimentos, moveremo-nos para o jogo de damas, e, então, sem alarme, para o chapaev¹⁸.

Para uma categoria de supremacistas tal, o que é característico é um alerta ou uma relação inteiramente negativa a um projeto imperial erguido pela Rússia, sobre o qual o prefeito de Moscou, Yuri Luzhkov, declarou inequivocamente: “Dizer que a Rússia deveria se tornar um ‘império’”, ele disse em resposta aos meus comentários, “é perigoso e inaceitável”.

11. O IMPÉRIO EURASIÁTICO DO FUTURO

Agora miremos o segundo polo. A ele se inclinam mais e mais não apenas russos tradicionais e patriotas soviéticos da oposição anti-Yeltsin, mas também alguns intelectuais russos que evoluíram do liberalismo a uma posição majestosa (M. Leontov, V. Tret'yakov, entre outros). Aqui se encontram aqueles que rejeitam a perda da soberania e o império americano (como também outros supremacistas), mas oferecem uma alternativa, um projeto ideológico e geopolítico agressivo.

Admitindo a irreversibilidade das mudanças ao fim do século XX, não enganados sobre o fim do mundo baseado em Yalta e da inutilidade a longo-prazo da ONU, não criando ilusões com relação ao poder real e à intencional resolutividade dos americanos em criar ainda a longo-prazo um governo mundial, apesar de todos os protestos contra a “sociedade internacional” (que Washington mantém barato), este polo propõe construir um novo império em resposta, com seu centro na Rússia, como uma adequada resposta à ameaça americana.

¹⁸ O jogo de jogar as peças do seu lado para derrubar as do oponente. “Jogar Chapaev” é ignorar as regras e partir para a força bruta.

Este é o projeto imperial russo. Mas em contraste com o mundo bipolar ou com o império russo, deve ser apresentado com uma nova essência ideológica.

Um império pode só ser somente combatido por alguns impérios, que podem reagrupar seu potencial em uma estrutura assimétrica, com fim de primeiro parar, romper e protelar a construção de um mundo unipolar, e depois, finalizar entre alguns polos imperiais os limites de mútua influência em um mundo multipolar.

Os adeptos do projeto imperial russo argumentam que nem o potencial territorial, nem o político, nem o econômico, nem o civilizador da Federação Russa é suficiente para a missão. Para chegar aos limites da multipolaridade, a Rússia deve reconstituir sua influência no espaço pós-soviético, tendo integrado ao redor de si aqueles países e *narodi* que estão próximos a ela com respeito à civilização (em primeiro lugar, os países da CEI). E em paralelo a isto promover a formação de uma frente unida de todas as alternativas ao império americano, dos mais gentis aos mais cruéis, que existem hoje. Neste sentido, contatos importantes não são só o mundo islâmico, mas também a Europa continental, não só a China, mas também a emergente América Latina; e não se deve esquecer dos outros países da Ásia e da África.

Em outras palavras, a Rússia deve pensar e agir imperialmente, como um poder mundial, que tem opinião sobre tudo, tanto nos seus territórios como nos mais longínquos locais do planeta. E isto deve começar não “mais tarde”, quando a Rússia “fortalecer-se-á internamente” (sob a influência dos EUA ela nunca vai se fortalecer suficientemente), mas “agora”, enquanto o andamento e a lógica da construção dependem de onde estamos construindo. Se for como império, este é um projeto; se estamos tentando salvar nosso governo nacional, isto é completamente diferente. Transformar um em outro não é só mais caro e mais difícil, mas absolutamente impossível. É muito mais fácil, qualquer construtor sabe disso, demolir tudo e construir algo novo. Os atores dos anos 80 e 90 demoliram tudo para nós. Então o próprio lugar para construir um império é no ciclo nulo.

12. CEI – O SÍTIO DO FUTURO IMPÉRIO

A base da fundação do império, seu ciclo nulo, será a integração do espaço pós-soviético. Todos os governos pós-soviéticos têm tanta soberania quanto houve de enfraquecimento em Moscou nos anos 90 e há de apoio potencial de Washington concedido. Nos aspectos restantes, são quase sempre “estados falidos”. Hoje a OTAN, crescendo com mais ousadia, do estupor no qual o Kremlin ainda se encontra – depois da catástrofe geopolítica dos anos 90 – esforça-se em provocar a fuga irreversível de alguns países da Rússia – Geórgia e Ucrânia em primeiro lugar. No adiamento até Dezembro de 2008 da questão da recepção de Kiev e Tbilisi na OTAN, estamos tratando com um tempo gasto pela Velha Europa a fim de que o usemos como experiência. Mas depois de Tskhinvali tudo isto tem significância distinta. Praticamente o adiamento terminou em 8 de Agosto de 2008, depois da decisão de Moscou de introduzir tropas na Geórgia.

Se a Ucrânia e a Geórgia viessem a se tornar parte do império americano, que só fortaleceria a oposição dos atlantistas na Europa (como Paris e Berlim certamente calcularam, fazendo um gesto geopolítico amigável na direção russa), o projeto imperial para a Rússia provar-se-ia bastante obstruído (Zbigniew Brzezinski escreve abertamente sobre isto em seu livro “*The Grand Chessboard*” [“O Grande Tabuleiro”]). Mas o sítio do futuro império eurasiático coincide em aspectos com o território da CEI.

Claro, falando da extensão da influência russa no espaço pós-soviético, não estamos insistindo na direta colonização nas antigas tradições. Os impérios de hoje raramente recorrem a métodos como estes (contudo, como vemos o exemplo do Iraque ou do Kosovo, eles são empregados; conseqüentemente, eles não podem ser descontados inteiramente). No entanto, no nosso mundo existem desenvolvidas tecnologias de rede mais delicadas e efetivas, permitindo alcançar resultados análogos por outros meios – com o uso dos recursos de informação, organizações sociais, grupos confessionais e movimentos sociais.

Na Ucrânia, mais que a metade da população, protestando contra a entrada do país na OTAN, pertence à Igreja Ortodoxa Russa do Patriarcado Moscovita e é orientada a laços mais fortes com a

Rússia. Mas a elite política de Kiev a vendeu ao império americano. As terras ocidentais da Ucrânia são fortemente atraídas pela Europa, em termos de civilização. Mas o Leste e Kiev são fortemente e inequivocamente atraídos pela Rússia. Agora mesmo uma contagem regressiva começou no rompimento da anexação da Ucrânia pelo império atlântico. O tempo é até dezembro, apesar de que o conflito entre Geórgia e Rússia torna a situação ainda mais perspicaz.

A Rússia tem uma chance e recursos. Mas se não houver ousadia na necessidade histórica de construir na extensão da CEI um sítio para uma nova missão imperial, Moscou provavelmente perde esta oportunidade.

Ademais, a decisão de adotar um projeto imperial deve automaticamente envolver também um trabalho intensivo com nossos amigos, os países membros da Sociedade Econômica Eurasiana (em primeiro lugar, Cazaquistão e Bielorrússia), cujas nações e líderes apoiam a integração. Enquanto se opõem aos nossos inimigos, é necessário reunir mais fortemente com nossos amigos e fechar nossos olhos para tipos diferentes de arestas nas nossas relações.

13. O IMPÉRIO DEPOIS DE TSKHINVALI

Depois dos eventos de agosto de 2008, a situação na extensão pós-soviética vai para uma fase nova e muito mais nítida. A luta pelo império e por nossa influência transferiu-se dos cenários político-econômicos e de rede para um conflito direto e armado. Depois que Moscou respondeu ao genocídio do *narod* da Ossétia do Sul com a introdução de tropas no território da Geórgia e com o reconhecimento da independência da Ossétia do Sul e de Abkhazia, nós entramos em um novo ciclo imperial. Isso em nenhum caso remove a relevância dos métodos político-diplomáticos de atividade no território da CEI, mas mostra que o fator militar-estratégico permanece, em certos casos, decisivo.

Quando o presidente da Rússia Dmitri Medvedev e os membros do Conselho de Segurança da Federação Russa adotaram a decisão histórica e irreversível concernente à introdução das tropas russas na Geórgia, e mais tarde reconheceram a independência da Ossétia do Sul e de Abkhazia, nós cruzamos uma linha proibida, que

antes hipnotizava a consciência geopolítica da liderança russa. Putin, enquanto presidente, foi aos extremos para o fortalecimento da Rússia como estado-nação (a operação na Chechênia, seu decreto sobre o apontamento dos governantes, etc.). Isto esteve em forte contraste com as políticas destrutivas da administração Gorbachov-Yeltsin, mas não foi além dos limites da Federação Russa. Depois de Tskhinvali, nós explodimos essa hipótese, reconhecendo claramente que é necessário providenciar a segurança da Rússia e dos seus cidadãos até além das fronteiras. Provavelmente, Moscou não teria tomado uma decisão sobre tais passos se não da impudência de Saakashvili, ao qual seus padrões americanos prometeram, sob juramento, que uma resposta armada pelos russos estava inteiramente fora de questão. Ele acreditava neles, e esforçou-se em destruir inteiramente a população da Ossétia do Sul com fim de que depois atingiria Abkhazia, mas inesperadamente chocou-se com o fato de que a Rússia saiu da sua paralisia e está agindo como um império, levantando seus joelhos.

Se quisermos ser consistentes, então deveríamos, depois de aplicar a primeira derrota nas forças da Geórgia, continuar a operação militar, ocupar a Geórgia, e trazer ao poder um governo temporário pró-russo. Depois de algum tempo, as tropas poderiam ser retiradas, mas em paralelo poderia ser criado um forte e autônomo governo em Samgrelo, Adjara e nas regiões armênias de Javakheti, que é, acamado na Geórgia, um tal modelo político que nas próximas décadas, apesar de todos seus desejos, não serviria como um posto avançado do império global americano e nem traria a construção do nosso próprio império. A reação de Washington seria a mais forte e negativa, mas os primeiros dias da guerra mostraram que Washington não vai além da chantagem, enquanto que a Rússia perdeu em suas relações com o Ocidente tudo que poderia perder. Não há outras alavancas para agir em Moscou; o Rubicão foi cruzado, irreversivelmente. Na guerra pela Geórgia, nós entramos em uma nova era: caminhamos sobre o território cujos nossos inimigos pensaram que tivessem nos tirado para sempre. Agora é importante manter o que conseguimos.

Nós deveríamos especialmente prestar atenção à posição de Kiev. O presidente Yushenko desde o início agiu como um inimigo direto e feroz da Rússia: ele não somente apoiou Saakashviki, mas também dirigiu apoio militar à Geórgia, incluindo tropas ucranianas,

repetidamente tentou bloquear a entrada dos navios russos em Sevastopol, e desligou a eletricidade na nossa base naval. Essencialmente, Yushenko comprometeu-se em uma guerra contra a Rússia ao lado de Tbilisi. Isso agrava a situação em torno da Ucrânia, que, nas palavras de Brzezinski, é a chave para a Rússia se tornar um império de novo. Agora, não há sentido em ter esperanças na posição franco-alemã concernente à entrada de Kiev na OTAN, e a situação com a Ucrânia pode passar a uma fase perigosa a qualquer momento. Não pode ser excluído que nós viemos a uma batalha por Kiev e pela Ucrânia oriental.

Se muito recentemente as mais furiosas cabeças entre os russos admitiram somente um conflito internacional na Ucrânia e uma pressão política, econômica e energética do lado da Rússia, então hoje a probabilidade de um conflito direto militar se torna não tão irreal. Durante a criação de um império, deve-se sempre satisfazer: tanto aqueles que ajudam Washington a construir seu império global, como aqueles que querem defender uma ordem mundial alternativa, fundada na multipolaridade.

Os eventos de agosto mostram, ai de mim, o quão frágil e incerto o quadro de amizade está no espaço pós-soviético. O efeito cascata de Lukashenko em apoio às ações da Rússia na Geórgia nos primeiros dias, o cuidado de Astana na avaliação dos eventos, a rejeição pelos estados aliados da OTSC [Organização do Tratado de Segurança Coletiva. Aliança político-militar entre Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Rússia] em tomar uma posição definida com a Rússia em uma frente unificada dos primeiros dias depois do ataque da Geórgia em Tskhinvali – tudo isso mostra o quanto subestimamos a perspectiva imperial nas atividades com nossos aliados.

Nossos inimigos provaram-se mais agressivos, bravos e radicais, ousando atacar a Rússia diretamente com um ato de força (o ataque aos mediadores russos na Ossétia do Sul). Nossos aliados provaram-se mais passivos e cautelosos que se acreditava. Os russos e antes de tudo nossa liderança política comportaram-se melhor que qualquer um nesta situação.

Antes de Tskhinvali, o projeto imperial da Rússia estava em estado de virtualidade; algo foi feito, mas, parecia, ainda os líderes do

país não acreditavam que esta preparação jamais viria a um caso específico e a passos fortes. Porém, o que se fez está feito e, doravante os acontecimentos, são irreversíveis.

O cronômetro do império depois de Tskhinvali faz tique-taque em um ritmo frenético. Muitos problemas teóricos e debates movem-se para a esfera das decisões diretas militares, políticas e geopolíticas.

Nós entramos em uma fase de construção do império. Nosso império.

14. O AMÁVEL IMPÉRIO – O EIXO EURASIANO

Para a Rússia, o projeto imperial oferece um ativo desenvolvimento de relações com colegas em potencial de acordo com a multipolaridade. Estes são, antes de tudo, os poderes continentais da União Europeia (a propósito, não faz diferença para eles se a Rússia é um país “europeu” ou “não-europeu”; para eles o importante é que é forte e capaz de efetivamente contrabalançar os EUA, e também de suprir a Europa com energia). Depois da situação na Geórgia e do reconhecimento por Moscou da Ossétia do Sul e de Abkhazia, este diálogo russo-europeu será extremamente complicado, porquanto Washington comece exercendo todo seu poder para fortalecer os laços euroatlantistas. No entanto, apesar de que a possibilidade de relações mais próximas com o polo europeu tenha sido essencialmente adiada, os esforços nesta direção deveriam prosseguir. O eixo Berlim-Paris-Moscou hoje é mais espectral do que nunca; mas de espectros, como sabemos, grandes efeitos surgem.

Não menos e talvez ainda mais significativa é o aperto estratégico das relações com a China, um Estado gigante, que também não quer uma capitulação incondicional perante o império americano. Para Pequim, apoiar a operação russa na Geórgia será suficientemente problemático, já que a China tem seus próprios problemas com separatistas (Tibet, Xinjiang). Mas nós não podemos esquecer que no caso de Taiwan, Pequim, pelo contrário, visa agir ativa e agressivamente.

E assim, já que é evidente hoje que não podemos governar mais com o princípio de integridade territorial, nem com o princípio do direito das nações para a autodeterminação como uma categoria

abstrata, mas devemos fortemente determinar em cada caso real a balança de poderes, interesses dos Estados mundiais e o fato do controle militar-estratégico sobre os territórios, a China pode ficar calma, apoiando a independência da Ossétia do Sul e da Abkhazia, mas não apoiando, por exemplo, Kosovo, que encontrará na Rússia compreensão e uma habilidade para distinguir por sua vez a situação no Tibet e em Taiwan na China. Mas se Rússia e China começarem a agir em consolidação, a hegemonia americana e sua apropriação do poder de definir sozinha qual princípio deveria ser adotado em cada caso, o princípio da integridade territorial ou o princípio da autodeterminação, chegará a um fim. Assim, a Rússia e a China serão capazes de ajudar uma à outra a criar seus próprios impérios, não a custo do outro, como fica claro, mas a custo da limitação do caráter planetário do império americano.

Contatos com o mundo islâmico são extremamente importantes agora – especialmente com o Irã, mas também com Paquistão, com os países árabes, e com os islâmicos da região do Oceano Pacífico. Não é apenas por apoio de recursos, mas também uma fonte de vontade política (que esteve tão carente no Kremlin antes de Agosto). Teerã há muito tempo lançou um desafio direto contra Washington e paga por isso com um bloqueio internacional. A Rússia em dada instância está interessada em ajudar o Irã a quebrar o bloqueio e para que o setor energético iraniano seja desenvolvido e o nível do desenvolvimento militar aumentado. O Paquistão agora arde em febre, mas lá os sentimentos antiamericanos crescem diariamente. No Afeganistão, os EUA dependem do apoio da Rússia e das forças da “Aliança do Norte”, controladas por eles. Está claro que nas condições atuais isto será reconsiderado e Moscou deve encontrar novos aliados na situação de um conflito direto com os EUA. Alguns movimentos islâmicos, uma vez inimigos da Rússia, podem se tornar nossos aliados nas novas condições. Política é uma realidade onde não há verdadeiros aliados e verdadeiros inimigos: aquele que nos ajudar a construir nosso império é um aliado. Aquele que se opõe é um inimigo. E um inimigo, é óbvio, é destruído (se não se render).

A América Latina fala cada vez mais alto sobre sua rejeição ao controle americano. E ao lado daqueles países que encontramos na vanguarda desse processo – Venezuela, Bolívia e Cuba –

extremamente importantes são os passos daqueles países como Brasil, recentemente tendo rompido com o projeto dos EUA da integração econômica das duas Américas sob a égide de Washington.

Índia está tentando seguir seu próprio caminho, experimentando uma vigorosa explosão econômica e tecnológica.

Através da sua oposição à hegemonia americana, cada um desses países colabora com a caixa do futuro império russo (eurasiano), distrai para si a atenção e as forças de Washington. Enquanto isso, Moscou, tendo grande experiência diplomática e um bom potencial, poderia bem decretar o coordenador no conjunto mundial de novos impérios – no âmbito global. Nosso país tem todas as habilidades e tradições necessárias para isso.

15. O EURASIANISMO COMO IDEOLOGIA IMPERIAL

Mas a coisa mais importante no projeto imperial para a Rússia é a ideologia. Não há império sem uma ideologia e uma missão claramente reconhecida. Parece que o eurasianismo como uma¹⁹ filosofia política do século XXI tem se tornado a forma ideal de tal império.

Entre todos os tipos de império, o eurasiano mais que qualquer outro corresponde ao império construído de acordo com o caráter civilizacional. Os *narodi* do espaço pós-soviético viveram juntos por séculos e compartilharam valores culturais fundamentais, diferentes tanto dos valores europeus como dos asiáticos. Esse conjunto cultural independente foi formado em torno da cultura russa, da língua russa e das tradições russas – abertas para todas as outras nações irmãs que construíram junto dos russos tanto o império russo como o soviético.

A civilização eurasiana é familiar aos bielorrussos, cazaques, yakuts, chechênios, grã-russos, moldávios, ossétios e abkhásios. Muitos *narodi* e culturas misturadas, enriquecendo umas às outras, na sociedade eurasiana. O núcleo disto consiste na instituição russa, mas sem qualquer tipo de referência à dominação, exclusividade e superioridade; sem qualquer tipo de bazófia étnica. Dostoievsky

¹⁹ Ou “a”.

chamou a pessoa russa de todo-humano, sublinhando sua abertura, a *bselenkost* de seu amor e a infinitude de sua amabilidade.

Os russos historicamente foram sempre um império, que significa que essa experiência não será artificial. As condições ideológicas mudaram – do modelo ortodoxo-monárquico para o soviético – mas a vontade do *narod* de unir cultural e civilizacionalmente a gigante extensão da Eurásia permaneceu imutável.

O eurasianismo convida a sintetizar todas as ideias imperiais anteriores – de Gengis Khan a Moscou – a Terceira Roma – e a erguer nesta base um denominador comum: a fórmula de uma vontade imperial-construtora. Os *narodi* da Eurásia nortenha estão unidos pela história, pela cultura, pela língua russa, por um destino comum, pelas peculiaridades da sua psicologia do trabalho e por uma estrutura ética e religiosa similar. Poderiam os europeus unirem-se depois de tantas guerras cruéis? Para os cidadãos do futuro império eurasiático vai ser ainda mais simples. A combinação do centralismo estratégico e da ampla autonomia e também do autogoverno, que representa o sinal característico do império, também não terá de ser criado artificialmente. Assim era no império russo e ainda mesmo, em parte, na URSS. Algo de similar foi preservado na Federação Russa, onde muitos grupos étnicos e culturas locais vivem suas vidas. A Federação Russa é também um tipo de império, mas em miniatura, não-natural, fundado não no hábitat cultural real de uma civilização comum, mas sobre as linhas administrativas artificiais, que não significaram absolutamente nada na era da União Soviética, porquanto fossem condicionais, divisões para a simplificação da direção territorial-administrativa e organização econômica. Nos países da CEI, incluindo a Rússia, naquelas fronteiras, tal como existem, não há o menor senso histórico ou a menor essência geopolítica. Essas são fronteiras absolutamente condicionais, e na sua inviolabilidade podem somente insistir aqueles que governam pelo princípio de “dividir para governar” e esperam pôr suas mãos nelas separadamente.

Agora da missão. Os russos, além do curso de sua história inteira, viveram com um senso de sua própria implementação. Precisamente por tal razão que eles aguentaram de forma tão leve as dificuldades e privações. Nossos ancestrais claramente reconheciam

que tudo isto é necessário para a causa do triunfo da ideia de todo-mundo – a salvação do mundo, a luz, a bondade e a justiça. Essas não são apenas palavras – elas todas são pagas com rios de sangue, atividades intoleráveis e grandes alcances históricos. Nós guerreamos não tanto pela aquisição de bens materiais, mas por afirmação daquilo que enxergamos como certo, verdadeiro e bom. Por tal razão, precisamente a vinda do império europeu pode, sobre todas as bases, ser chamada de um império da bondade e da luz, que é convocado a agir na batalha final e decisiva contra o império americano da mentira, da exploração, da decomposição moral e da desigualdade, “o império do espetáculo”.

O eurasianismo como uma filosofia política mais que qualquer coisa preenche a demanda para a construção do vindouro império [que virá]. Isso é uma filosofia imperial, uma impressionante filosofia russa, direcionada para o futuro [vir-a-ser], embora também fundamentada na firme fundação do passado.

CAPÍTULO

6

EURASIANISMO

(UM POEMA POLÍTICO)

1. EURASIANISMO COMO FILOSOFIA (O QUE É FILOSOFIA?)

Eurasianismo – isto é, em primeiro lugar, filosofia. Filosofia é praticamente tudo. Não se pode viver sem filosofia. Algumas vezes não se está ciente disto, mas a filosofia nos move. Se não se suspeita isto, então a filosofia opera conosco como com um objeto, encontra-se fora da gente. Mas há um homem que ativa e conscientemente adota alguma filosofia, torna-se livre da manipulação externa, torna-se seu portador. Ele recebe a marca interior do valor filosófico especial e um homem tal é sempre visível de longe; algum raio invisível surge nele. A única coisa que torna um homem valioso é a filosofia, um talento para filosofar; este é nosso valor específico, distinguindo-nos dos animais.

Ao contrário do reino das belas criaturas, o homem pode filosofar livremente, no qual está manifesto seu maior mérito. O eurasianismo é direcionado a pessoas livres, que são capazes de realizar sua própria natureza e tomar seu próprio destino em suas mãos. Sem a filosofia, o eurasianismo fica incompleto; até mesmo impossível.

2. O NAROD É O AMOR

O primeiro princípio da filosofia do eurasianismo é o patriotismo erótico. De acordo com ele, o *narod* aparece como um absoluto: é visto pela filosofia eurásiana como o valor máximo. Mas a questão imediatamente surge: o que é um *narod*? Um *narod* é amor. Este é o motivo pelo qual falamos de patriotismo erótico. Poderia parecer que a aplicação de tal definição ao conceito de patriotismo e da noção de *narod* como amor é algo extraordinário. Olhemos, no entanto, para a etimologia da palavra russa *narod*. Com ela tem-se em

mente aquilo que “nasceu em”, “*na-rodilos*”, enquanto esta é derivada de “*rod*”, que em um sentido direto significa “*rozhdenie*” (nascimento/libertação), a aparição de uma pessoa na terra. De outro modo, nenhuma pessoa apareceria. É fácil entender que na origem do *narod* está a atração do homem pela mulher e vice-versa.

O grande poder do amor – precisamente ele move aquelas ondas de gerações, que trazem ainda mais e mais proles, criando suas famílias, cumprindo a continuação da sua família [*rod*]. A totalidade de todos os seres gerados por um ato de amor forma um *narod*. O próprio conceito “*narod*” é pleno desse interior e latente poder do amor. Não há *narod* sem amor; o *narod* é um produto do amor, um produto do amor entre um homem e uma mulher, tendo um desejo apaixonado um pelo outro.

De século para século, de geração para geração situações similares se repetem: os homens, pertencentes a algum *narod*, amam as mulheres, que são também parte dele. Claro, há algumas vezes intercâmbios com outros *narodi*. Mas como um resultado o *narod* multiplica: algumas vezes a si mesmo, outras um novo...

A humanidade é um produto de um amor global dos *narodi* a si mesmos e outros. Falando do *narod*, nós compreendemos por ele não algo abstrato, mas uma realidade erótica jovial e real. Nós constantemente colocamos perante a gente sérias questões; sobre o *narod* e nós mesmos; sobre nosso *narod* e nós mesmos. De que forma eu me relaciono a ele? De onde veio este *narod*? O que será seu futuro [vir-a-ser]? Nós devemos senti-lo nas nossas costas, em nosso sangue, em nossos genes. Está no nosso interior e ao redor da gente. Depois de tudo, nós somos só os transmissores sagrados da energia do nosso *narod* para o futuro [vir-a-ser].

O *narod* avança. Está atrás de nós. Não avança entre nós. Ele empurra-nos para o amor, para outra geração do povo russo eurasianista que surge na terra e porta esse fundamental sentimento de amor.

3. O CORPO RUSSO

Por que é o *narod* o absoluto, o principal, central, o primeiro e último conceito da filosofia eurásiana? Porque, como o amor, dá ao

homem tudo: sua aparência, sua vida, sua língua, sua cultura. Tudo o que temos – desde a forma dos nossos olhos, ouvidos e crânio até nossa estrutura esquelética – é formulado pelo amor dos nossos ancestrais, isto é, pelo *narod*.

A torrente de amor *narodni* deu-nos nossa corporalidade. Nós somos só um episódio neste corpo *narodni*, que precede a nós como o corpo coletivo dos nossos ancestrais, e que, ademais, está presente também na aparência de outras pessoas russas. E quando um de nós começa a pensar sobre outro russo, sente a matriz do *narod*, sua corporalidade universal, seu pertencimento a ele e seu ser combinado com outros. Esta corporalidade é passada por nós e segue ao amanhã. Nós portamos em nós o embrião da futura corporalidade russa da mesma maneira que o corpo humano, de acordo com o ensinamento dos Anciãos Ortodoxos, porta em si mesmo o embrião do corpo da ressurreição, o “Corpo de Fama”. Esta é uma perspectiva vertical, religiosa. Mas a base fundamental da filosofia eurasianista, o elemento básico e o significado fundamental, é precisamente o *narod*.

Como uma corporalidade familiar, passa a si mesmo para o futuro, conquista o tempo, a história e o espaço. O *narod* nos dá um corpo, e este é o corpo russo universal, mas não real. Uma partícula dele é nos dada como uma concessão, temporariamente. Hoje nós temos, amanhã não mais. Afinal, houve um tempo em que não o tínhamos. E nós novamente devolvemos quando o fatídico demônio se aproxima, ou quando um repentino incidente interrompe nossa vida – então o corpo não existe mais. Mas o *narod* está antes do nosso nascimento e depois de nossa morte; assim, permanece sempre. A relatividade de nosso corpo individual empalidece perante a absoluta, eterna e infinita corporalidade do próprio *narod*. O *narod* é um corpo global e universal e um valor absoluto.

4. O PRESENTE DA LINGUAGEM

O *narod* dá ao homem a linguagem. O que estaríamos dizendo agora mesmo, como pensaríamos e expressaríamos uns aos outros, se não pela linguagem que nosso *narod* passou a nós? Sua própria [*rodnoe*], herdada do *narod*, é capaz de dar ao homem a energia para pensar, e esta é a lenha para a alma e para nossa consciência. Mas para

a atividade da consciência, para o discurso, para as palavras, nós precisamos da linguagem. E ela, também, é passada para nós pelo *narod*. Esta linguagem, de acordo com a observação de Heidegger, é o poema máximo.

A simples expressão de uma randomicamente selecionada palavra russa – isto é mesmo mágica, um feito espiritual, visto que no que é falado é ouvido o sussurro e o ruído daquelas coisas fundamentais, aqueles pensamentos, aqueles movimentos da alma que permanecem atrás da gente. E aqueles que vêm depois da gente. Sua linguagem nativa transmite a um homem uma energia gigante, seu próprio estilo intelectual, moral e conceitual, e deixa uma impressão permanente na alma humana. Sem a linguagem não seríamos nada. Nossa individualidade, nossa existência, sem a linguagem são absolutamente vazias, não são interessantes para ninguém. Como seria se não pudéssemos falar, se esta absoluta, grande e supranatural linguagem russa não tivesse sido nos passada?! Seríamos apenas gado mudo... mas foi nos entregue, e o *narod* foi quem entregou, pelo qual estamos favorecidos. Nossa linguagem expressa o inteligente, o belo, o verdadeiro e o correto.

Mas não é apenas um presente, foi nos creditado, o que precisamos retribuir. E, portanto, devemos atentamente e diligentemente aprender a falar na sagrada língua russa. Nisto está a significância da filosofia eurasianista (não é acidental que o líder dos primeiros eurasianistas, Prince Trubetskoy, foi um linguista), e de um tal tipo que não é só seu amor pela linguagem; é sua culta e sacra reverência, uma mais atenta atitude com relação ao que é dito em russo.

Retribuir o que temos à língua significa compreendê-la, preservá-la, falar nela e sobre a grandiosidade do *narod*, compor hinos a ele. Aquele que não fala em russo sobre a grandiosidade do seu *narod* pode até mesmo perder sua língua. A liberdade da palavra russa está na música e nos lamentos sobre o esplendor e sofrimento da origem russa no Universo... deixemos outros discursos soarem em outras línguas.

5. UM RUSSO ADORMECE E DESPERTA

O *narod* nos dá tudo que temos. Dele recebemos a cultura, a palavra russa, nossa forma de pensar, nossas moradas, nossa terra; por tal razão, na filosofia do eurasianismo o *narod* é uma categoria absoluta. Nós devemos pensar sobre isto quando levantar da cama ao amanhecer. Acordando, dever-se-ia dizer, “Eu sou russo”. Isto deveria ser dito diante da cama, ao rezar, ao escovar os dentes, caminhar, e por aí em diante. Indo dormir, deve-se repetir: “Um russo está indo dormir”. Só isto tem sentido.

Agora ele, o russo, vai de uma condição russa – a vigília – para outra condição russa – para a condição russa de dormir. Assim adormece e acorda o russo, ser inteligente e corporal de todo o imortal e infinito *narod*. Isto é o que significa “assimilar o *narod*”. Não é apenas formalmente declarar: “eu amo meu país; eu sou patriota”. Devemos encontrarmo-nos intoxicados por nosso próprio *narod*. “Por quê?”, dirão. Porque isso é o nosso *narod*. É assim, portanto, somos assim. Não temos o direito de amar a nós mesmos separadamente. Devemos amar a nós através do amor por todo o *narod* russo, através do amor do russo em nós mesmos. Só um amor como este enobrece, satisfaz e produz frutos; todos os outros amores são estéreis.

Tudo que temos dito dos russos pode ser dito com certos ajustes de outros *narodi* também. Ou melhor, deixemos os representantes desses *narodi* falar e ouviremos a eles e aprovaremos. Afinal, estamos pensando aqui e agora na pessoa russa, no *narod* russo.

6. A PESSOA RUSSA COMO UM ABSOLUTO

A pessoa russa é tão absoluta que não compreendemos o ponto de existência dos outros *narodi*. “Se estes não são russos, então o que são?”, pensamos francamente. Quando vemos algum tipo de árabe alegre e maravilhoso, por exemplo, que não é relutante em beber, tendo uma amável risada, “desapertando a torneira”, dissemos: “eis um russo verdadeiro”. Não é necessário beber junto; é o bastante simplesmente ver: “Aí vai um bom homem”. Está claro que é um russo. Assim é como compreendemos isto; é como compreendemos a

nós mesmos também. E esta compreensão não decorre da aparência, apesar de, claro, da aparência russa ser algo valioso. Mas a aparência não-russa é também algo valioso, visto que também é um pouco russo. Se virmos um estrabismo especial, uma graça familiar, algum tipo de específicos e agitados cílios, dizemos com certeza: “Ó, dos nossos!” O que quer dizer dos nossos?! Todos o mesmo – dos nossos.

7. OS LIMITES DO NAROD

Onde termina o *narod*? Pode-se pôr essa questão filosófica em si mesmo, se sair um pouco do pensamento de que é interminável e olhar para a dura realidade na busca pelo fim do *narod*. Mas não é fácil. Tudo é empurrado pela forte impressão de que o *narod* é infinito e não tem fim. Deveras, nosso *narod* é interminável; não sabemos dos outros, não podemos dizer com certeza... mas ainda, se tergiversar detalhes por um momento: onde o *narod* termina? Lá onde outro *narod* começa. Onde o amor termina? Lá, onde outro amor começa.

Não podemos imaginar o “não-amor”. Não há mundo sem amor. Não vai continuar por um único segundo, mas vai separar e desmoronar. Não existe porque não haverá energia para que exista, tudo esfriará instantaneamente. O mundo é a energia do amor. Os antigos pensaram: “As pedras amam umas as outras. As flores amam umas as outras”. Agora muito mais é dito do erotismo das plantas; estudiosos ainda medem a atividade sexual das plantas. É compreensível que os animais e humanos amem uns aos outros. Mas pedras?... Sim, até mesmo as pedras têm amor. Tanto a vida das pedras e as tensões eróticas das energias minerais representam uma área gigante. Eles amam diferentemente, que é o motivo de não podermos compreender este exorbitante e transcendental amor. Pode ser que as pedras amem algum tipo de grama, algum tipo de planta. O amor de uma pedra por uma árvore – sicômoro, cipreste – indubitavelmente representa um tipo de energia inalcançável para nós, mas maravilhosa e claramente presente no mundo. Portanto, onde o amor termina, outro amor começa. Onde o *narod* termina? Onde um outro *narod* começa. Contudo, do ponto de vista da pessoa russa, visto que o *narod* russo é infinito, não termina em nenhum lugar.

Há *narodi* abertos e fechados. O russo é um *narod* aberto, e

nosso amor é aberto. Não se limita a um ou outro; ele prefere todos. Nós amamos; realmente amamos. Mas isso significa que nós, com nosso ato de amor, o amor russo, ultrapassa a pessoa específica. Mas, você vai pensar – a pessoa! Uma, uma outra, uma terceira... o mais importante é amar, isto é mais importante. O mais importante é a abertura, a gigantesca energia da vida do *narod*. Naturalmente, tudo que está engendrado por este amor vive, sendo um elemento do *narod*: a família, as crianças e o governo, que é criado por nosso *narod* como um tipo de escudo.

8. O GOVERNO-OURIÇO

O governo, aliás, é uma coisa muito podre. Não é criado por uma boa vida. Mas o problema é que o *narod* não pode só amar todo tempo, só apegar-se em amor em sua condição interior e encontrar-se em seu estado extático de contemplação. Periodicamente alguém o invade, alguém o ataca, vem em multidão. O governo é necessário para a defesa contra tudo isso. O ponto de um real governo nacional russo é enxotar os outros, como alguém enxota irritantes e sujas moscas. Deve ser agressivo externamente e firmar-se, de acordo com a necessidade, como um escudo. Mas internamente muito gentil, com o fim de não infringir, não perturbar o processo nacional de vida espiritual, de vida erótica, que constantemente e invisivelmente flui em nosso *narod*. Nisto está a compreensão do governo.

O governo em si é uma coisa prejudicial e má; é bastante formal, bastante frio. Neste aço, nestas máquinas, nestes instrumentos cruéis de tortura há pouco atrativo. E gostaríamos de mandar o governo embora. Deveria ser eriçado externamente – um governo como um ouriço. Espinhoso do lado externo, macio do lado interno, como o abdômen de um ouriço; é muito vigoroso, tenro e agradável.

Nós somos incapazes de compreender até a nós mesmos nesta nossa grandiosidade

Assim, o primeiro e mais importante ponto da filosofia do eurasianismo: o *narod* é absoluto. Por tal razão, quando você se pergunta o que é o eurasianismo, calmamente diz: “é o amor absoluto de um *narod*, amor por amor, uma apreciação do *narod* como o valor máximo. Não há nada maior que nosso *narod*”. Outros não

conhecemos. Nós os confundimos. Somos incapazes de compreender e claramente identificar outros. Há outros *narod*i que são capazes de compreender outros, mas nós não. Nós não somos nem capazes de compreender a nós mesmos. Somos simplesmente um *Narod*, e isto é tudo.

O Espírito da Terra

O segundo e importante ponto da filosofia do eurasianismo é o conceito do espírito da Terra, do espaço vital e da alma-mundo. No eurasianismo o espaço é tomado como uma realidade absolutamente viva. O espaço não uma categoria abstrata, mas uma fatia real do mundo vivo. Em um espaço há indivíduos minerais, vegetais e animais; todos eles são seus elementos. Em outras palavras, nós tomamos o espaço como predeterminadamente preenchido, nunca vazio. Nosso espaço sempre abunda com vida e determina-a. Fala através dessa vida sobre si mesmo e permite-se conhecer. É o motivo do porquê vibra. Este é o espírito da Terra falante, da nossa Terra, que nos pertence e na qual nosso *narod* se move no tempo, em um estado horizontal e extenso, como o mercúrio.

9. O ESPAÇO [TERRITORIAL] COMO FORMA DE VIDA

Uma relação viva com o espaço e também com a vida forma a essência do eurasianismo. O espaço é interpretado por nós como uma forma de vida. No seu tempo, o fundador da geopolítica, Friedrich Ratzel, escreveu um livro, *Staat als Lebensform* [“O Governo como Forma de Vida”]. Desde que o espaço é a forma de vida, não pode ser congelado. Ele resiste a limites artificiais, já que não é possível de uma vez por todas uni-lo e medi-lo definitivamente. Construir algo aqui, algo lá, e assim, alegadamente, tudo permanecerá. Não. Tudo o que é necessário é construir-se por si mesmo de forma correta naquele lugar onde deve aparecer; assim como as flores crescem ou gigantes e milenares pedras permanecem por eras. Afinal, elas não apenas crescem e morrem por razão nenhuma; elas vivem ali. Elas sabem o que estão fazendo; sua vida está neste espaço real, neste ponto real do espaço russo predeterminado; é um tipo de filosofia da localidade,

“lugar do desenvolvimento”, como Petr Savitsky costumava dizer. É a voz do espírito da terra nativa, que está em todos os seres – rastejantes, agitados, voadores, reclinantes ou bêbados. A voz é dirigida para si mesma, afirmando uma certa grande verdade de formas vitais e espaciais.

O espaço [territorial] é um fenômeno sábio. Nele, na terra, a razão é depositada. Esta razão fala, grita sobre si mesmo e é necessário ser muito atencioso para ouvir. Quando falamos de espaço geralmente expressamos-nos assim: “Este é o meu espaço, aquele é o seu espaço; este espaço pertence ao meu país; aquele, ao seu”. Nós relacionamos o espaço ao organismo vivo. Ademais, “meu” não é um sinal de posse, mas um sinal de afinidade [*rodstvo*]. Laços afins conectam um homem com o chão, com o espaço vital. Assim, com a terra-mãe. Com o país-pátria.

10. FRONTEIRAS VIVAS

Para a visão de mundo eurásiana, o conceito de “fronteiras vivas” é importante. Há fronteiras aqui, onde o ser vivo é condicionalmente separado do outro. Mas não se pode desenhar uma fronteira em um ser vivo. Não se pode separar três quartos de um coelho e quatro quintos de um esquilo e fazer um país com eles ou construir um governo feito deles. Estes três quartos de coelho e quatro quintos de esquilo não são um governo.

Um governo e suas fronteiras são também um projeto do espírito do mundo. Mas se artificialmente cortarmos fora elementos destes seres, estas unidades espaciais vivas, e dissermos: “Ali agora haverá um governo; chamaremos de Ucrânia”, assim nós transgredimos contra as leis da vida. Perdoem-me, que Ucrânia? A Ucrânia em suas fronteiras contemporâneas simplesmente não existe, porque há, no mínimo, quatro seres viventes dos quais tomamos fragmentos – três quartos de um coelho, metade de uma víbora, um quarto de um esquilo e assim por diante... por exemplo, a Pequena Rússia é tanto mais estreita e mais ampla que a Ucrânia. Na Ucrânia há também alguns grandes enclaves geopolíticos: Galícia, Volyn, Crimeia e Novorossiia, uma parte do que está dentro dos limites da Federação Russa. Este é um ponto muito importante!

Devemos considerar os espaços de acordo com sua natureza interna e não de acordo com a transigente e efêmera circunstância. Por esta razão, nós, eurásianistas, não falamos de uma “Federação Russa”; não há federação, nem um governo do tipo; isto é uma coisa artificial, efêmera; isto, também, são três quartos de coelho, quatro quintos de besouro, uma pedra e uma braçada de ramos. E isto não pode ser efetivamente uma realidade viva.

O Império Russo e a União Soviética foram realidades vivas. Tanto uma como a outra são poderosas e superiores formas de vida, provavelmente com os toques finais alguma coisa juntou superfluamente, e, em contraste, alguma coisa mais foi tomada em quantidade adequada. Mas eram unidades vivendo do mesmo jeito. O que temos depois do colapso da União Soviética não é uma coisa viva, é um simulacro espacial, e morrerá. Corte algumas patas de um esquilo e veja o que ele fará. Será incapaz de conseguir nozes para si e perecerá, como o modelo inteiro do governo pós-soviético perecerá. Antes de dividir territórios, é necessário perguntar a estes territórios: “Vocês, terras, vocês, rios, vocês, baías, vocês, florestas, vocês, pântanos, vocês querem entrar para a inculta Ucrânia ou não?” Um referendo deve ser organizado não entre estúpidos espectadores de televisão, que são apenas absurdos, como *Shpuntikis*²⁰, e historicamente irresponsáveis. Deve-se perguntar aos elementos, deve-se perguntar às montanhas, deve-se perguntar às águas, às chuvas. E deixemos que votem. Deve-se pensar que forma de referendo proporão os elementos com fim de que eles possam expressar suas opiniões sobre questões fundamentais.

11. A MONTANHA SÉRVIA

Se atenciosamente e amavelmente nos relacionássemos com o espaço e compreendêssemos sua voz, se aprendêssemos a decifrar seus sons, então ouviríamos o que até mesmo as montanhas dizem.

Em 1992 na Sérvia, eu uma vez encontrei uma brigada de sérvios aos quais todos tinham traído até o momento. Quando paramos, perguntamos a eles:

²⁰ Personagens de um desenho animado.

- Onde estão indo e por que?
- Estamos indo tomar esta montanha.
- Para que vocês precisam desta montanha? Não há nada lá; ou talvez este seja um ponto estrategicamente importante?
- Não, não, estrategicamente não é nada importante, não há absolutamente nada lá, nem água, nem eletricidade, mas esta é nossa montanha sérvia. “Esta montanha não quer pertencer à Croácia, esta montanha quer ficar na Sérvia. Ela nos chama”. Sim, há numerosas brigadas croatas lá, e bósnios-islâmicos à direita. E vamos agora mesmo, morreremos lá.

Por que eles estavam viajando para lá? Pode-se pensar: pessoas idiotas, ridículas. O que... eles não entenderam que é bom viver? Que eles podem comer, dormir, passear, ler, espantar moscas? Mas eles vão e investem suas próprias vidas em uma montanha, porque a montanha os chamou. Ela disse para eles: “rapazes, venham aqui, venham. Preciso de suas mortes. Seu fogueiro sangue sérvio deve jorrar nas minhas ladeiras”. A montanha falou com eles, e eles entenderam que ela os chamava, e isto está certo... não é loucura.

Ninguém precisava da montanha, mas a montanha era sérvia. Isso é compreensível para todos os sérvios. Eles são uma nação – eurásiana – muito vivaz e agradável. Este é o motivo dos sérvios compreenderem tudo imediatamente. Eles dizem: “esta montanha é parte de nosso coletivo, é nossa amiga, eles a insultam, e nós viemos em resgate”.

Assim, o segundo elemento da filosofia eurásiana é o espírito da Terra, a crença no espírito da Terra, a reverência ao espírito da Terra, o diálogo com o espírito da Terra, a adoração ao espírito da Terra.

12. A ETERNIDADE EM SUAS PALMAS

O terceiro princípio da filosofia eurásiana é chamado de “eternidade em suas palmas”, ou “o abraço do vazio”. O problema é que estamos fortemente, demasiado fortemente, amarrados ao tempo. “Agora”, “depois”, “outrora”, “antes”... Na verdade, estas realidades, claro, existem; o pensamento e a lógica formal são construídos sobre eles; mas do mesmo modo tanto eles como o conceito de “tempo” nos

distraem da coisa mais importante. Primeiro pensamos: “Ainda somos jovens, é muito cedo”. Mais tarde somos já adultos e não mais jovens; apesar de que não velhos, ainda. Então: “Já somos velhos, não mais jovens e não mais adultos, mas pensionistas para o bem”. Mas toda esta situação é uma ilusão, porque através de tais formas temporárias nós perdemos o contato com o ser real. O tempo é uma cilada, que tenta nos enganar, nos levar para longe do coração do problema. O tempo mascara a voz do ser; o chamado que soa na eternidade.

13. NÃO HÁ TEMPO

Algumas pessoas pensam que o tempo existe e a eternidade não. Mas, na verdade, é bem o contrário. O eurasianismo afirma que a eternidade existe e o tempo não. Tudo que o eurasianismo fala é a absoluta verdade, e isto deve ser aceito sem todos os tipos de reflexões críticas; aceito e repetido. O tempo é uma ilusão, só a eternidade tem ser. E por este motivo a intuição da eternidade, o sopro da eternidade, pensado em categoria de espaço, de sincronicidade, e a experiência da eternidade são a principal essência da consciência eurasianista. Mas se o eterno é, se o que for eterno pode ser um objeto de nossa experiência, ele, de acordo com isto, está aqui agora também, e deve ser objeto de nossa experiência.

14. PELO ABSOLUTO CONTRA O RELATIVO

Aqui nasce um princípio geral: “Nós somos os adeptos do Absoluto e somos contra o relativo”. Na verdade, claro, o relativo existe em algum lugar. Claro, até mesmo o tempo tem uma chance, tem sua fraca voz. Mas esta é uma categoria muito insignificante e estas são atribuições muito pequenas. Pelo contrário, as atribuições do Absoluto, as atribuições da eternidade e o culto da eternidade devem estar no centro de nossa consciência, e tudo o mais na periferia. Mas a eternidade nunca é essencial do mesmo modo como os objetos essenciais do tempo. A eternidade em algum sentido nos assusta, porque nos cancela. Ela nos remove, nos queima; por isso a expressão “o abraço do vazio”. “Um filósofo abraçando o vazio” – este é o título de um tratado alquímico chinês. Ele muito precisamente nos dá o

sentido da experiência da eternidade. Mas se devemos aprender a manipular a eternidade, viver será muito fácil para nós; viver e alcançar façanhas incríveis, tomar carreiras alucinantes, simplesmente deleitando na vida ou peregrinando ao redor do mundo e olhando em volta, mas somente como eurasianistas – especialmente olhando em volta.

Então tudo será completamente diferente do que é para aquelas pessoas que se encontram dentro do carro negro da relatividade. A eternidade é concedida a nós, o povo russo; é dada a nós, oferecida a nós, até mesmo compelida a nós. E independentemente se a queremos ou não, temos que agarrá-la.

É impossível agarrá-la, impossível escarranchar, impossível torná-la uma ferramenta, mas não há nada mais simples do que pô-la em vigor.

Aqueles são os três principais princípios filosóficos, os três fundamentos do pensamento eurasiano, que estão incorporados em quatro teses complementares. Mas estes três fundamentos são os mais importantes.

15. A TERRA-MÃE [RODINA] ABSOLUTA

Os três princípios do eurasianismo, estabelecidos acima, estão incorporados no quarto princípio, na Rússia. A Rússia é a terra-mãe absoluta. A Rússia é o receptáculo da revelação eurasiana, do espírito eurasiano, da vida eurasiana, do corpo eurasiano. A Rússia é por si só um *narod*, por isso o conceito “russo”. O primeiro princípio da filosofia eurasiana é de que o *narod* é o amor; nosso patriotismo é um “patriotismo erótico”. A Rússia é o espaço, é o nosso território, e aqui o espírito da Terra encarnado; este é o segundo princípio da filosofia do eurasianismo. O terceiro princípio: a Rússia é uma eternidade. O porquê a Rússia é um *narod* já o dissemos. É um espaço porque é um governo e um território. Mas por que a Rússia é uma eternidade? Porque o próprio conceito “Rússia” pode ser compreendido por nós somente se enxergarmos além dos limites do tempo.

16. A RÚSSIA É UM CONCEITO ONTOLÓGICO

A Rússia não existe hoje. Nunca existiu e nunca existirá no

presente. É também uma construção, uma ideia, uma concepção, uma certa realidade que nunca pertence ao presente, mas sempre está, sempre esteve sempre estará em uma certa desencarnada e também encarnada qualidade. A Rússia esteve, está e estará além de nós. E a experiência da Rússia, esta é a experiência de contato com uma realidade, que pode ser e é quando não somos mais. Assim, ao dizer “Rússia” e ao falar sobre nossa história e futuro [vir-a-ser], até mesmo sobre nosso presente, nós involuntariamente operamos com uma categoria eterna, que fica do outro lado de nossa experiência individual.

17. A INDIVIDUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA SUPRAINDIVIDUAL

A missão do eurasianismo é fazer da experiência de contato com a realidade extraindividual, supraindividual, uma experiência individual. Um paradoxo: conter a eternidade no tempo, agarrar o absoluto e transformá-la na missão do coração de cada um.

A Rússia é a Terra-Mãe Absoluta, a Rússia é uma doutrina. A Rússia é uma ordem, a Rússia é um misticismo, a Rússia é um culto. Há somente este tipo de relação sacra para a Rússia.

A Rússia é um conceito sagrado. Uma Rússia não-sagrada não existe. Quando dissemos “Rússia”, então pronunciamos “a sagrada”. Tudo o mais soa estranho; palavras diferentes sugerem a si mesmas. A França, por exemplo, é um conceito não-sagrado até mesmo para o patriota mais apaixonado. Mas a Rússia é sagrada. O eurasianismo é um serviço religioso para a Rússia.

18. O MAPA ONTOLÓGICO DO MUNDO (SOHRAVARDI)

Agora consideremos o princípio “Europa e Ásia no mapa do ser”. Dois conceitos, “Europa” e “Ásia”, estão anexados no eurasianismo. De um ponto de vista filosófico eles podem ser explicados no exemplo da filosofia iraniana; no espírito da escola de Ishraq, “noção oriental”, Sohravardi.

Em seus trabalhos, Sohravardi descreveu um mapa da geografia do ser. Nós não estamos falando da geografia física, mas metafísica. O Oriente e o Ocidente estão neste ser; há uma Ásia

ontológica e uma Europa ontológica. Sohrevardi elucida o significado destes conceitos. O que é “Ásia ontológica”, a Ásia do ser? A Ásia é o Oriente [*vos-stok*], o lugar onde o sol surge [*vos-khodit*]. Esta é a origem [*is-tok*] do mundo, um lugar de contiguidade com a eternidade. O Oriente é um lugar onde se encontram as origens de nossas intuições. No eurasianismo, “Ásia” em primeiro lugar é um conceito ontológico, conectado com o “puro ser”. Esta é a casa onde nasce o sol da existência, o sol da realidade, o original, fresco, purificado sol, agora aparente no céu. O sol metafísico é uma das origens mais importantes, fundamentais e energéticas da visão de mundo solar eurasiana. A “parte asiática” do eurasianismo.

19. AS ORIGENS DO DESTERRO OCIDENTAL

Mas o que então, no mapa ontológico do mundo, de acordo com Sohrevardi, no mapa do ser, nesta sagrada geografia metafísica, é o Ocidente? Sohrevardi chama de “um país das origens do desterro”. Este é um lugar da exaustão do fulgor do ser, um polo de entropia, um território carente de ser interior e essência interior. Este é o mundo da exaustão, o mundo da decadência.

De acordo com Sohrevardi, a primeira missão de uma pessoa, na questão de seu despertar consiste na sua realização, onde quer que viva, que está no Ocidente espiritual. No seu estado normal o homem é um pensamento em um caixão, na escuridão do morto; é como uma carne adormecida, em absoluta ignorância das possibilidades de sua própria alma, que busca voltar e despertar. Mas tendo ficado consciente de seu estado catastrófico, deve rasgar-se da escuridão do Ocidente e iniciar seu caminho ao Oriente.

20. A JORNADA AO PAÍS DO ORIENTE

A mais importante missão de uma pessoa, diz Sohrevardi, é a jornada ao país do Oriente desde o país do Ocidente. Isto é, o abandono da “caverna do desterro”, das “masmorras do Ocidente”, das “origens do desterro” e retornar para a origem/Oriente [*istoky/vostoky*].

Combinando o mapa metafísico do ser com o mapa

geográfico, descobrimos que entre Europa, onde perante nossos olhos a civilização entra em um ontológico beco sem saída, em abismos ontológicos, e a Ásia, onde a forma de vida tradicional ainda é preservada, se estabelece a Rússia. Com um dos seus lados a Rússia está voltada para o Ocidente; com a outra parte massiva, muito ampla e poderosa, está incorporada no Oriente e é uma parte gigantesca da Ásia, uma parte essencial. Nesta Rússia ontológica, ocorre uma prodigiosa transformação do antigo para o novo. O caminho para a origem ontológica é através da Rússia. A Rússia é o próprio caminho, o caminho do renascimento, a rota para um retorno espiritual. Espiritual, mas ao mesmo tempo físico, histórico, político, cultural, intelectual, psicológico e estético.

Tudo isto é de fato a profunda compreensão do eurasianismo, o eurasianismo como ontologia, como filosofia, como metafísica. O eurasianismo não é apenas um balanço de um tipo de Ocidente com algum tipo de Oriente; não é apenas seu diálogo, como algumas vezes dissemos para estrangeiros; não é apenas um equilíbrio de polos. A essência do eurasianismo é a do caminho do Ocidente para o Oriente. E é o caminho que é implementado na Rússia. Do Ocidente para o Oriente, e de nenhum modo o outro caminho.

21. A INTEGRAÇÃO DO OCIDENTE NA EURÁSIA (A DESCIDA PARA O INFERNO)

O Ocidente é a extrema entropia. Nós podemos compreender, mas, compreendendo o Ocidente, nós compreendemos a estrutura do âmago ontológico. Nós compreendemos o que está lá, até os últimos limites do mundo, como em escuridão, nos limites da existência. Esta é uma experiência muito importante, e, de acordo com Sohrevardi, sem ter esta experiência, a experiência da extrema exaustão, não podemos reunir energia para um retorno. Por esta razão, a sabedoria da Europa, a deusa da lua, raptada por Zeus e levada ao diabo sabe-se lá em que lugar do Ocidente – este é o conhecimento mais importante, mas negativo. Se preferir, a demonologia geral. Afinal, os nomes dos demônios foram estudados não só por satanistas; abades e, anteriormente, respeitados teólogos católicos, se interessaram nesta questão. Eles escreveram os nomes demoníacos, familiarizados com

eles, mas, claro, não com o fim de travar contato com eles, mas com a finalidade de ter uma ideia da mística geografia e seus mapas, paisagens, populações e limites, nos mais longínquos alcances do ser. Por esta razão, a Europa para os eurasianistas é uma categoria absolutamente negativa, que pode ser conhecida e amada como são amadas, por exemplo, as almas perdidas no inferno.

Há uma história, muito popular na Rússia, da descida da Mãe de Deus ao inferno, para onde a Mãe de Deus parte com o objetivo de salvar pessoas que caíram ali. E não há praticamente nenhuma boa razão para salvá-los, mas a força de seu Amor é maior que a lógica da justiça e da punição. Ela os perdoa, apesar de tudo. Assim, podemos amar a Europa somente como amamos o estranho e incurável doente, o leproso, o canalha, o criminoso, a escumalha. Podemos amá-la, mas é um amor especial eurasiano. Nós somos chamados a mover o Ocidente para o Oriente. Portanto, nós, o Exército do Oriente, o exército da consciência renascente, que promove sua guerra para que o Oriente integre totalmente a si no Ocidente, de modo que, na verdade, o Ocidente não exista mais, mas só um contínuo e absoluto Oriente. E só a Rússia pode fazer isto, já que a Rússia participa em ambas as realidades.

22. O ARCANJO ROXO DA RÚSSIA

Nas escrituras de Sohrevardi está uma interessante seção que conta a existência de uma montanha sagrada, chamada "*Kaf*", no topo de uma cidade sagrada, "*Hurqalya*", onde o retorno do desterro do exílio ocidental ao país do Oriente ocorre. Um anjo com muitas asas estranhas permanece no topo desta montanha. Uma de suas asas é negra; a outra, clara. Este é um anjo atípico. Ele também é chamado de "O Arcanjo Roxo", na medida em que a mistura da luz pura com a ardente escuridão produz o roxo.

A realidade do "Arcanjo Roxo" é a realidade do passo do desterro ocidental para a aurora oriental, para a verdadeira aurora da Grande e Sagrada Ásia, que é o anjo secreto, a secreta essência da Rússia, sua missão histórica e espiritual, espalhada por tudo, política, cultura, sociologia, nossa história.

23. ENSINAMENTO ESPIRITUAL: O CHAMADO AO ARREPENDIMENTO

A doutrina eurasiana é em primeiro lugar uma doutrina espiritual; em um sentido é uma escola profética. É um ponto de confluência de grandes vias de pensamento, uma doutrina perfeitamente autossuficiente que dá às pessoas tudo: um sentido de vida, energia para criação e a correta orientação para o amor.

O eurasianismo é compreendido com a ajuda do coração; é a profundidade do pensamento baseado no coração. O eurasianismo é um convite à experiência profética. Recordemos quem foram os profetas bíblicos. Eles fortaleceram a identidade do seu *narod*, dizendo: "Desperte, Israel; desperte, *narod*. Você caiu completamente; você degenerou completamente; isto não é permitido. Por quanto tempo você pode renunciar às suas ocupações? Retorne ao seu próprio ser."

Nós, eurasianistas, não dissemos o mesmo?! Gritamos: "Ó *narod*, Ó *narod*! russos, eurasianos, o que estão fazendo? Tornaram-se porcos! Basta. É tempo de pôr um fim à queda. Rússia, levante-te!" Estamos fazendo o que os profetas fizeram: levando de volta o nosso *narod* à sua própria identidade.

24. A VERDADE EURASIANA

No que mais os profetas se engajaram? Eles atacaram as imperfeições do existente sistema, falaram a verdade, e por isso frequentemente deixaram de ser amados. Os eurasianistas também não são lá muito amados, porque quando nós vemos onde algo está mal, nós afirmamos que está mal e quando vemos que algo está bom, dissemos que está bom. Mas a maioria das pessoas e autoridades não gosta disso. Eles nos querem silenciados ou que digamos só coisas boas, como aquelas que são ditas do morto. Mas nós declaramos corretamente sobre tudo, honestamente e inflexivelmente, e quando vemos coisas que desprezamos, que são repulsivas para o nosso espírito, que vai contra nós, então nós falamos nossas inflexíveis palavras e damos nossos severos epítetos. Assim, em certas situações nós sofremos perseguição. Com o fim de afirmar a verdade, deve-se sempre estar preparado para ser perseguido.

Contudo, não é sempre inevitável. Algumas vezes os profetas foram apoiados e aceitos, fascinaram outros e foram carregados em suas mãos, mas outras vezes foram apedrejados. Tanto uma coisa como outra estão incluídas na existência do profeta; portanto, se somos eurasianistas conscientes, devemos calmamente suportar tudo. Isto não significa que devemos olhar somente para o que nos faria sermos cuspidos e baleados, postos na cadeia e impedidos... talvez nós também seremos apoiados em algum lugar, celebrados, carregados em outras mãos e em outro lugar seremos cuspidos, espancados e ridicularizados. Mas como profetas, os eurasianistas devem carregar sua verdade, afirmar sua vontade.

25. A ANÁLISE EURASIANA

O que mais fazem os profetas? Eles restauram a conexão entre razões e consequências. "Volte aos seus sentidos, Edom; volte aos seus sentidos, Sire; vocês se perderam do culto do verdadeiro Deus, e, portanto, Deus vos puniu, destruiu suas muralhas, sua cidade. Onde está o reino da Babilônia que permanecia forte? O reino da Babilônia não existe mais. Por que? Porque rejeitaram o único Deus". No nosso tempo, esta função corresponde à análise política, ao abismo da politologia. As pessoas analisam as razões para um certo fenômeno e mostram como e ao longo de que trajetória levam a consequências reais. Este é um elemento da análise eurasiana.

26. A LINGUAGEM EURASIANA

A linguagem dos profetas é muito peculiar: é poética, metafórica. O eurasianismo, também, busca a categoria de sua análise, e sua análise antes na poesia ou na sublime filosofia do que nas coisas do dia-a-dia, passageiras e efêmeras, números de orçamento, nomes de sensações políticas efêmeras, vazias e passageiras. Mas nossas metáforas são tão precisas, estas parábolas tão inteligíveis, que são, talvez, mais esclarecedoras que a mais racional e lógica explicação.

27. PREVISÃO EURASIANA

O que mais fazem os profetas? Eles falam do futuro: "E eu

veja como uma grande montanha cair". Estas são previsões eurasianas. Nós, eurasianistas, fazemos previsões do futuro exatamente do mesmo modo que os oráculos. Nós dizemos, "Logo, as fundações da Rússia vão tremer, e maus espíritos ameaçarão vingar-se. Gafanhotos laranjas voarão sobre a Rússia. E debaixo répteis negros surgirão, tendo sido constrangidos por um tempo pelo poder da União Soviética, o poder do Estado russo. Eles se reerguerão, pelos tempos do advento desta escumalha, virão por todas as frestas. E a terra-mãe agora não está tão pura, mas aqui será inteiramente ruim".

A doutrina eurasiana é espiritual, profética. É de uma vez por todas inteiramente contemporânea, na medida em que aquelas coisas sobre as quais estamos falando são chamadas por nomes diferentes; nós usamos, em parte, outros termos. Mas ao mesmo tempo, são definições clássicas daquelas esferas de estudo que interessam à elite intelectual e política.

28. A DISCIPLINA EURASIANA É A RAIZ DA LIBERDADE

E agora o último elemento da filosofia eurasiana. Com o fim de nos descrever, é necessário dizer quem não somos. Até agora, tudo que foi dito foi tão enérgico, tão profundo, tão absoluto, que, poderia parecer, não tem lugar para algum tipo de oposição, para algum tipo de mal. Parece que tudo que foi dito é bastante óbvio, bastante interessante, bastante correto. E há uma abundância de evidência em vocês pelo que eu tenho dito. Vocês, olhem para si próprios, sintam a si mesmos. Vocês são o povo russo, vocês são. Vocês já nasceram, ainda não morreram. Isto em si é a maior prova da justiça absoluta de todas as construções mencionadas acima. Vocês são o que na doutrina do sufismo é chamado de "*khudzhah*", "prova" do acerto da ideia eurasiana. Não há necessidade de buscar construções complicadas, nenhuma necessidade para discussões supérfluas e vazias. O próprio fato da existência da pessoa russa é prova do triunfo absoluto do eurasianismo. E, além disso, vive como se pudesse ou desejasse, secreta ou abertamente, consciente ou inconscientemente subornar-se à lógica eurasiana.

O ponto do eurasianismo é que esta doutrina totalitária, absoluta, inflexível, definindo vocês, torna-se a raiz da sua liberdade.

Ela concorda com sua obstinação. Verdadeiramente, o eurasianismo vem a ser aquele momento em que vocês implementam um comando de oficiais ofensivo, exercitando sua própria extravagância; quando o comando coincide com sua extravagância, com seus desejos, com os momentos da sua alma. Este é o verdadeiro eurasianismo; quando a liberdade absoluta emerge em uma síntese inesperada com a disciplina absoluta. Em uma condição tal, indubitavelmente, a apresentação do negativo desaparece, a figura do inimigo cai para o segundo plano. E isso é justo. Afinal, no começo, a fim de ser estabelecido como uma organização, como um certo poder, deve-se falar de um programa positivo. Tudo o que foi dito anteriormente é um programa positivo. Mas alguma atenção deve ser prestada também para o programa negativo. O negativo em si é nos mostrado. Tão logo vocês vêm ao mundo, vocês imediatamente confrontam o elemento não-eurasianista. Então como nós podemos conceitualmente resumir o que não é nosso, o que nos é hostil?

29. O ATLANTISMO É O MAL ABSOLUTO

Para a definição de tudo que seja hostil a nós, propomos o termo "Atlantismo". Os atlantistas são a horda dos que conduzem a doutrina do "desterro do Ocidente", a direta antítese de nossa filosofia eurasiana.

O atlantismo formalmente rejeita o valor do *narod*; em seu lugar está tanto as massas como o indivíduo. Rejeita a Terra viva e o enraizamento das pessoas à Terra, proclamando o tão chamado "nomadismo de asfalto". Além de nômade (que pode também estar atado à paisagem nativa, à Terra e ao espaço) é também asfáltico; o nomadismo em um espaço artificial. Um movimento virtual, constante, junto aos idênticos McDonalds em Tel Aviv, Washington, Cuzco, Moscou, Tóquio... o único e o mesmo McDonalds, e que, em nome do diabo, a diferença é o tipo de homem que mastiga seu hambúrguer lá. Não há nada de real em um mundo virtual; é um nomadismo de asfalto, ignorando a Terra vívida. Este é o princípio do atlantismo, implementado em todos os lugares.

30. MTV – A PERSONIFICAÇÃO DA ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO: O IMPERATIVO RELAXAMENTO

Olhem, a MTV é um exemplo do clássico atlantismo. O canal é profissionalmente feito e transmite o código atlantista integralmente; em primeiro lugar aos jovens.

O atlantismo é a negação da eternidade, já que é fundamentado no princípio de "pelo menos o dia é meu", em imperativos base, "*Live Now!* [Viva agora!]", "*Don't worry!* [Despreocupe-se!]", "*Relax!* [Relaxe!]". Mas na verdade isto é uma ordem. O que vocês pensam, que vos deram um convite? Nada do tipo: vocês receberam uma ordem. Aquilo que vocês adotam do eurasianismo, e nós dissemos uma vez, não escondemos, é uma ordem: "Seja mais do que você é. Seja nobre, seja luminoso, seja puro, seja corajoso, dê à luz a crianças saudáveis, encorpadas e belas, faça história". Esta é nossa ordem. Sim, é uma ordem, e não escondemos. Os atlantistas agem de modo mais vil. Eles dizem "*Relax!*", mas se você não quer relaxar, se está de pé, levantando pesos, então como deveria agir: parar de levantar pesos, ou o que? E esta ordem, "*Don't worry!*", "*Relax!*", se repetida constantemente, entra em sua subconsciência, o hipnotiza. O atlantismo hipnotiza todos nós; nos dá um freio por um lado e nos empurra do outro, nos força a fazer aquilo que não queremos fazer.

Pode ser que o eurasianismo também nos force a fazer o que não queremos fazer. Em geral, não queremos nada: o homem é preguiçoso. Mas o eurasianismo diz honestamente: "nós forçamos você a fazer o que você não quer fazer, porque nós pensamos por você, nós tomamos a responsabilidade por você, e você estará melhor, será mais belo, mais feliz, mesmo apesar de sua vontade". "Nós o faremos feliz", dizem os eurasianistas, francamente mostrando o punho ao povo. E eles vão. Mas seus oponentes, os atlantistas, agem de forma esperta. Eles dizem "Bem, tudo está normal, tudo está bom. Assim será." Na verdade, nos distraem. Mas se de repente você não quer: "bem, normal, assim será"? Mas de repente você quer, pelo contrário, recolher-se. De repente, você quer seguir o caminho da superação. Mas a você é dito: "Não importa que... sexo seguro... eu pensei um pouco e... basta. Vamos beber". Há uma ordem aqui,

também, uma diretiva totalitária, como a nossa. Eu não posso dizer o que é pior. É tão totalitário, oprime sua vontade no mesmo grau. Só, nós falamos para onde estamos levando, mas eles não contam nada. Porque se eles revelarem a essência do programa ideológico, todos se horrorizariam, e o povo russo simplesmente destruiria seu curso.

31. A ONTOLOGIA ENTRÓPICA DO EXTREMO OCIDENTE (POR TRÁS DOS PILARES DE HÉRCULES)

O atlantismo odeia a Rússia; o atlantismo se mantém contra o Oriente; o atlantismo é a filosofia do Extremo Ocidente. Em seu tempo, a civilização antiga erigiu em Tangiers, no Estreito de Gibraltar, dois pilares, nos quais inscreveu "*Nec plus ultra*", que significa "nada mais além". "Não há porque ir além" foi escrito nestes pilares. Quem quer que tente entrar arrepender-se-á. E enquanto estes pilares protegeram a humanidade, os portões do Ocidente ontológico foram selados, fechados por esta inscrição, por dois pilares, e tudo era mais ou menos bom. Mas apesar de tudo isto, alguns canalhas ainda se desviaram para lá. E quando passaram por aquele lugar, removeram a fechadura ontológica fundamental.

Vocês sabem o que significa o sinal do dólar? São os dois pilares de Hércules, que em representações antigas rodearam uma fita no contorno da letra "S" com o subscrito "está proibido ir além destes pilares". Mas no dólar não está escrito "*Nec plus ultra*", mas "*plus ultra*". "Mais além" está escrito ali. É permitido. E hoje o dólar significa um movimento além destes pilares, para a região proibida, para o Extremo Ocidente, para o Atlântico. Isto significa que o monstro oceânico Leviatã, que por um longo tempo foi mantido em cheque, foi libertado das redes antigas. E quando os barcos de Colombo e outros aventureiros europeus começaram na direção do Oceano Atlântico, eles, com seus gestos rituais, demoliram os grilhões que mantiveram Leviatã, e Leviatã surgiu em rebelião. Isto em si é o atlantismo, a filosofia do Extremo Ocidente, a ontológica ofensiva das origens do desterro. O atlantismo é tudo que seja antitético a nós.

32. A POLARIDADE DOS SINAIS

Quando vocês veem pessoas negando qualquer elemento do

que estamos dizendo, do que estamos proclamando e até mesmo do que estamos sentindo, vocês sabem que estes são inimigos, são atlantistas, em um certo sentido que eles sabem perfeitamente bem o que estão fazendo, a quem estão servindo e contra quem estão lutando. Portanto, tão logo adquiramos a marca eurasiana em nossa testa, a radiação eurasiana ao redor do nosso ser, adquirimos a aura do eurasianismo; o marcador está colocado, como sobre produtos comprados no supermercado; nós nos posicionamos no mundo de pessoas mais que inequivocamente. Claro, esta marca pode sair, ou vocês mesmos podem removê-la, como uma tatuagem, mas não é tão fácil. Tentem remover uma tatuagem raspando com lixa! Todavia, quando as pessoas veem vocês, elas consideram aquela marca, e isto enfurece muitos.

Assim também os eurasianistas podem adivinhar a essência de outros por seus nuances, reservas, por sua aparência exterior; eis que um homem virou seu boné de baseball para trás, colocou jeans grandes e saiu. O que isto significa? Está possuído pelo espírito do atlantismo. Ele serve ao Leviatã. Ele canta rap, satisfeito levanta o nariz, relaxa – tudo está claro. Isto é Leviatã. Claro, isto não é a completa imersão em Leviatã, mas há já, em princípio, um objeto de investigação. Quando nosso número se tornar maior, nós, indubitavelmente, não deixaremos um indivíduo como este caminhar por nossas ruas daquele jeito. Eles terão que se agrupar em lugares especiais, como um gueto para doentes, e lá deixar cair seus jeans, e mostrar seus rostos feios ao estilo MTV e pular ao redor daquelas pranchas monstruosas com rodinhas. Este será o gueto atlantista, leviatânico, para esqueitistas e rappers. Os mais terríveis guetos serão criados para surfistas – este é o fenômeno mais impudente, mais antieurasiano. Não há nada mais horrendo do que andar com um constante sorriso sobre uma repugnante prancha. Em uma palavra, o atlantismo é nosso inimigo absoluto. Não há nada mais para dizer sobre isto. O que é de mais importante já foi dito. Quem não compreendeu, nada pode ajudá-lo agora. Nada.

33. O PROBLEMA DO "EU"

Agora da noção eurasiana da pessoa. Provavelmente, já é fácil

compreender que, do nosso ponto de vista, uma pessoa é a personificação do *narod* e da terra. Em outras palavras, a pessoa em si não existe, ela é um fragmento condicional de muitas realidades mais profundas. Por tal razão, entre “Eu” e “Você”, no quadro do próprio povo, não há uma grande tensão dialética. “Eu”, “Você”... aliás, se nós somos pessoas russas, qual é a diferença, por que diferenciar? Esta é a questão fundamental, a noção de nossa própria separação dos outros, como as coisas indeterminadas e mais condicionais. Por isso, a comunalidade; por isso a noção de que “pessoa” é quase um nome convencional.

Bem; hoje, Vasya, mas por que poderia não ser Petya? Se ele é alegre, come com colegas, dança, pesca, olha para o céu, participa na vida política, escreve dissertações, então por que ele é devidamente Vasya? Partindo do que ele decide que é Vasya? É simples que o russo vive através dele, respira através dele próprio. Nossa noção de pessoa não é individual. Isso não significa que não temos individualidade. Pelo contrário, tão logo sentimo-nos como povo russo – membro russo número 15, membro russo número 17, membro russo número 19 – começamos pela primeira vez a nos tornar conscientes de nossa autêntica individualidade. Mas isto vai acontecer naturalmente e gradualmente, não de maneira artificial, não pela força de uma falsa e violenta programação. Nosso próprio “Eu” vai saltar de nós, especialmente em resposta ao “membro russo número 15”, e vai dizer: “Não, desculpe; claro que eu não sou ‘Vasya’, mas nem mesmo ‘Petya’”. Você me chamou de ‘Vasya’ e pensou que eu fosse ‘Vasya’. Foi um engano muito apressado. Eu agora me tornei o russo número 15; estou feliz, mas tenho algo de mim próprio, ou eu tive isto antes ou eu acabei de adquirir”. E deixe sua alma contar a você sobre aquilo de “mim próprio”, deixe-a chamar por seu autêntico nome.

Nós somos muitas vezes chamados incorretamente. Antes, havia rituais especiais, com o fim de dar a uma criança o nome certo, consultados os calendários da igreja, o tempo. Outras nações tiveram outros rituais, visto que o nome é importante. Não é qualquer coisa.

34. UM NOME É ALGO SÉRIO

Nos tempos soviéticos, os pais nomeavam por bem ou por

mal. Electrons, Vlad-Lenins... eles podiam nomear alguém de Rádio. Estes não são nossos nomes, claro – todo mundo é chamado diferentemente. E agora, a nomeação ocorre quase acidentalmente. É vos dado uma certa etiqueta, e agora a carregam para lá e para cá. “Masha, sou Masha”. Que Masha?! Quando descartamos este falso nome, tornamo-nos russos, russos comuns, bem, ou algum outro saudável *narod*; podemos carregar água. Então, através do nosso *narod*, através da des-individualização, através da unificação com nosso *narod*, com nosso vívido corpo, com nossa linguagem, com nossa cultura, encontraremos nosso autêntico “Eu”. Então devemos dizer a todos: “Me chamo Macarius; chamem-me de Macarius de agora em diante”. Então será Macarius como Macarius, realmente. Esta será uma centelha da eternidade, não Macarius. Mas ainda é cedo. Um nome deve ser merecido. Não temos nomes, a individualidade deve ser criada. E se não a criamos, não será tão terrível. Apenas haverá russos sem nomes pessoais, tendo comido bem, e como um russo tendo respirado, caminhado, vivido e exercitado seus poderes, com o rosto de um homem satisfeito. E todas as belas coisas russas virão. Mas se o russo número 15 também alcançar o máximo e real “Eu”, é totalmente singular. Nós apenas diremos, “amigo, tome este mapa em suas mãos, você será o nosso líder, um mestre ou um tenente no movimento eurasiático”. Mas se não ocorrer, está bom também.

35. A HERESIA DO INDIVIDUALISMO

Contra nossa doutrina eurasiática do homem como um ser étnico existe a nociva heresia atlantista do indivíduo. O atlantismo nos fala: “Não é um homem, nem um russo, é apenas um Vasya”. Como ele foi nomeado, assim o é. Apenas Vasya; apenas o indivíduo. Pertencer à raça, à nação, à linguagem não tem importância. Hoje ele tem esta língua; amanhã, outra; hoje ele vive aqui; amanhã lá. Mas sempre em todas as circunstâncias ele é apenas um indivíduo. Ele tem um mapa, um talão de cheques, um número na sua testa e na mão direita, um código de barras e um número de identidade. É tudo. Mas de qual nacionalidade ele é, de qual cultura, do que ele faz parte – isto é secundário. Ele não é parte de nada, ele é um inteiro. Tal conceito do

homem é puramente atlantista.

36. O HOMEM É SIMPLEMENTE UMA CONDICIONALIDADE

Nosso conceito de homem é eurasiático, ele ensina que o homem é uma condicionalidade, simplesmente uma condicionalidade. Então ele pode expandir os limites do seu “Eu” para o infinito. Por exemplo, ascender para dizer: “Eu sou uma alma”. Ou mover-se para o lado para afirmar: “Três ou cinco pessoas vivem em mim. Aqui está Vasya, Petya, também Mashas, talvez alguém mais, ou alguém que eu arrastei para dentro de mim por nada...” Lá vocês têm uma maravilhosa e extensa alma. Uma vida extensa assim será! Uma experiência excelente como esta. Esta ampliação dos limites humanos e a noção de “grande homem” são chamadas por um termo apreendido de “humanismo máximo”. Um homem pode ampliar até mesmo para baixo e proclamar tristemente: “Quão porco eu sou!”, e também estará certo. Ele tem um direito, também, ao seu estado suíno.

O conceito eurasiático de homem afirma que o homem é a personificação do seu *narod* e um fenômeno temporário, um valor variável. Hoje ele é “assim” e “assado”, amanhã, um pouco “diferente”. No dia depois de amanhã, “algo mais”. Mas aqui há coisas constantes: o *narod* e o espaço. E a eternidade, que vive através de nós.

37. O IMPERATIVO DE LUTA

Agora revelemos a noção eurasiática de política. Nossa missão é lutar e derrotar o atlantismo, tornar os valores do eurasiatismo totais e obrigatórios para todos. Mas precisamente este é o nosso programa. Nós começamos o caminho da luta eurasiática desde uma posição longe de ser triunfante. Nós temos um potencial tremendo, já que o país, o espaço e a energia da alma *narodni* são eurasiáticos. Porém não obstante, nossa condição de agora está longe de ser primitiva, porque é muito complicado atravessar este problema. Mas erguer-se é necessário. Se, em tal constrangida condição, as pessoas não terão uma perspectiva global e uma vontade global, não conseguirão nada.

Falando realisticamente, deve-se simplesmente lutar contra o

atlantismo, e se nós devemos ser capazes de lutar efetivamente, isto em si já é bom. No inteiro devemos depois de tudo lutar e completamente abolir o atlantismo e os atlantistas. Se der certo, excelente. Se não, pelo menos vamos afrouxá-los.

38. ESTAMOS indo ALÉM DO HORIZONTE

Não há nenhum limite para as nossas ações, e assim quando eles dizem: “Mas onde vão parar?”, é certo responder: “Não vamos parar, nunca vamos parar, porque o eurasiatismo é uma filosofia aberta”. Quando estamos satisfeitos com alguma coisa, vamos seguir para a próxima. É uma grande ideia, apropriada para a Grande Rússia; este é o Grande Império Russo e não estamos planejando estabelecer nossas fronteiras. Deixemos que outros nos estabeleçam fronteiras, e quando os mirarmos com nossas testas e nos é dito “Adiante, caras, vocês não vão”, vamos nos esforçar para prosseguir ainda mais longe. E prosseguir nós iremos! Com este pensamento viveremos.

Desta forma, para a política eurasiática a definição de aliados e inimigos é muito importante. É a coisa mais simples, mas deve ser recordada: nós temos inimigos. Indubitavelmente, estes são os atlantistas. Nós temos amigos, nós mesmos e aqueles que são parecidos conosco. Mas muitos são parecidos conosco, já que se o eurasiatismo for compreendido precisamente, ficará claro que estamos falando não sobre um movimento separado, uma filosofia separada; estamos falando sobre enormes nações. Estamos falando sobre povos, sobre nossos ancestrais, sobre nossos países. De fato, o eurasiatismo é uma imensa orientação espiritual, estética, filosófica, existencial e política.

39. GRAMA NO ASFALTO

O que é o conceito eurasiático de estratégia? A estratégia do eurasiatismo está direcionada à implementação dos princípios eurasiáticos em todos os lugares, como a grama que cresce no asfalto. É um ponto muito importante que não nos concentremos no momento separado, concreto. Nós movemos em todas as direções – este é o desenvolvimento esférico do eurasiatismo. Assim, se o eurasiatismo

em algum lugar encontrar uma certa dificuldade, imediatamente brota em outro; assim é como as plantas penetram as frestas no asfalto: primeiro um broto, depois uma árvore. Então o enorme bloco de asfalto começa a se quebrar, as raízes divergem e o asfalto deixa de existir.

40. A ARCA EURASIANA

Há jovens eurasionos. Mas também devem existir anciãos eurasionos, homens eurasionos, avós eurasionas, motoristas de ônibus eurasionos, oficiais de polícia eurasionos; isto é, devemos ter uma completa reunião de todas as coisas eurasionas. Se há os jovens, devem haver os velhos; se há o eurasiono instruído, deve haver o eurasiono tolo; se há o eurasiono ativo, deve haver o eurasiono passivo. Devemos unir, como na arca de Noé, todos em pares. Devemos ter tudo representado, preferencialmente duplicado. Como na arca de Noé foram reunidos representantes de vários tipos, com fim de levá-los para o outro lado da Enchente, assim, no eurasionismo deve haver diretores, atores, soldados, banqueiros, ciclistas, pessoas sem ocupação específica...

E assim, devemos nos esforçar para encontrar eurasionistas, representantes de todos os espécimes da sociedade. Há eurasionistas na administração presidencial. Há eurasionistas no governo. Há grandes banqueiros. Há gentes pobres que ficam no pórtico da igreja e mendigam que também são eurasionistas.

41. A REDE EURASIANA

Quanto mais longe esta conexão é vista, melhor; esta conexão, que conecta um com o outro, aqueles fios que construíram um sistema de comunicação entre eles, um sistema eurasiono da comunicação. E isto vem a ser compreendido que não é tudo em vão, e que estivemos preparando isto por longo tempo e continuará a ser preparado ainda por algum tempo. Mas cedo ou tarde anunciar-se-á em voz alta. Um está ocupado com o eurasionismo profissionalmente, outro esporadicamente. Mas o principal é que o eurasionismo é a essência interior da alma. E nossa missão é criar uma rede eurasiona a pleno

vapor.

42. DOS ASSUNTOS EURASIANOS

Nós devemos adotar a palavra eurasiona e movermo-nos para a linguagem dos assuntos eurasionos. Agora mesmo é precisamente o estágio de quando o eurasionismo sai da especulação, da expressão verbal para a operativa. A teoria da atitude eurasiona sugere a si mesmo. Não é um tipo de coisa inacabada. É necessário formular a atitude eurasiona, o semblante eurasiono, o passatempo eurasiono, as ações eurasionas. Em algum lugar deve haver muito do *narod* eurasiono. Em outro, só duas ou três pessoas. Mas isso é o suficiente para sair e perpetrar atos eurasionos. A principal coisa é ser pensada como eurasiona.

43. UMA SIMPLIFICAÇÃO DO EURASIANISMO

É necessário ampliar o público-alvo através da simplificação da forma da mensagem eurasiona. O que foi exposto é o suficiente. Deve ser ainda interpretado, simplificado e testado em amigos e na família de modo a simplificar a maneira de se dizer; as palavras devem ser encontradas. Estas coisas não podem ser designadas de modo abstrato. Pode-se trabalhar de forma mais simples em laboratório, mas seria artificial. A simplificação deve ocorrer através de vocês. É necessário compreender. Então, as palavras corretas, os termos corretos, os argumentos corretos, os exemplos corretos para o espírito oblíquo serão automaticamente escolhidos. Este processo natural de apelo à maior obliquidade levará a uma simplificação orgânica da mensagem eurasiona.

O eurasionismo é esta profunda energia capaz de facilmente entrar em contato com outras ideologias, ideias e opiniões, simplesmente porque não é uma ideologia, nem uma ideia, nem uma opinião, porque em comparação com o eurasionismo elas todas são do "jardim de infância". Falamos deste modo com as crianças quando persistente e atentamente levam seus dedos ao soquete elétrico, ou ameaçam machucar sua mãe com a tesoura. É de uma vez por todas evidente que elas concebem como algo errado. Como deveríamos falar

com elas? Podemos começar a ler para elas sobre o que são 220 volts, como os elétrons interagem ali e como isto levaria a uma carbonização? De forma clara, não é eficiente. Geralmente estão fora desse objetivo; elas são ou distraídas, ou coisas menos perigosas são colocadas em suas mãos, e elas são redirecionadas para um caminho diferente e seguro. Dizemos: “Para que precisam da tesoura? Vou dar-lhe uma bola”. A criança confusa neste momento não entende como lhe pegaram a tesoura; ela vai para outra direção e para um objetivo diferente, mais seguro e muito mais tentador, com a bola.

O diálogo entre os eurásianos e os representantes de todas as ideologias, com quaisquer que sejam, deve ser o mesmo, com a exceção dos atlantistas. Os atlantistas são inimigos. Verdadeiros, convictos, compreensivos atlantistas são poucos. A maioria deles são pessoas que se encontram temporariamente em estado de confusão. Devemos agir com eles correspondentemente. Dá-los o líquido amônia, trazê-los à consciência. Mas com pessoas que professam ideias que não são atlantistas, apesar de um tanto extravagantes, por exemplo, conservadores, comunistas ou nacional-bolcheviques, isto é, aqueles que nos concebem nossas próprias ideias [incorretamente], devemos ter uma calma conversação, como com crianças que se rastejam com tesouras para onde não devem ir. “Sim? Você pensa assim? Certo”. E gradualmente este homem deve ser levado a uma condição de mudança.

44. A ATRAÇÃO DE ALIADOS

Desde que para um eurásiano tudo exceto atlantistas são aliados, a diversificação do discurso é para ele a principal questão. O eurásiano deve saber como falar diferentes linguagens. Ao ter com trabalhadores, ele começa a falar dos movimentos trabalhistas, da necessidade de um trabalho solar, do fato de que os oligarcas são corrompidos, e assim por diante. Quando vai ter com intelectuais, fala da formidável cultura russa, de Pushkin, do fato de que errou em certas coisas, mas que não é importante. O principal, vocês devem saber como travar um diálogo e através de uma situação momentânea avançar o modelo de sua introdução eurásiana. Pelo menos vocês devem mostrar que há certos valores fundamentais que vocês

conhecem e que seus interlocutores não conhecem, mas dos quais vocês evitam falar naquele momento, porque estão falando de Pushkin.

A Força Eurásiana

A força eurásiana – esta é a apresentação à sociedade da convicção de participar no seu destino. É medida pelo número de adeptos, sua qualidade, sua carga informativa, sua prontidão para ação, a coordenação dos esforços, a capacidade para ação autônoma ou orgânica, a habilidade para influenciar a situação. Há uma organização eurásiana, há uma filosofia eurásiana, há um conjunto de literatura eurásiana. Mas o principal é que deve haver uma intuição eurásiana, um músculo eurásiano, um punho eurásiano, dentes eurásianos, com fim de mover-se muito habilidosamente neste mundo cheio de armadilhas traiçoeiras, de becos pérfidos, de entradas escuras e não consagradas, onde estão os inimigos à sua espera. A missão dos eurásianistas é entrar para um jogo histórico, fundamental, escatológico tanto quanto for possível.

45. OS OBJETIVOS EURASIANOS

Estes são os objetivos eurásianos atualmente:

- Verdadeiramente se tornar uma força; participar no que está acontecendo com o país; influenciar o que está acontecendo com o país na via eurásiana;
- Se tornar o majestoso poder de liderança de nosso país; executar o exercício das funções governamentais como instrumentos para a realização, em concreta existência, das ideias eurásianas;
- Transformar a Rússia novamente no Império; criar na base da Rússia um grandioso Estado, um Império Eurásiano continental, e...
- Participar na transfiguração final do mundo.

Nada mais nem menos.

CAPÍTULO

7

A ESTRUTURA DA SOCIOGÊNESE RUSSA

1. A FÓRMULA DA SOCIOGÊNESE RUSSA: CONSTANTES E VARIÁVEIS

Na análise da peculiaridade social russa, tomada por todo seu caminho histórico, incluindo todos os estágios e metamorfoses, podemos separar dois estabelecimentos de critério, na base de que uma análise concreta de sua essência será possível. Para a situação, ajudará decifrar significados do que está acontecendo, e em relação ao futuro [devir] nos permitirá fazer uma previsão mais ou menos segura.

Este critério pode ser apresentado na forma da seguinte sequência esquemática de quatro passos lógicos, nos quais figuram constantes e variáveis.

- A etnia (em que o centro eslavo é uma constante; mas a minoria não-eslava é uma variável) está envolvida em um *narod* (constante),
- O *narod* (constante) produz um governo (variável),
- O governo (variável) se torna uma civilização (constante),
- A civilização (constante) forma uma sociedade (variável).

Podemos chamar isto de “fórmula da sociogênese russa”.

E assim, temos um conjunto de constantes e um conjunto de variáveis.

Podemos reduzir os estágios lógicos da sociogênese russa para duas linhas de paradigmas:

Constantes	Variáveis
Russos [<i>rossi</i>] (eslavos)	Minorias Étnicas
<i>Narod</i>	Governo
Civilização Russa	Sociedade

2. O ESCLARECIMENTO DAS CONSTANTES

O centro étnico é o agregado de grupos étnicos (tribos, alianças tribais, comunidades ancestrais e vizinhas, estruturas de clãs tribais, etc.) que forma o tipo cultural do *narod*; sua linguagem, sua cultura, seu caráter histórico; sua tradição.

O *narod* é um sujeito histórico, dotado de vontade e propósito. Nisto está a raiz da continuidade. Só a presença do *narod* como uma constante torna a história possível (no caso oposto, não está claro com quem ocorre o que e o que exatamente ocorre, visto que a significância da história do *narod* está em sua própria e profunda essência).

O *narod* tem um centro (a constante étnica) e uma periferia (as variáveis étnicas).

A função do tipo cultural do *narod* em diálogo com diferenciais externos e internos (o contexto internacional e a variedade étnica interna) resulta na civilização (um conjunto invariável de valores fundamentais – em particular, o caráter coletivo de antropologia social e política, contemplação, a metáfora da família, o messianismo, etc., discerníveis em todos os estágios da história russa). Seu tipo é eurasiático (tanto por um caráter externo, já que a Rússia está geograficamente entre a Europa e a Ásia, quanto por um caráter interno, que é a combinação do estilo europeu e asiático na cultura do *narod*).

As constantes estão interconectadas, mas estão longe de ser idênticas. Entre elas há uma definida consistência e dimensão: a primeira (a menor em escala) constante é o centro étnico; o resultado (a maior em escala) é a civilização; o *narod* é encontrado entre elas.

O centro étnico dá o original impulso vital à sociogênese. E

este impulso está preservado em todos os estágios de seu desenvolvimento de longo prazo. Este núcleo, enquanto uma constante, está permanentemente presente e constantemente anima o ser do *narod* por suas energias. Isto é evidente ao olhar para a linguagem e continuidade dos códigos culturais; em parte, no fenótipo.

O *narod* é a etnia (ou grupo de etnias) que entrou na história, tornou-se consciente do tempo e tomou consigo uma missão no tempo. O *narod* é a etnia dotada de uma missão. A etnia vive no presente e no passado. Quando se torna um *narod*, o futuro se abre para ela. O *narod* acrescenta à etnia a estrutura de uma vontade ordenada, transfere o harmonioso ser étnico em um Estado firme, histórico e ativo. No *narod*, a energia étnica adquire um foco, da difusão se torna concentrada, radial.

A civilização é o produto da personificação em larga escala das energias bem ordenadas do *narod* em uma estrutura desenvolvida, universalmente inteligível, espiritual, material, política, social e étnica. Esta estrutura pode ser firmada como um distinto código social dentre vários *narodi* e etnias, que, de acordo com uma ou outra razão, tornar-se-á integrada em uma civilização. Uma civilização expressa em si a escala universal da missão do *narod*.

Vamos concordar que as dadas constantes da sociogênese não são aplicáveis em todas as sociedades. Elas seguramente descrevem a lógica e os estágios da história russa; em outros *narodi* e culturas o processo de sociogênese pode se desenvolver diferentemente. Não é uma regra universal, mas uma consequência da análise indutiva, empírica, da Rússia e da sociedade russa.

3. O ESCLARECIMENTO DAS VARIÁVEIS

As minorias étnicas são uma variável na sociogênese russa. Seu número, sua estrutura e sua nomenclatura constantemente mudam. Algumas chegam, outras vão embora. Um terço pensa em como sair. É por isso que são classificadas como variáveis. Nós conhecemos um padrão étnico no primeiro estágio da sociogênese, na origem do governo de Kiev. Um outro no surgimento da Rus de Kiev. Um terceiro no período de separados principados, *Udel'naya* Rus. O

quarto, no Estado da "Horda Dourada". O quinto, na Rus moscovita e, desenvolvendo em paralelo com este, a Rus lituana. O sexto, na Rus do século XVII. O sétimo, no império de Pedro. O oitavo, no século XIX. O nono, na URSS. O décimo, agora. Várias etnias figuram em cada um destes quadros. A lista de etnias entrando em cada um destes mosaicos seria enorme e as mudanças neles grandes.

As etnias se transformam, racham, combinam, retiram-se; novas surgem, etc. E em toda parte, a etnogênese gira em torno de um ponto fixo e definido, consistindo nos eslavos orientais, que também formam a etnoidentidade de todo o inteiro.

O governo é a próxima variável. Durante mil anos de história russa, o governo mais que uma vez mudou seu nome, sua ideologia, suas fronteiras, sua essência, seu sistema político, seu sistema econômico e seu modelo jurídico. Foi chamado por diferentes nomes e correspondeu a diferentes realidades.

O Estado [*gosudarstvennost'*] se manteve constante, o governo [*gosudarstvo*] mudou. Toda vez que o governo negligenciou o *narod*, uma vez após a outra. É a personificação do Estado, mas não do governo. O governo é um produto da alienação do *narod*. Seu modelo mecânico, construído sobre o inteiro orgânico.

O governo é um sistema real e formalizado (através de direitos, leis, autoridade e território), que representa um conjunto de critérios desviados do elemento espontâneo *narodni*. Nisto, o governo é fechado para a civilização. Mas em contraste com a civilização, o governo e suas ordens passageiras e temporárias podem ser mudados e reconstruídos através da confluência das circunstâncias históricas ou pela vontade do *narod*. A civilização, apesar disto, é invariável e não depende de curtos ciclos históricos.

Todo novo governo (da Rus de Kiev à atual Federação Russa) criado pelo *narod* (constante) projetou ("para baixo" ou "para trás"), para o *narod*, um modelo normativo fundado nas noções sobre as quais concerne o modo como ele gostaria de ver as disposições padrão. Isso é sociedade (o *socium*). A sociedade é o produto da projeção feita pelo governo em direção ao *narod* de um imperativo social normativo. A sociedade é sempre em parte *narodni* (espontaneamente, organicamente e, assim, constante) em parte governamental (artificial, mecânica, e, assim, variável). Em todo

estágio histórico da etnogênese estamos tratando com uma sociedade diferente. Esta é a razão do porquê rotular a sociedade como variável.

As variáveis correspondem à coroa de uma árvore, substituídas de estação para estação, enquanto que a constante pode ser ligada às eternamente crescentes raízes.

4. AS VERSÕES DO GOVERNO

Enumeramos as versões dos padrões étnicos. Uma outra variável, o governo, mudou de acordo com a seguinte corrente das transformações históricas:

A Rus de Kiev (a chegada da principesca elite alogênica – a integração das tribos eslavo-orientais com as fino-úgricas – a adoção do cristianismo, a centralização) – *Udel'naya* Rus [o período dos principados separados] (a desintegração em principados, a descentralização) – a entrada para a Horda (a elite tártara – a continuação da fragmentação – o gradual surgimento de Moscou) – a Rus de Lituânia (elite russa-lituana, depois polonesa-lituana, mais tarde a situação da pressão católica, em particular a perda da identidade ortodoxa e russa) – a Rus Moscovita (elite religiosa monárquica russa – a Rus Sagrada, a Terceira Roma – o auge da autoconsciência histórica) – as Reformas de Pedro (a elite germânica – o Império Russo secular – a ideia soviética – a exportação do comunismo em escala planetária) – a Federação Russa (indistinta elite pós-soviética – a perda da influência global e regional – democracia liberal).

Todos esses governos, aos quais poderíamos acrescentar uma série de antigas cidade-governos e regiões cossacas (“repúblicas”), têm pouco em comum, se compararmos eles com outros formalmente. Sua sucessão e historicidade foi assegurada sob preço das constantes em outra esfera, sob preço do centro étnico, do *narod* e dos fatores civilizacionais.

5. O ESQUEMA CONSOLIDADO

Coloquemos estes dados em uma tabela.

<u>Período da História Russa</u>	<u>Governo</u>	<u>Elite</u>	<u>Estrato Predominante (Massas)</u>	<u>Ideologia (Religião)</u>	<u>Política</u>	<u>Etnia Dominante no Governo</u>
Período de Kiev	Rus de Kiev	Forças Armadas Grã-Ducais, <i>Zemstvo</i> Boiarcas, A Assembleia Popular	Agricultores livres	Paganismo, Cristianismo Sincretismo	Centralização	Polacos e seus vizinhos.
<i>Udel'naya</i> Rus [O período dos principados separados]	Principado eslavo-oriental e cidade-governo	A Comitê do Príncipe, Assembleia Popular	Agricultores livres	Christianismo, Sincretismo	Fragmentação	
Período Tártaro-Mongol	As Hordas Douradas (Ulus Jochi)	Elite Tártaro-Mongol, Príncipes Russos	Agricultores livres	Atuação da Horda, Identidade Ortodoxa	Submissão aos Mongoís, Adoção das práticas imperiais	
Rus Lituana	Principado lituano, depois o principado polonês-lituano	Elite russo-lituana, elite polonesa-lituana	Aldeões oprimidos, Cossacos	Identidade Ortodoxa durante a opressão Católica	Resistência aos opressores, absorção dos princípios europeus-católicos	Polacos, Lituanos

	nês-lituano					
Rus Moscovita	Tsarismo Muscovita	Tsar Russo, Boiardo	Os Cem Campos Negros (governo), o início da servidão	Moscou - Terceira Roma, Ortodoxia Russa, Missão Universal dos Russos	Estabelecimento de um Tsarismo Ortodoxo Global	Grão-Russos
Império Russo de Pedro	Império Russo	Tsar Russo, o crescimento de uma elite estrangeira	Servoscamponeses	Secularização, Ocidentalização, Modernização	Imperialismo Secular do tipo europeu	Grão Russos, Pequenos Russos e Russos Brancos
O Período Soviético	URSS	Bolcheviques	O <i>narod</i> trabalhista soviético	Comunismo, Marxismo, Ateísmo	O estabelecimento do Socialismo, do Comunismo, da revolução global	Grão Russos, Pequenos Russos, Russos Brancos (o crescimento do fator turco)
O Período Contemporâneo	Federação Russa	Burocratas e Oligarcas	Grupos urbanos marginais		Preservação do status-quo	Grão Russos

6. VERSÕES DA SOCIEDADE

A outra variável, a sociedade, mudou de acordo com a seguinte corrente histórica:

Comunidades eslavas livres – comunidades eslavas livres com consciência da unidade *narodni*, escravizadas pela autoridade principescas – as comunidades eslavas escravizadas, no processo da cristianização e da *votserkovleniya* [um rito na igreja ortodoxa], mais e mais conscientes em relação à sua missão e religiosidade *narodni* – comunidades eslavas escravizadas adotando algumas instituições sociais da Horda Dourada (a organização da sociedade como tropas), unidas pela ortodoxia e pela nostalgia pela perda da independência governamental (soberania) – a sociedade total com a prevalência de aldeões com foco no atrativo ideal de salvação universal através da religião e do governo com fortes características messiânicas – uma inflexível sociedade classista do tipo secular, desprovida de uma missão religiosa, com uma clara separação do tipo social da elite e do tipo social das massas dos finalmente escravizados aldeões (todo o caminho para as diferenças de linguagem, costumes, formas de se vestir, etc.) – sociedade soviética, fundada nos ideais de igualdade, internacionalismo, messianismo comunista, totalitária e mobilizada – sociedade liberal-democrata, individualizada, relaxada, ocidentalizada, desprovida de propósito e significado, orientada para a carreira pessoal, para o conforto e prosperidade material.

7. AS FORMAS POLÍTICO-ECONÔMICAS SÃO IRRELEVANTES

Formas político-econômicas corresponderam a cada sociedade mencionada e foram um epifenômeno da estrutura social. O governo é o ponto central da política. Influência em um grau enorme a regulação dos processos econômicos. Mas parte da vontade política está concentrada na sociedade, que é também o principal ator econômico. Dessa forma, os períodos econômicos da história russa são uma função dos períodos governamentais e sociais, e não algo independente. O determinismo marxista com respeito à mudança das formações é absolutamente indevido para a história russa, e continuar por inércia aplicando-o na análise histórica é inteiramente irrelevante e

anacrônico (anticientífico).

É necessário colocar em primeiro plano e tornar prioridade a introdução sociológica à história. Só isto vai permitir que se descreva corretamente o processo sociogenético da Rússia.

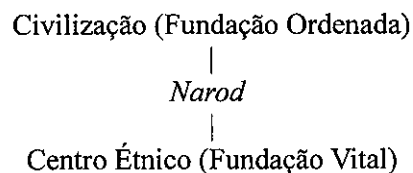
O Eixo Russo

Voltemos de novo para nossa fórmula inicial dos quatro estágios da sociogênese da Rússia. Agora, tendo determinado o que compreendemos pelas constantes e variáveis, podemos descrevê-la da seguinte maneira:

Três constantes formam uma estrutura hierárquica, que tem um caráter permanente e arquetípico; é relativamente atemporal.

O Centro Étnico da Rússia – o *narod* russo – a civilização russa

Podemos imaginá-lo vertical, onde o polo vital da vida está localizado na base e o racional e conceitual no topo:



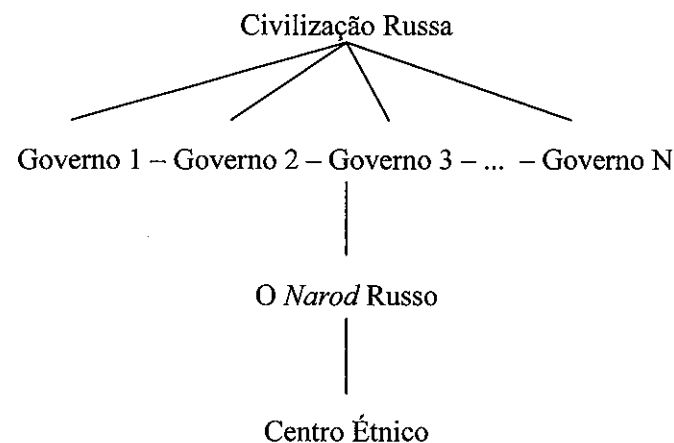
O Eixo Russo das Constantes

Nós podemos chamar este esquema de “eixo russo”. As energias da vida e da cultura, o ponto central do que é o *narod*, circula ao redor deste eixo.

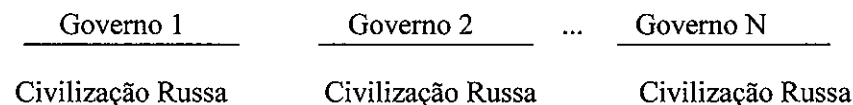
8. CIVILIZAÇÃO E GOVERNO

Mas o *narod* não traz à tona a civilização diretamente (pelo menos na nossa história). Primeiro ele cria um Estado ou uma série de formas governamentais, governos. A civilização é o denominador comum para todos estes governos. Eles são todos componentes desta

civilização, portam sua marca em si mesmos. Podemos refletir sobre isto no seguinte diagrama:



E de outra forma:



Neste diagrama, tudo abaixo de “governo” deveria ser compreendido como qualquer governo criado pelo *narod* russo, no qual está provada a vontade do destino (por exemplo, as “Hordas Douradas” ou o reinado polonês-lituano).

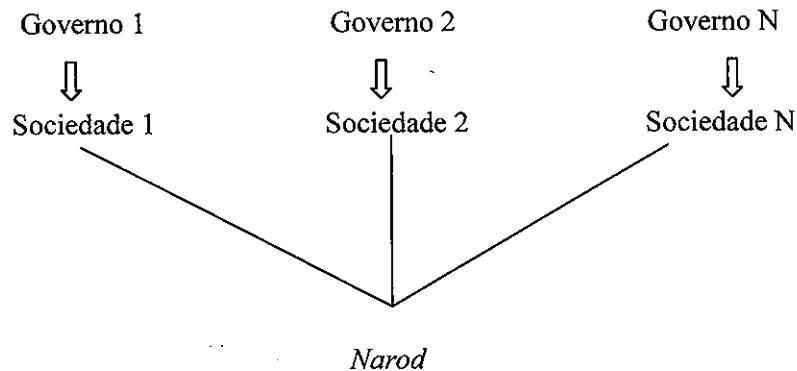
O governo conceitualmente formaliza a sociedade. Assim, podemos dizer que para todo governo que existe na história russa corresponde uma e a mesma civilização, apresentando-se através dele de diferentes maneiras. Algumas vezes acontece diretamente (como na Rus Moscovita, especialmente no período do governo de Ivan o Quarto), algumas indiretamente (como no século XVIII ou na URSS). Em alguns casos o governo pode estar em direta oposição à

civilização (como, por exemplo, no Tempo das Perturbações, ou na época da Elizabeth e da Anna Ivanovna no século XVIII). Em todo caso, o governo russo sempre, de uma ou outra maneira, correlacionou-se com a civilização russa, revelou um ou outro dos seus aspectos.

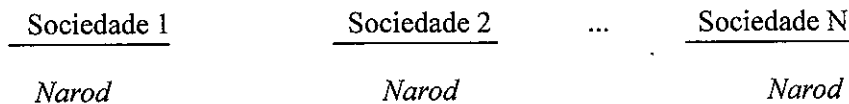
9. A FRAÇÃO SOCIEDADE/NAROD

Temos o seguinte quadro dos tipos de sociedades. Desta vez, o denominador comum é o *narod*. O quadro permanece constante independentemente de que tipo de sociedade é afirmada como normativa nas condições de um ou outro regime político-governamental.

Isto pode ser esquematicamente representado assim:



Ou diferentemente:



Estes diagramas são extremamente importantes para o desenvolvimento de um modelo correto de sociogênese russa. Em particular, no segundo diagrama fica claro que qualquer *socium*

histórico da Rússia – como o antigo, ou o atual (e, em certo grau de probabilidade, também o futuro) – pode ser considerado em dois níveis: do lado do numerador, trataremos com uma estrutura designada de forma mais racional e lógica, acoplada com o governo, uma ideologia governante, um sistema jurídico e administrativo, uma estrutura econômica, etc.; enquanto no lado do denominador, com um vivo, espontâneo, volitivo e simultâneo escalão, persistentemente guiando a vida social para a realização da missão original e reinterpretando esta missão através dos conjuntos sociais formais (algumas vezes, a despeito deles). Isso é especialmente evidente na comparação do modelo ortodoxo-monárquico do império russo do século XIX com a Rússia Soviética. Sociedades completamente contrastantes (a classista e a não-classista), existindo no quadro de tipos de governo radicalmente diferentes, são animadas por um desejo comum – em um caso, formulado nos termos da escatologia ortodoxa e da filosofia eslavófila, e no outro, nos termos da utopia marxista comunista. Ambas as sociedades são fundamentalmente diferentes no numerador, mas idênticas no denominador.

10. A SOCIOGÊNESE E A ANÁLISE DA ATUAL SOCIEDADE RUSSA

O modelo da sociologia da sociedade russa, descrito por nós nas características mais gerais, tem grande significância para a análise histórica das linhas fundamentais da força do desenvolvimento da Rússia e do *narod* russo. É ainda mais eficiente para a real descrição e compreensão dos processos decorrentes no presente.

No atual estágio histórico, perante nossos olhos, há seguramente um novo (na história russa) tipo de governo (FR) – do tipo liberal-democrata, contemporaneamente ocidental – e de esforços em uma construção artificial, do lado deste governo, de um novo tipo de sociedade – sociedade civil, liberal, individualista, hedonista, egoísta e consumista, correspondente aos padrões sociais ocidentais. O governo luta para converter o *narod* com seu governo composto etnicamente em uma nação burguesa, isto é, em uma massa homogênea, uma união pela cidadania, um sistema de direitos e participação nos processos político-econômicos comuns.

Este tipo de Estado e sociabilidade entra em contradição com

as constantes da história russa, com o *narod*, seu núcleo russo, com a civilização russa, fundamentada em um sistema de valores incompatível e contraditório. Nos estágios anteriores da história, tais tentativas de oprimir o *narod* com um tipo de sociedade completamente contrário à sua estrutura foram empreendidas só no período do Tempo das Perturbações ou na regência de von Biron, e terminaram ou com um gradual retorno à constante, ou com o colapso do Estado e com o começo de um novo ciclo.

No entanto, é impossível predeterminar a duração dos experimentos desastrosos outorgados pelas elites governamentais sobre o *narod*. O Tempo de Dificuldades durou quinze anos (1598-1613), o governo depois de Pedro dos europeus não-russos por quase quarenta anos (da Elizabeth até a segunda metade do reino de Catarina a Grande), a Revolução de Fevereiro se manteve por meio ano. A Federação Russa está chegando a sua segunda década.

11. A CONTRADIÇÃO ENTRE AS CONSTANTES E AS VARIÁVEIS NA RÚSSIA DE HOJE

Podemos descrever um tanto mais amplamente a incompatibilidade do curso da ocidentalização, da liberalização e da modernização da sociedade russa, formalmente declarada pela elite russa, com o conjunto das constantes. Naturalmente, esta contradição toca só as variáveis (isto está claro da própria definição de constante e variável).

A sociedade russa contemporânea e sua Constituição são características estritas dos modelos ocidentais do ponto de vista das instituições de poder, direitos, do sistema político, dos modelos econômicos. O governo variável orienta-se na matriz de outra civilização, não russa e não europeia, mas, pelo contrário, ocidental e atlantista. Claro, este papel vegetal não é absoluto e os códigos da civilização russa continuam sua atividade. Mas, enquanto isso, devemos reinterpretar a linguagem absolutamente estrangeira e externa da democracia política e do liberalismo econômico em formas intuitivas usuais. Isto é o mais claro em relação à figura de Vladimir Putin. Ele pensa em si, em suas palavras, como um “administrador”, mas, de um ponto de vista civilizacional, ele é um “Tsar” e soberano,

um legítimo estadista.

As minorias étnicas são outra variável. Nos anos 90, no período da queda da URSS e da formação da Federação Russa, nós fomos testemunhas de como uma série inteira de etnias fugiram da Rússia e se apressaram em criar seus próprios governos. Uma minoria se esforçou em repetir isto dentro da Rússia, que transbordou em uma parada de repúblicas nacionais soberanas dentro da Rússia (Tatarstão, Bashkortostão, Komi, Skha) e em um sangrento conflito na Chechênia, que conseguimos extinguir a custo de enormes sacrifícios. Na era do despertar do *narod*, irmãos étnicos preferiram dissociar-se o máximo dele (tendo provado assim o caráter variável de sua participação na história comum).

E finalmente, a terceira variável – a sociedade contemporânea russa – agiu de acordo com os modelos ocidentais de uma sociedade abstrata e civil, de nenhuma forma conectados (pelo menos em teoria) com as raízes e regularidades etnoculturais *narodni*.

Verifica-se que o atual regime político e o conjunto de variáveis conectadas a ele (o governo, o mosaico étnico e a sociedade civil) estão em direta oposição com as constantes históricas, que – se levarmos em conta – preveríamos modelos completamente diferentes – severas alternativas – para o governo, para as estruturas étnicas e para a organização social.

Esta análise traz à tona a profunda contradição da Rússia contemporânea em nível de estruturas sociais. Esta contradição teria, tempos atrás, levado a uma catástrofe irreparável se não tivéssemos sido balançados pela atividade persistente das constantes, suavizando os processos destrutivos entre a elite ocidentalista liberal e as expectativas conservadoras das massas, parcialmente também *de facto* (mas não *de jure*) encontrando estas expectativas depois de um período antinacional, antieurasiano e antirruso do governo de Yeltsin. Isto deu ao sistema social inteiro um extra de estabilidade. No entanto, todavia, a contradição fundamental não foi removida em nenhum grau.

O período decorrente, correspondentemente, é uma crise enlatada (posta de lado, postergada), mas estamos longe de olhar para o conservadorismo (as constantes) como um meio para sair dela. Nos tempos do presidente Medvedev, estas contradições começaram

gradualmente a aumentar de novo. Os esforços para implementar uma nova onda de liberalismo, modernização e ocidentalização estão levando naturalmente a uma nova intensificação da crise.

12. "O PARTIDO DAS CONSTANTES" E "O PARTIDO DAS VARIÁVEIS"

Podemos dizer que na sociedade russa contemporânea há dois "partidos" hipotéticos e informais, o "partido das constantes" e o "partido das variáveis".

O "partido das variáveis" fica ao lado do Estado liberal-democrata, da sociedade civil e da introdução de tais políticas étnicas nas quais a significância do centro étnico dos Grão Russos seria subestimada, e à luta das minorias étnicas à autodeterminação seria dada luz verde. Um cenário alternativo do mesmo "partido" governante, apesar de fazê-lo de modo diferente, mesmo que para igual fim, é a criação de uma "nação russa" (que historicamente nunca existiu, e os esforços para criar o que levaria a um total nivelamento das etnias – dos Grão Russos e de todas as minorias étnicas). Este "partido" hoje domina a elite política.

O "partido da constante" é representado entre as elites fraca e esporadicamente, mas tem na sua coluna a população geral. Aqui confrontamos o senso intuitivo de que a Rússia é uma civilização independente ("Russo" ou "Eurasiano", assim, nos últimos 10 anos responderam confidencialmente sem hesitar mais de 70% dos russos na questão formulada precisamente pelo Centro Russo de Estudos de Opinião Pública); que o *narod* tem uma missão histórica, que deve cumprir; e que este *narod* em seu centro depende da etnia dos Grão Russos, que formaram a identidade axial – a linguagem, a cultura, o tipo psicológico e espiritual –, mas está aberta àquelas etnias que estão prontas e desejam conectar seu destino com ela e se tornar parte de um único *narod*.

O modelo de governança de Putin é baseado no compromisso entre dois "partidos"; cada um vê em Putin seu representante. A situação mudou um pouco com Dmitri Medvedev, visto que sua "imagem" corresponde mais àquele representante clássico de "partido das variáveis".

Uma Previsão do Futuro [Devir] Sistema Social da Rússia

Formulemos brevemente nossa previsão. Teoricamente, podemos examinar três variantes da funcionalidade de longo prazo da Rússia como um sistema.

No primeiro caso descreve a situação quando o "partido das variáveis" toma o poder. Isto significa que a tendência da liberal-democracia, a modernização, a sociedade civil, a ocidentalização, o liberalismo econômico e a separação étnica prevalecerão sobre as forças resistentes das constantes russas. Em uma situação como esta, a queda do Estado russo nos aguarda.

Afastando-se das constantes, o governo reinante chacoalhará o chão abaixo de seus pés, e as elites novamente, como nos anos 90, entrarão na fase de provocar um conflito com as massas. Se está em condições de uma crise econômica e da não resolução de uma multidão de problemas sociais, mas também tomando em conta o sistema político da Federação Russa, pode se tornar um caminho para o colapso político e para a quebra do país. Nos anos 90, uma tragédia como essa aconteceu na URSS, mesmo que o sistema esteve mais consolidado e respondeu mais às constantes que o modelo liberal-democrata, emprestado do Ocidente.

A isto deveríamos acrescentar dois fatores adicionais: a pressão dos EUA, que por uma consideração estratégica está bastante interessada no despertar da Rússia, o que significa que eles vão expandir grandes esforços na sua desestabilização de longo prazo, e o próprio processo de globalização, que leva a uma dispersão planetária do modelo de sociedade ocidental e o dismantelamento dos governos nacionais. Percorrendo o caminho da modernização, a Rússia se move diretamente para sua própria autodestruição (exatamente como a "aceleração" de Gorbachev só acelerou a queda da URSS). O mais "moderno" ("contemporâneo") é a rejeição do Estado e a integração em uma "humanidade unida" sob a direção da "liderança mundial".

A segunda variante consiste no fato de que o sistema político permanece como antes, mas gradualmente muda seu significado, enchendo-se mais e mais de elementos da civilização russa. Podemos chamar este caso de "russificação" do regime. Por ora, pelo menos durante o período da presidência de Putin, os acontecimentos se

desdobram precisamente de acordo com este cenário, que assegurou ao sistema uma certa (apesar de relativa) estabilidade. Esta versão reduz o esfriamento de todos os processos na sociedade, que é conservada como é, em uma condição meio doente e meio saudável.

E finalmente, a terceira variante, mais improvável hoje, consiste teoricamente na vitória do “partido das constantes” e na construção de um Estado completamente diferente, enraizado na civilização eurásiana, baseado no *narod* russo e naquelas etnias que estão em solidariedade com seu destino e com a nova formulação de sua missão histórica para o século XXI. Este cenário não iria nos garantir uma vida fácil, mas colocaria nossos contemporâneos ao nível de nossos ancestrais, que no curso de muitos séculos lutaram em favor de um grande objetivo. E não se esforçaram para que sua posteridade repudiasse sua realização no último momento.

CAPÍTULO 8 O LEVIATÃ RUSSO (TERROR DE ESTADO)

1. COMO TREME DE MEDO

O historiador da religião e teólogo alemão Rudolph Otto, descrevendo o fenômeno do sagrado (o sagrado, *das Heilige*), salienta que neste sentido estão combinadas emoções humanas opostas: admiração, êxtase, amor e horror, agitação e pânico. Ademais, tudo isto não pode ser dividido em componentes, o medo não pode ser separado do prazer e do deleite.

Na medida em que a sacralização do poder, do governo, da política e das instituições sociais existe para o *narod*, este complicado complexo de fortes emoções se estende para eles, também. Não podemos separar o fator do medo como algo isolado. O horror perante o sacralizado escalão político não está separado do amor e da reverência: consequentemente, este fenômeno é mais complicado; para estudá-lo corretamente é necessário preliminarmente descrever a estrutura do sagrado.²¹

Indubitavelmente, a maioria dos poderes políticos e governos na história russa foram tomados como algo sagrado, apesar de que em diferentes períodos esta sacralidade teve uma natureza diferente²². Assim, o medo perante a autoridade reinante era, na maioria das vezes, um complicado complexo de veneração, amor e reverência. Só em alguns poucos casos, por exemplo, com os Velhos Crentes e outros grupos não-conformistas, realmente a estrutura do medo provou ser

²¹Alexander Dugin. *Philosophy of Politics*. [A Filosofia da Política] Moscou, 2004. (Há alguns capítulos reservados aqui para o tema da política sagrada).

²²Alexander Dugin. *The Evolution of the National Idea of Rus (Russia) in Different Historical Stages* // [A Evolução da Ideia Nacional da Rus (Rússia) em Diferentes Estágios Históricos] Dugin A. G. *The Foundations of Eurasianism* [As Fundações do Eurasianismo]. Moscou, 2002. p. 716.

algo diferente, visto que o governo depois da cisão foi tomado por eles como o “poder do Anticristo”. Isto, também, é sacralização, mas negativa, neste caso.

O medo – tendo uma relação com o sagrado – deixaremos de fora da nossa análise e focaremos mais em um fenômeno ainda mais simples, no medo em contexto político, sobre cuja politologia ocidental geralmente fala, tradicionalmente operando com um fenômeno dessacralizado e secular.

2. HOBBS E SEU MONSTRO

Um dos principais teóricos do governo contemporâneo, Thomas Hobbes, expressou a essência de sua teoria no nome metafórico do mais importante trabalho filosófico sobre a natureza do governo, “*Leviatã*”.

Leviatã é um dos dois monstros (um monstro marinho, lado a lado com o terrestre Behemoth) dos quais se falam na Bíblia no livro de *Jó*, e através do qual Javé amedronta o desesperado e correto Jó, com fim de testar seu amor e fidelidade. A função do Leviatã no contexto bíblico é inequívoca: a intimidação, a sugestão do terrível e injustificável horror.

Aplicando a metáfora do Leviatã no governo contemporâneo, Hobbes salienta, desse modo, sua principal incumbência: inspirar o medo. Assim, precisamente o medo permanece nas próprias fundações do governo contemporâneo como um fenômeno, enquanto sua principal função. O governo é o que inspira medo. E como é um fenômeno político, então o medo, também, inspirado por seu submisso, é também desse tipo.

A atenção ao “Leviatã” rapidamente nos traz à essência do problema do medo político.

Desenvolvendo sua teoria de Estado, Hobbes procedeu dessa peculiar compreensão da natureza humana. Partindo deste ponto de vista (que no todo é compartilhado pela maioria dos pensadores da escola liberal), o homem, por si, é ao limite um ser cruel, egoísta, cobiçoso e agressivo, inclinado ao rebaixamento, à repressão e à destruição dos seus semelhantes. Daqui, a máxima de Hobbes “*homo homini lupus est*”, “o homem é o lobo do homem”. Se as pessoas não

são restringidas em seu desenvolvimento natural, então “a guerra de todos contra todos” começa. Com o fim de impedir isto, Hobbes pensa o governo-Leviatã; é necessário inspirar medo e proteger uma pessoa daqueles que são semelhantes a ele, e, em última análise, de si mesmo.

Assim, o conceito de governo é desprovido de toda sacralidade e é fundado em um princípio inteiramente pragmático e racional: com fim de que o homem não traga perigo a outro homem e de que se coloque em boa ordem, deve ser amedrontado até a morte. Esta é a principal função do governo²³. Aqui estamos tratando com um medo absolutamente dessacralizado, um medo utilitarista. Este é o medo que estamos nos esforçando em estudar na história política russa. É o motivo de trazermos no título dessa seção a tese de um “Leviatã Russo”. Estamos interessados no medo político em seu aspecto mais utilitário, na ótica convencional da politologia ocidental.

3. “O BEHEMOTH RUSSO”

Na história do Estado russo, deveríamos distinguir dois fenômenos sobrepostos um ao outro: o Estado sagrado com seu característico complexo de uma relação integral horror-amor, e o próprio “Leviatã Russo”, um ser inteiramente racional, afirmado pelo medo, pela supressão e repressão, a preservar e fortalecer a ordem governante. “O Leviatã Russo” como um conceito é uma reconstrução artificial, um produto da retirada do fenômeno integral do poder de seu lado intimidante racional-pragmático. Sendo um mecanismo racional, “o Leviatã Russo” em sua ação está voltado com seu poder repressivo contra as específicas vidas sociopolíticas do povo. Ele induz à pesquisa racional e à anatomização. Os componentes sagrados

²³ É interessante que os neoconservadores americanos contemporâneos, em particular Robert Kagan, sejam os sucessores diretos da tradição politológica de Hobbes com esse pessimismo antropológico. Ademais, na sua opinião, a diferença entre a cultura americana e europeia consiste no fato de que os EUA são fundamentados em Hobbes e seu conceito de Leviatã, enquanto que a Europa é atraída para as construções utópicas de “sociedade civil” no espírito de Kant, que procedeu da afirmação de que o comportamento das pessoas em relação a outra, em casos incomuns, é racional e humanitária, enquanto que o egoísmo e a agressão são desvios da norma.

do Estado evitam uma análise direta.

Aqui uma continuação da comparação simbólica sugere a si mesma. No “*Livro de Jó*” e em outras partes da Bíblia, Leviatã vem em par com outro monstro, Behemoth. Behemoth é um monstro terrestre; Leviatã, um monstro marinho. De acordo com a metáfora da geopolítica, Leviatã representa os “Estados marinhos”, como Cartago, Atenas, Inglaterra e EUA, enquanto Behemoth representa os “Estados terrenos”: Esparta, Roma, Alemanha, Rússia. A concepção de “Leviatã” para Hobbes, por um lado, e os geopolitólogos contemporâneos, por outro, têm, indubitavelmente, sentidos diferentes, e esta metáfora é usada de diferentes maneiras. Mas deveríamos prestar atenção ao fato de que a Rússia, na classificação dos geopolitólogos, é um Estado da terra *par excellence*, que predetermina suas peculiaridades civilizacionais, parâmetros-chave, estrutura estratégica e pontos de referência culturais. Isso também toca ao Estado. Assim, o aspecto sagrado do poder, a relação agitada a ele, além do dualismo do amor/horror, pode ser atribuído às especificidades do governo discernidas como “Behemoth”, em contraste com a compreensão racional-mecânica do governo que os filósofos da política liberais ocidentais, tais como o inglês Hobbes, autor do “Leviatã”, têm.

4. PARA QUE HÁ REPRESSÃO? QUATRO PRINCÍPIOS BÁSICOS

Então, contra o que, realmente, o “Leviatã Russo”, o governo, usa seus aparatos repressivos?

Podemos separar por número e qualidade diferentes critérios, mas paremos nos quatro que nos parecem mais significantes e expressivos:

1. Dissidente, aberta ou secreta devoção a um sistema de opiniões, essencialmente diferindo daqueles adotados na ideologia oficial, ou oposta a esta ideologia.

Medidas punitivas contra dissidentes são necessárias para o “Leviatã” como um instrumento para a preservação da estabilidade, da continuidade e do seguro funcionamento do poder do governo. A dissidência e o não-conformismo sempre põem em questão a propriedade do sistema ideológico em cujo poder se baseia, e

consequentemente trabalham como um nutritivo ambiente para uma animada oposição àquele poder. A dissidência enfraquece as fundações da lei do governo, independente a que exatamente se opõe.

A dissidência é definida pela ideologia oficial. Ela em si pode mudar; consequentemente, os critérios da mudança, também. O principal objetivo da repressão se torna esse tipo de dissidência que têm um caráter “revolucionário” e que nega os pontos básicos da ideologia reinante.

Na história russa, os exemplos mais claros deles são os Velhos Crentes e os sectários (começando da segunda metade do século XVI), os democratas revolucionários, os socialistas e *narodniki* na segunda metade do século XIX e início do século XX, os dissidentes da era soviética. Aqui está evidente também a clara plataforma ideológica do poder, do próprio “Leviatã”, e o repúdio consequente dele ao propósito de outra alternativa ao lado dos grupos não-conformistas de dissidentes.

Nessa situação, o “Leviatã Russo” agiu fortemente e muitas vezes impiedosamente, usando meios repressivos para a supressão do inimigo interno e para a intimidação da população, que poderia teoricamente ter se satisfeito com simpatia pelo inimigo e prestado atenção a sua lógica.

2. Rebelião, a voluntariosa relutância em obedecer à ordem estabelecida.

Essa marca é inerente na psicologia humana e é uma constante na história política russa. Uma pessoa separada de certo grupo ou categoria de pessoas, algumas vezes uma inteira etnia, em certo momento percebe a impossibilidade da existência de longo-prazo no quadro do “Leviatã” e demonstra aberta subordinação. Essa subordinação pode ser expressa em revolta aberta, em rebelião, na captura e no saque de propriedades dos representantes do governo ou classes privilegiadas, e também na fuga por debaixo do governo jurídico em regiões relativamente livres, territórios na periferia do país.

Vemos na história das rebeliões russas, no início dos cossacos, e no distanciamento dos bandidos, “bandos de ladrões”, vivas manifestações de uma tal situação, baseada na própria vontade e em uma rejeição a altos escalões.

Um rebelde difere de um dissidente porque rejeita a própria ordem alienada do “Leviatã”, o próprio mecanismo de poder abstrato, e não só sua plataforma ideológica ou religiosa. Os rebeldes rejeitam o “Leviatã” como um mecanismo de “repressões objetivas”, o governo, o poder reinante como a objetividade no direito de existir, e frequentemente propõem suas próprias formas de poder, justiça e direito, fundadas ou no consenso geral ou na transparente subjetividade das reais e fechadas personalidades, do homem líder, *ataman*, capitão, ou chefe.

O sistema repressivo em um coletivo tal de rebeldes pode ser não menos, senão mais, cruel, mas o princípio em si da inspiração do medo e da lógica de repressão é diferente aqui em suas raízes. O “Leviatã” pune em nome da objetiva necessidade, que por definição excede o nível de competência de simples cidadãos. Inspira medo por causa de uma ordem abstrata, atuando como uma função mecânica, operando com uma persistente fatalidade independente de quaisquer fatores. O “Leviatã” procede das normativas da racionalidade abstrata, nunca coincidindo com racionalidade separada ou de grupo. Nisto ele representa a oposição à vontade, e o medo, inspirado por ela, é radicalmente diferente do que é introduzido pelo julgamento do mundo (comunidades), dos grupos cossacos ou até mesmo do líder de uma gangue.

A injustiça da repressão é possível nas mais diversas situações, mas da pessoa do “Leviatã” o critério de injustiça ou justiça são secundários; na inspiração do medo o que é mais importante é a capacidade de amedrontar, de punir de fato. A rebelião é direcionada precisamente contra isto, e não contra a injustiça do poder ou da crueldade das repressões amedrontadoras. Ela visa no elemento do “Leviatã” como um terror legitimado e racional, se opondo ao mesmo tempo ao terror ilegítimo e irracional. O rebelde luta para reverter as proporções, de um objeto de medo ao lado do “Leviatã” ele se torna o sujeito do medo, em outras palavras, quem inspira este medo.

Os rebeldes contra o “Leviatã”, como Perseu ferindo a Medusa Górgona, colocaram entre eles e o poder reinante um interessante escudo, que reflete a onda de medo procedendo do governo direcionando-a para o mesmo. Agora, por sua vez, como o líder de bandidos, ou do povo doente, inspira medo em cidadãos

respeitáveis.

Esse jogo com as forças do medo pode algumas vezes adquirir uma dimensão política. Vemos em recentes acontecimentos na Chechênia um claro exemplo dessa dialética. O centro federal, compelindo os chechenos a permanecer na estrutura da Rússia e a submetê-los em suas leis, usa o instrumento de intimidação. E é tomado pela população da Chechênia da mesma forma. Mas, acrescentando, os chechenos, pelo direito dos rebeldes, se tornam símbolos, inspirando medo, primeiro por “máfia”, “rebeldes” e depois por “terroristas”. De uma maneira análoga, na Rússia pré-revolucionária, os bandidos amedrontavam cidadãos respeitáveis, como fizeram as formações cossacas.

3. Conspiração e intrigas convocadas para derrubar o Tsar, líder ou grupo político.

O “Leviatã” como uma integral realidade, no caso de conspiração, especificamente não sofre, porquanto, frequentemente, o mecanismo de repressão em si e a estrutura de governo são preservados em seu aspecto anterior. Consequentemente, a conspiração não representa uma ameaça ao sistema todo, mas só a grupos governantes e personalidades separadas. No entanto, a própria possibilidade de uma conspiração frequente fortemente influencia a psicologia do governante ou dos grupos governantes, os amedronta, inspira neles um complexo paranoico, mania de perseguição, que algumas vezes leva a uma extrapolação de medo, externamente. O horror do poder governante perante as conspirações leva a uma onda de repressão contra conspiradores, reais ou imaginários. Assim surge um muito importante conceito para o Estado russo e para os políticos russos: “traição”.

O “Leviatã” é fundado no princípio da lealdade, da devoção, no qual fatores sistemáticos e pessoais são entrelaçados. Na verdade, o conceito de “devoção” na estrita compreensão do “Leviatã” é vazio, visto que sua estrutura é convocada a incorporar em si um complexo impessoal, abstrato e racional-mecânico. Mas na prática real, e especialmente na história do “Leviatã Russo”, o tema da personalidade do líder e da devoção a ele pessoalmente é projetado desde a base de livres e orgânicas hierarquias dos destacamentos militares, ordens cossacas ou bandidos, ao grau máximo. Lá emerge a

combinação do poder e do governo reinante como um mecanismo impessoal e como uma organização, criada na base de lealdade pessoal.

A conspiração serve neste sistema como o ponto focal da estrutura inteira. Na fria lógica do “Leviatã” não há lugar para conspiração em seu aspecto puro. Ela nasce quando os maiores graus do governo começam a se identificar com uma pessoa real ou grupo de pessoas. Neste caso, um tsunami real de condições paranoicas surge, nas correntes de cujas conspirações reais são misturadas com imaginadas, e medidas punitivas contra conspiradores reais crescem em larga-escala e em um terror despropositado. Vemos muitos exemplos na era da segunda metade do reino de Ivan o Quarto ou sob Stalin. Sutil é o jogo no coração do “Leviatã”. A identificação/não-identificação da natureza mecânica do governo como um aparato repressivo e da forte personalidade de um líder dá à luz uma forma peculiar de intimidação, que é projetada sobre uma ampla camada da população, até inteiramente incapaz, de acordo com seu status, de participar em uma “traição”, pelo menos graças à sua distância dos centros de poder. Não obstante, o fator de “traição”, “conspirações”, em sua forma pura, prova os momentos intensivos da incorporação política do medo.

4. Roubo, Crimes Econômicos.

Este fenômeno teoricamente enfraquece o sistema de governo, desde que mina sua lógica econômica, sua orientação natural para a organização das esferas de trabalhos e distribuição. O roubo é o pano de fundo da entropia, visto que leva ao desaparecimento do produto material, criado pelo trabalho e pelo poder parcialmente apoiante do “Leviatã” (através do sistema de taxas e dívidas), sem contabilidade e controle. Tipos diferentes de governo reagem diferentemente ao roubo; em alguns casos medidas punitivas nessa esfera são adotadas inflexivelmente e a punição para o crime econômico é totalmente comparada à punição para crimes graves, tais como, por exemplo, o assassinato.

A peculiaridade do “Leviatã Russo” consiste no fato de que o roubo é, na maioria das vezes, punido de forma mais branda e o medo da população nesta esfera não é tão grande. De um ponto de vista normal, o roubo, indubitavelmente, é um crime, entretanto não é um

desafio direto ao governo. Essa é a diferença do Estado russo para com o europeu ocidental, alemão ou inglês, onde os crimes econômicos são tomados como um ataque contra a essência do governo e o “Leviatã” responde este desafio com fortes repressões. O medo perante o roubo é significativamente maior para os cidadãos do Ocidente do que para os russos. Da mesma forma, ao passar de um certo limite, o roubo começa a representar uma séria ameaça ao governo, já que desmotiva a fundação criativa e tira do controle estrito e centralizado muitos recursos materiais. O bandido rouba a massa do “Leviatã”.

Mas aqui estamos falando daquelas formas de bandido que são constituídas por cidadãos em separado, não incorporados ao sistema governamental-burocrático e esforçando-se em lucrar a seu custo, como também a custo de cidadãos em particular, que ganham sua riqueza pelo trabalho honesto.

Além disso, o “Leviatã Russo”, e isso é sua peculiaridade nacional, frequentemente age como o sujeito do roubo, como seu próprio tipo de bandido, um prisma entrópico, ficando entre as autoridades trabalhistas e as mais altas do poder, e desviando recursos materiais de circulação para algum lugar qualquer. O roubo como uma forma de operação das funções burocráticas não é traço característico do “Leviatã”. Mas esse é um fenômeno similar ao entrelaçamento de poder pessoal e poder como uma função mecânica em um nível maior.

Um burocrata em si combina o princípio leviatânico, a personificação da autoridade mecânica impessoal e o homem específico, com seus interesses egoístas, astúcia e ganância. Sendo sancionado pelo “Leviatã”, o burocrata russo desvia dele, com o fim de impessoalmente servir a um sistema impessoal, e o roubo se torna sua forma favorita de oposição moderada, a expressão desse tipo de pequena e tímida rebelião contra a despersonalizada máquina do governo. O suborno, a corrupção e o roubo dos burocratas são uma forma de sabotagem à efetiva atividade do governo. Este é o motivo de não ser um fenômeno tão simples.

O burocrata-bandido russo é um caráter nacional e, como todo russo, é ambíguo, com sua própria estratégia peculiar, irônica e existencial. Os gestos pessoais do bandido o demonstram: eu propositalmente combino o conceito do abstrato mecanismo

governamental e real com os interesses pessoais egoístas, e por isso em parte “humanizo” a frieza do monstro “Leviatã”, tornando-o mais próximo das pessoas, visto que através de mim são expressas senão invariáveis, então traços inteiramente humanos, e não a alienada fatalidade da máquina punitiva. Assim, a corrupção russa mostra sua qualidade de transferência do burocrata-bandido desde a posição do sujeito do medo, em outras palavras, de quem inspira este medo, para a posição do objeto de intimidação, aquele que o medo testa (junto com pessoas simples).

5. AS PROPORÇÕES DO MEDO EM VÁRIOS ESTÁGIOS DA HISTÓRIA RUSSA

Nos diferentes períodos da história russa, o governo especialmente intensificou sua pressão sobre pontos específicos, em várias combinações e com intensidade variável.

Ivan o Terrível derrubou o poder de repressão sobre a “traição”; o estilo paranoico de seu governo dirigiu fortes medos contra “conspiradores”, contra o poder dos específicos príncipes e proeminentes boiardos de seus redores. Sobretudo representantes da elite e das classes governantes foram punidos. Dissidentes nos tempos de seu governo de fato não surgiram; rebeliões *narodni* e desordens foram reprimidas no seu regime, como antes dele, e para o bandido foi-se punido moderadamente; na maioria das vezes tornou-se um pretexto para a repressão ao longo das linhas da “traição”.

Na época da dissidência, o Patriarca Nikon e Alexei Mikhailovich, e imediatamente depois dela, elevaram-se contra as anteriores repressões para dissidentes e oceanos de medo foram tombados nos adeptos da Antiga Fé. Nesse período e no seguinte século, os Velhos Crentes se tornaram um fermento e uma ideologia para uma massa de distúrbios e rebeliões *narodni*, de Razin à Pugachev. O bandido então foi visto como a forma de entropia menos perigosa e mais compreensível para as autoridades reinantes.

O “Leviatã Russo” gastou o século XVIII e a primeira metade do século XIX lutando contra rebeldes e conspiradores. E da segunda metade do século XIX, e todo o caminho para a Revolução de Outubro, a principal ameaça se tornou a dissidência na forma de organizações revolucionárias.

No século XX, e especialmente sob Stalin, o “Leviatã” alcançou seu auge, e cada uma das quatro expressões fundamentais de ação antigovernamental foram punidas da maneira mais brutal possível. O estalinismo representa o maior ponto arquetípico do Estado russo compreendido pelo “Leviatã”: especialmente aqui as pessoas foram punidas impiedosamente por dissidência (real ou imaginária), rebelião (ou pelo pensamento da rebelião), conspiração (ou por suspeita de conspiração), roubo (em pequenas e grandes medidas). Essa foi a real celebração do medo político, nunca antes vista, em que o “Leviatã Russo” mostrou completamente seu poder e suas possibilidades.

6. PASSO EM FALSO POR CAUSA DO AMANTE DA LIBERDADE E REBELDE NAROD RUSSO

É-nos frequentemente falado que o *narod* russo possui traços eslavos, que está inclinado a encorajar repressões e fazer sua paz com poder arbitrário. Eu sustento o ponto de vista diretamente oposto. Estou convicto de que o *narod* russo em sua alma como amante da liberdade, indisciplinado, absolutamente não inclinado à disciplina, ao orgulho, à contemplação (se desejar, preguiça – uma preguiça sagrada), não suporta qualquer autoridade sobre si, é fascinado por seu próprio mistério, ardente por uma beleza espiritual, atravessado por uma luz negra, conquistando do solo russo, escondido no retiro dos raios lunares e inflexível como o aço que passa de um mar para outro, de oceano para oceano por sua própria vontade, fácil, agradável, despreocupado, fatal e festivamente. Este é um *narod* do vento e do fogo, com o aroma de leira, e com a sideral queda penetrante das noites negras, um *narod* que carrega Deus em seu ventre, nobre como o pão e o leite, jovial como o muscular e mágico peixe de rio, purificado por águas doces.

Então, com o fim de que este *narod* não pule o muro, não pare o funcionamento em geral, fascinado pelas estrelas e por seu próprio, e tão firme, e tão branco corpo, não vaporize no vórtice das grandes introspecções, não queime nos incandescentes céus de um espírito estrangeiro, não morra no êxtase do sono-doce da inatividade metafísica e abundante, o “Leviatã” foi estruturado para isto; eles

criaram um monstro para prender este *narod* a ferros quentes, para que a vida russa não parecesse para ele tão excitante pela intoxicante bebida de mel.

A escravidão, a complacência, a obediência jurídica, o respeito ao poder, a eficiência, a submissão, a disciplina, a obediência, em uma expressão, “medo político”, tudo isso em sua forma nativa é estranho à pessoa russa, que é um monstro para si e, portanto, não teme nada além de si mesmo, e não obstante não teme nem mesmo a si próprio; ele é visto muito pior, todavia em um sonho.

7. O “LEVIATÃ RUSSO” HOJE

Como ficam as coisas com o “Leviatã Russo” hoje? Ele é forte? Inspira o “medo político” que deve inspirar?

Estou convicto de que, apesar da lamentação de certas forças na Rússia contemporânea, o “Leviatã Russo” é moribundo em essência, seu corpo se desintegrou e não sobrou força nenhuma. Ele conseguiu em tempo enraizar-se profundamente no inconsciente coletivo – esta é a experiência genética das épocas anteriores e antes de tudo das repressões do estalinismo, quando suas melhores horas chegaram. Mas, considerando o infinito amor de liberdade da pessoa russa, uma tal marca na alma e no corpo rapidamente desaparece. O “Leviatã” é superado; seu ciclo, completado; o atual poder governante não inspira qualquer tipo de medo em ninguém. Só o “fantasma do Leviatã” permanece, seu fantasma psicológico, o recolhimento conturbado do que em certo momento existiu e foi suficientemente forte; que oprimiu, rasgou em pedaços, aterrou com seus dentes, agitou seus membros, não deixou ir o que era seu. A pessoa russa o olhou por trás de seu ombro esquerdo com um silvo e deleite. E ela olha agora, mas perante seus olhos estão somente círculos vermelhos das indecentemente longas celebrações do Ano Novo. O lugar do “Leviatã” está vazio.

O Estado russo de hoje é virtual. É um amontoado de imagens planas de um projetor de filme sobre a tela. Essas são pequenas fontes de uma incompletamente apagada memória. Nada mais. Absolutamente nada.

Analisemos ponto por ponto da situação atual na Rússia.

A dissidência. Não é o sinal mais leve da repressão da dissidência, nem mesmo um traço. Começemos pelo fato de que o poder governante atual na Rússia não tem “pensamentos”, que se poderia refutar. Não tem nenhum postulado, nenhuma ideia distinta, nem sérios ou bem pensados programas, nem ideologia, nem filosofia política. Tudo que se poderia contestar nele são tecnologias. Mas de uma maneira como essa se tem já estabelecido uma certa forma intelectual inteiramente degenerada de “dissidência na esfera tecnológica”. Para melhor ou pior, as autoridades governantes terminam com performances; elas podem já ser consideradas. Mas seus pensamentos e ideias – não. Com relação a uma autoridade como esta, a não-conformidade ideologicamente é simplesmente impossível. Qualquer afirmação, favor ou contra, vai para o brejo.

Ninguém erige objeções a você, ninguém concorda com você. O “pensamento” como tal é polidamente despachado para o lixo, ou pior. Este é precisamente o tipo de liberdade que é categoricamente desnecessária para o pensamento em si. Melhor se fosse queimado com ferro quente, torturado na cremalheira ou proclamado grandiosamente ou em púlpito. Se ninguém presta atenção ao pensamento, se torna improvisado, começa a duvidar de si mesmo, empalidece e desaparece como um órfão tuberculoso.

Claro, o “Leviatã” pode funcionar até mesmo sem todos os tipos de pensamento, como hoje. Mas não é um sinal de força. Mais provável: a situação presente mostra que isso não é mais o “Leviatã Russo”, mas o membro de um outro, um “Leviatã” não-russo. Ou o “Leviatã” russo arrastou-se para algum lugar.

Rebeliões e agitações. Aqui, realmente é ainda um pouco assustador. Por ora é assustador. Os chechenos e os adeptos do Limonov tentaram puxar o “Leviatã Russo” pelo rabo, tendo exibido uma direta, provocativa, impudente e ofensiva rebeldia. Do que eles não chamaram o monstro, o quanto eles não zombaram dele? E uma certa reação foi exibida. Seu antigo poder sentido. Mas não há mobilização repressiva; antes, mais agonia e convulsões. Um pequeno, caucasiano *narod*, cresceu mudo com o espanto de si mesmo, combate há quase dez anos um exército federal regular, esmurrando a vida para fora do território com bombas, sem diferenciar seus próprios homens dos inimigos. Um punhado de adolescentes

nervosos na liderança com um idoso roteirista-pornográfico, um “nômade de asfalto” de mundos capitais, arranja *bullying* sistemático; e por anos os valentes serviços especiais do exército não podem lidar com eles. Esse é mesmo o “Leviatã”? Perdoem-me, é uma paródia dele. A besta está nua. Ela perdeu seu nível; suas patas foram enterradas. Não estou falando agora sobre chorar ou rir, estou falando da situação atual. O poder governante não mais perdoa rebeliões diretas e insubordinações zombeteiras. Mas aquelas não “diretas” e não “zombeteiras” ele permite.

“Conspiração”, finalmente. Há, houve e sempre haverão conspirações na Rússia. Elas surgem com invejáveis regularidades e no momento presente, enquanto vocês leem estas linhas, um grupo de personagens muito perigosos e traiçoeiros, muitos deles pertencentes à cúpula do poder, tramam contra a Rússia e seu presidente perigosas e atrevidas intrigas. Massageando suas mãos, eles continuam repetindo: “faremos isto em 2012, e aquilo um ano antes; e quando nossos colegas do outro lado do oceano pressionaram Nazarbayev e Lukashenko em 2008, fizemos isso e aquilo; por isso que em 2008 tivemos que fazer isso e aquilo, e se não funcionasse, então iríamos aos extremos, mas não depois de 2009”. O sussurro de vozes abafadas e sinistras sombras se entrelaçam com um intrusivo ruído nas orelhas, sutilmente alimentando a nervosa paranoia dos governantes – a voz interior não para: “Traição! Traição por toda parte!”.

Sim, precisamente traição. E isto não é novo. Mas hoje os conspiradores se sentem tão livres que do que mais sentem medo é de uma transferência para outro posto, com uma promoção. Aqueles que não participam em conspirações simplesmente não existem politicamente. Ademais, quanto mais próximos os conspiradores são do presidente, mais confortavelmente e seguros eles podem trabalhar seus planos sinistros. O olho grande do dragão apenas pisca.

Roubo. Não é mais um tema, mas um banquete para a politologia russa. Quando as pessoas antes escreviam que “todo mundo na Rússia rouba”, era uma metáfora. O que “todo mundo” é pode ser compreendido só hoje. O roubo tem se tornado a essência interior do processo político. Nenhuma única ação é realizada sem uma “bebida”, sem uma “propina”, sem uma “traição”. Na Rússia contemporânea, esse aforisma transformou-se em um sinônimo de

“política efetiva” ou bem-sucedida “tecnologia política”. O roubo é uma das coisas que constitui algo real em nosso Estado contemporâneo. O resto é “botânica”; em outras palavras, uma “cortina de fumaça”.

O aumento dos salários dos trabalhadores, a diminuição dos salários dos trabalhadores, a adoção de leis, a abolição de leis, o aumento dos impostos, a diminuição dos impostos – tudo o que acontece deve trazer ganhos “puramente reais” para os “específicos” burocratas, ou nada será discutido. Eles vão pressionar, contratar algum “profissional”, que por tostões leva tudo em conta, e lá se vai de novo a coisa faceira.

O “Leviatã Russo” foi sempre condescendente com o roubo. Mas não a tal ponto! Logo eles vão recompensar as pessoas por isso. Uma medalha de “honorable bandido da Rússia” é premiada a Pal Palych (a Ivan Ivanovich, Vasily Vasilich) por roubo em especialmente grande medida.

A principal coisa é que é impossível culpar alguém por isso; é apenas que o “Leviatã Russo”, honestamente falando, está morrendo. O fato é óbvio. Só o fantasma permanece, a memória, um certo vídeo musical inarticulado.

O recurso do “medo político” na Rússia está esgotado. E tão logo quando as últimas sombras desapareceram, todos verão: desta vez o trono sagrado está vazio.

O que fazer?

A primeira coisa que vem em mente que se relaciona com as previsões. Assim, o ciclo do Estado russo está chegando ao fim; nada de grande, não é nada, de alguma maneira... Deus só conhece o valor desse “Leviatã”; ademais, o próprio conceito é emprestado da cultura anglo-saxã, alheia à nós; de um contexto político distante de nós. Entretanto, não queremos fazer nossa paz com isso, se não estamos moralmente prontos; além disso, perante a gente não há uma feira comercial de projetos estrangeiros, mas um tipo de noite global sem saída, com um tsunami, uma enchente universal e o fim do mundo.

8. EXISTEM – NÃO PODEM DEIXAR DE EXISTIR – SAÍDAS

Uma saída é rapidamente criar um novo *Oprichnina*. Compór

impetuosos da frenética classe serviçal, levada ao desespero pelo colapso geral, um órgão do governo com severa disciplina, rápida violência por deslealdade, egoísmo e traição; com os fraternos ideais da salvação do país sob a vindoura catástrofe, que, como todo mundo agora sabe, foi somente deferido por um momento pelas autoridades de hoje. Isso é um tipo de “Ordem do Leviatã”, como no filme italiano “*O Deserto dos Tártaros*”, em que o derradeiro privado de guarnição, abandonado pelo centro, defendeu uma fronteira distante e inútil, firmemente executando seu último dever, descendo na noite da não-existência com olhos bem abertos e rostos intensos, severos e masculinos.

E se um caminho como esse for selecionado, então é necessário pôr em ação todos os mecanismos do “medo político”. Mas percebido que o medo se dissipa perante nossos olhos, deveríamos tomar o problema com força tripla. Um pacato Khodorkovsky em um aconchegante suéter Armani por trás de uma gelosia não assusta ninguém. Se se deve assustar, em dada circunstância, então que se assuste. E não deveríamos criar ilusões. Se o governo reinante não está pronto para esta realidade, em nenhum terror bobo e virtual é melhor eles não se aventurar. Desde a experiência, similar à de 1991, nos tornamos historicamente envergonhados. Eu não sei se temos força para isso. Está claro àqueles muito potentes *Oprichniaks*. Deve-se perguntar a eles. Uma coisa está clara: erguer o “Leviatã”, arrastado de cabeça para baixo em um confuso desamparo histórico, não será simples. Para ele, como para Moloch, sacrifícios são feitos somente com sangue fresco e úmido.

Mas eis a saída eurásiana: voltemos nossa atenção para o “Behemoth”, para essa descartada e sagrada síntese que deliberadamente não examinamos neste ensaio. Lá, no contexto do poder terreno, o próprio conceito do poder reinante e igualmente assim de “medo político”, é inteiramente diferente. E se elevarmos “Behemoth”, então não devemos restabelecer o mecanismo nem a máquina da repressão, mas o extremamente sutil e imperceptível sentido do sagrado; a essência, um objetivo teológico, um projeto escatológico, uma profunda e revigorante ideia, que secretamente nutriu o *narod* russo em seu curso através da história (como é dito na Bíblia sobre a revelação de Deus ao profeta Elías no Monte Khoriv:

“Depois do vento um terremoto; mas Deus não está no terremoto. Depois do terremoto, o fogo; mas Deus não está no fogo. Depois do fogo, uma leve e calma brisa”. Os russos responderão a isto diferentemente, não com indolência, sabotagem e indiferença, mas com entusiasmo para a batalha final, o coração do ígneo batismo, o arranco ao derradeiro limite dos paraísos nacionais. Este é o último recurso para a mobilização, mas está não no reino da tecnologia e sim da teologia, da filosofia da história e da filosofia política.

CAPÍTULO

9

MODERNIZAÇÃO SOB A QUESTÃO MARK

A Rússia precisa da modernização? A primeira reação: claro que precisa, como seria sem ela? De um certo ponto de vista, a urgência na resposta a essa questão é mais digna, como qualquer urgência e prontidão. Mas superficialmente. Nós dificilmente pensamos sobre o que é a modernização e de que tipo são suas raízes, sua natureza e suas variedades. Examinemos esta questão diferentemente: de que tipo de modernização a Rússia precisa?

Hoje, poucos compreendem que o termo “modernização” consiste em duas partes. Por um lado, há uma modernização técnica. Mais que qualquer outro, este aspecto da modernização chama a atenção; está incorporado em novos dispositivos: força aérea, meios de comunicação, meios de conseguir dinheiro, novos materiais, novas tecnologias de informação e nanotecnologias fundamentais. O objetivo dessa modernização são os instrumentos, os meios, que simplificam a vida de uma pessoa, que tornam o mundo mais confortável, conveniente, veloz, mais efetivo, mais divertido; fazem uma interface, como as pessoas dizem do computador, propício e de fácil utilização. E essa interface, indubitavelmente, depende da modernização técnica.

Mas há também um outro lado da modernização, que, via de regra, está, historicamente, intimamente conectado com o primeiro. Essa é a modernização moral, cultural e social. Se o objetivo da primeira modernização é o desenvolvimento dos instrumentos, no segundo caso é o desenvolvimento do *narod*, da sociedade, do governo, das morais, dos costumes, dos valores e da cultura. Neste caso, a modernização tem uma significância completamente diferente. Por exemplo, a modernização das morais é uma rejeição dos valores tradicionais: primeiro, uma rejeição dos casamentos em igrejas, depois uma rejeição dos casamentos, que está reformado por um tipo de autoridade civil; logo mais segue a permissão do casamento

homossexual, e então, inteiramente lógico, a completa abolição da instituição do casamento e a poligamia se torna a norma social.

Este é o caminho natural da modernização da família; não há nenhuma outra modernização da família. Se quisermos modernizar a instituição da família, então estaremos corrompendo suas normas tradicionais e também adotando outras novas. A modernização cultural segue ao longo do mesmo caminho. Tradicionalmente, a arte religiosa foi a cultura fundamental. A pintura religiosa, a literatura e a música religiosas. Modernizando isto, vamos ao período da cultura secular, e assim para a vanguarda, concluindo em todos os fragmentos pós-modernistas do mundo, organizados de maneira acidental, que também são novos elementos da cultura.

A modernização moral leva à desintegração das relações tradicionais entre as pessoas. Cada pessoa se transforma sozinha e não reconhece quaisquer normas sociais ou civis. Assim, a modernização nestas esferas significa um repúdio às fundações conservadoras, às formas tradicionais da moralidade, à uma visão de mundo tradicional, às normas religiosas, aos valores da família, ao coletivo, ao *narod*, à etnia, à comunidade; ou seja, contra tudo que constitui a identidade coletiva das pessoas.

Isto é modernização e coincide com a modernização técnica. Ambas são convocadas pelos mesmos atributos: progresso, melhoria, desenvolvimento. Nestas palavras, tão habituais para nós, dois significados distintos estão contidos. A palavra “modernização” vem da palavra “moderno”, que é “contemporâneo”. Mas isso não é exatamente o que acontece hoje. O moderno não é “contemporâneo”, é “novo”. A modernidade começou quando as pessoas decidiram romper com o passado conservador, abandonar as tradições, quando as pessoas decidiram não olhar para trás, nem para seus divinos antepassados, nem para as fundações de suas tribos, para sua etnia ou para seu governo, mas quando começaram a olhar adiante, na direção oposta. Aqui é quando a modernidade começou.

Apesar de estranho para nós, na força das diferenças entre o dicionário russo e o europeu, a palavra “contemporâneo” não soou, mas a contemporaneidade tem um começo. No lugar da sociedade tradicional veio a modernização, veio a tão chamada New Age [*Nova Era*]. Chegou quando as pessoas rejeitaram os fundamentos

tradicionais.

A partir deste período a modernização começa, na época do Renascimento no século XIV. E a partir do século XVII, no limiar do Iluminismo, o auge da modernização no mundo da Europa Ocidental começa. Nesta modernização, ambos os aspectos foram contidos.

Por um lado, a tecnológica e material. Por outro, a moral, social e cultural, já que, por exemplo, a produção dos engenhos de vapor histórica, psicológica, ideológica e culturalmente está fortemente conectada com o período da luta contra a religião, com a marginalização das posições da Igreja na sociedade, com a secularização e a liberação do homem daquelas conexões, que na sociedade tradicional o uniu com uma variedade de diferentes instituições, hábitos, bases e restrições morais.

Tudo isso foi destruído pela modernização. Ali ocorreu a corrupção da consciência do homem, que nas sociedades tradicionais transformou-se no repúdio à própria identidade, à sustentação das normas que foram contidas na base da tradição; isso atinge a vida familiar, a vida social, a organização social da sociedade. Tudo isso foi submetido ao escárnio, à destruição. A liberação perante esse complexo abriu novas possibilidades, que foram realizadas na esfera das técnicas e na esfera das morais de forma bem diferente. Na esfera das técnicas, são criativas, porque novos e novos padrões são inventados. Na esfera moral, tudo é o contrário: a modernização age destrutivamente; destrói as fundações morais de um homem; destrói o conceito de homem.

No entanto, até a própria ideia de homem se transformou seriamente na era do Iluminismo. Na sociedade tradicional, o homem era pensado como um servo de Deus. Hoje diriam que isso é selvageria, porque o homem não é um servo; ele é livre. Mas ele era chamado de servo de Deus porque estava livre de todo o resto. Ele era um servo somente de Deus. Assim, a igreja transmitiu às pessoas liberdade suprema. Além disso, o ensinamento de que o homem foi criado por Deus do nada, e não propriamente de Deus, destinou ao homem liberdade absoluta.

Nos confins dessa liberdade, um homem poderia escolher: deveria ele ser um servo de Deus e um mestre de tudo o mais – paixão e pecado – ou deveria ele ser um servo do pecado, um servo do diabo,

um servo das paixões momentâneas, mas permanecer livre de Deus? Esta é uma escolha moral. Na sociedade tradicional, se pensava que era certo ser servo de Deus e que era errado ser servo da paixão. Na era da modernização, especialmente na era do Iluminismo, foi decidido mudar esta moral. O homem é agora compreendido indubitavelmente como livre de Deus, mas não da paixão, não do pecado, nem do diabo. Assim ele dá o primeiro passo à modernização.

Todo mundo conhece a fórmula popular de Nietzsche “Deus está morto”. No entanto, muitos não sabem como esta frase termina: “... vocês o mataram. Vocês e eu”. As pessoas, desejando o progresso e a modernização, mataram Deus. Para a possibilidade de seu próprio desenvolvimento material, e desenvolvimento ilimitado nas esferas moral e social, as pessoas pagaram com a morte de Deus. Esta é uma visão muito honesta e correta de Nietzsche, que não é de se lamentar ou culpar alguém; ele simplesmente chama as coisas pelo nome. Com o fim do surgimento do homem modernizado, foi necessário remover Deus do seu pedestal. Nisto está a essência antidivina do humanismo, da qual os filósofos do século XIX e XX falaram. No processo da modernização de fato apareceu o homem autônomo, que começou a se chamar de “livre”. Dessa forma, o antidivino é inevitavelmente um elemento da modernidade. E isso ainda não é o fim.

Quando esse livre e autônomo homem apareceu, que começou a compartilhar sua cultura humanista com autoconfiança e desenvolveu totalmente seu poder tecnológico, suas instituições sociais, sua terrível liberal-democracia e outras revelações da modernização sociocultural, neste mesmo momento, os filósofos pós-modernistas denunciaram a modernidade, tendo declarado que o homem agora tornou-se Deus. Mas do ponto de vista do pós-modernismo, o homem divinizado também cria hierarquias repressivas.

E então surgiu a ideia do homem de se matar. Um filósofo bem conhecido, Bernard-Henri Lévi, proclamou a morte do homem; um outro filósofo, Roland Barthes, proclamou a morte do autor. Sociedade sem pessoas e textos sem autores se tornaram a norma da cultura contemporânea pós-modernista. Assim, o homem primeiro matou Deus, e depois, em vista de mais e mais modernização, novas liberações, chegou a ponto de se tornar um fardo para si mesmo. Então

surgiram as ideias do rizoma, do meio-tubérculo indeterminado, do ciborgue, do clone. O fim lógico da modernização.

Frequentemente, os tipos pós-contemporâneos são retratados por Tarantino, em geral em "*Reservoir Dogs*" [Cães de Reserva] e "*Pulp Fiction*". [Tais] pessoas representam não personalidades completas, que vão ao longo do seu caminho, defendem sua própria história e têm um enredo, mas, pelo contrário, representam uma parte. Mas esta é uma parte delas mesmas.

Este pós-homem é um elemento necessário da modernização. Depois de tudo, o pós-modernismo é o que acontece depois da modernização, depois que a modernização foi cumprida. Naqueles países onde o ciclo da modernidade terminou, a ativa pós-modernização começou: a industrialização se foi, a pós-industrialização começou; a modernização acabou, a pós-modernização começou. Agora eles querem meter a Rússia nisso também. Mas não há nada de bom nisso, além do desenvolvimento dos meios técnicos. De um lado são colocadas janelas iluminadas, luzes de neon, telas de televisão, eletrodomésticos; no outro, a vida do homem, seu destino, sua alma, seu amor, seu medo, seu ar, o contato com a natureza, com suas crianças, e os grandes projetos históricos que as pessoas colocam diante de si.

Na história russa, vemos que a modernização nunca veio de baixo, sempre nos foi imposta. Aqui lembramos uma frase de Pushkin, que diz que na Rússia o único europeu é o governo. Toda modernização vem a nós do Ocidente com a ajuda da forçosa introdução de medidas radicais. O primeiro e mais fundamental estágio da modernização aconteceu durante o reinado de Pedro o Primeiro, quando por um século inteiro a Rússia foi suprimida de seu critério nacional. Fomos submetidos por morais, vestes e ideias estrangeiras e por esse preço alguma modernização técnica foi de fato ativada.

A segunda, mais monstruosa e ao mesmo tempo mais impressiva onda de modernização foi no século XX, quando os bolcheviques começaram a obliterar todas as coisas tradicionais, conservadoras, legítimas, colocando no espaço liberado seus tecnicamente inocentes experimentos, voos espaciais, construção de novas casas, armas nucleares, desaparecimento dos vilarejos,

desaparecimento dos crentes; enormes sucessos foram atingidos. Apesar dos comunistas um pouco mais tarde suspenderem sua modernização, durante a primeira década ela procedeu à pleno vapor. Todavia, depois eles começaram a limitá-la na esfera das morais, tendo compreendido que a humanidade pode desse jeito finalmente desaparecer.

A modernização técnica na União Soviética foi impressionante. Não menos impressionante foi a desintegração das morais, a destruição da cultura, das instituições sociais da sociedade tradicional, a degradação dos aldeões e as repressões. Pagamos, pela modernização, com muitas vidas. Essa modernização, também, veio de cima: um punhado de fanáticos ascenderam ao poder e, baseados na fé no que era melhor, impuseram este modelo de modernização a nós.

Claro, muito foi corrigido pelo espírito *narodni*; claro, o elemento conservador fez-se conhecido. Mas pagamos não só com sangue, não só com moralidade; pagamos a modernização com milhões de pessoas, queimadas na fornalha, milhões foram assustadas até a morte, apodreceram. E, em primeiro lugar, estas foram as classes tradicionais da sociedade tradicional: os aldeões, os sacerdotes, a nobreza. Com fim de alcançar sucessos técnicos, os comunistas tiveram que fazer o que uma vez diante deles Pedro o Primeiro tinha feito, tendo pavimentado um pântano podre na periferia da Rússia com corpos russos.

Sim, foi um importante posto avançado. De um ponto de vista técnico isso é muito importante, mas àquele preço! Ele destruiu nossa história, nossos princípios, nossas tradições. As pessoas no século XVIII foi proibido caminhar na Rússia vestido ou utilizando uma barba, nas cidades. Pela modernização, a Rússia pagou com sua identidade. Se nos movermos de novo nesta direção, similarmente, imprudentemente, vamos perder ela de uma vez por todas.

É necessário desmistificar o termo "modernização". Afinal, quando alguém pronuncia "modernização", todo mundo está prontamente "a favor", e aquele que for "contra" é retrógrado, um antigo, um arcaico, um atrasado. Mas devemos contar com a mesma suspeita também àquelas pessoas que são equivocadamente "a favor" da modernização, visto que a modernização é a morte de Deus, e então

a morte do homem, a morte do autor, o rizoma, os ciborgues, clones, as operações genéticas. Por ora eles estão ainda de alguma forma em restrição; a comissão da UE propõe ainda restringir experimentos no código genético, já que é algo bastante perigoso. Mas isso fala só ao fato de que tais experimentos estão em algum lugar sendo feitos.

A lógica da modernização é o que se quer manter em restrição, mas não pode ser mantida em restrição, e diante de nós fica a tão chamada libertada técnica. As pessoas começam a olhar como robôs; não são ainda robôs, são pessoas ordinárias; mas gradualmente está sendo pleiteado implantar nos humanos mais e mais implantes mecânicos, dispositivos protéticos, processadores de computador e microchips, que vão manter seus órgãos funcionando. Isto é bom para deficientes, mas a humanidade não vai parar por aí; a humanidade nunca parou e agiu criteriosamente. E se isso entrar no caminho da modernização, então rumo até o fim. Um homem nunca compreende estes limites, ele sempre passa longe deles, no bem e no mal. Suas ações nunca vão cair no sentido precioso.

E agora muito logo nossas crianças vão confundir uma réplica com uma pessoa viva. Assim, é muito importante separar a modernização daquele êxtase incondicional com o qual geralmente a saudamos. Se a Rússia precisa de modernização, então é seu próprio tipo, nacional, levando em conta todas as nossas condições. Devemos distinguir os lados técnicos e morais da modernização, visto que nos aspectos religioso, moral e cultural a modernização é simplesmente destruição e perversão. Se separarmos esses dois conceitos, ficaremos bem.

Nossa modernização, apesar do fato de que foi modernização, absorveu em si muitas características nacionais e este interessante fenômeno deve ser compreendido: como o elemento russo influenciou esta modernização, como ele logrou desviá-la da direção que a civilização ocidental seguiu. E aqui, diante de nós, a questão foi sempre colocada: o que é mais importante para nós, a afirmação de nossa identidade ou o desenvolvimento.

Do ponto de vista dos arquétipos russos, a identidade é mais importante, porque se perdermos nossa identidade não haverá ninguém para modernizar ou ser modernizado, como o mundo ocidental, que, tendo perdido Deus, caiu no inferno do pós-

modernismo. Por esse motivo, não há preço pelo que seríamos capazes de dar a nossa identidade russa; não podemos perdê-la sob quaisquer circunstâncias. Na escolha entre o russo e o desenvolvimento devemos sempre escolher o russo. Se podemos nos submeter à pós-modernidade, excelente! Mas se não, devemos descartar a pós-modernidade e rumar pelo nosso próprio caminho.

A questão de como combinar a identidade e o desenvolvimento foi colocada seriamente por muitos pensadores. O politólogo americano Samuel Huntington em seu trabalho "*The Clash of Civilizations*" [O Choque das Civilizações] promoveu a fórmula "modernização sem ocidentalização". Partindo deste ponto de vista, muitos países asiáticos seguem seu próprio rumo. Por isso, nossa modernização não deve seguir o caminho do mundo ocidental, não o Ocidente, nem a Europa. Vamos tomar algo daqui, tirar algo dali, mas no inteiro não precisamos, é absolutamente diferente, tem uma história diferente, uma *existentia* diferente, uma estrutura diferente, que é o motivo pelo qual segue seu próprio caminho. Parece-me que segue para o abismo.

Alguém está pronto para sacrificar o desenvolvimento tecnológico por causa da identidade. Há pessoas que pensam que a técnica é neutra, embora a experiência histórica mostre que para o desenvolvimento da técnica devemos pagar com nossa identidade cultural e espiritual. A modernização técnica deve estar separada da modernização cultural. A Rússia precisa de sua própria modernização, a modernização russa, ou a modernização com um rosto russo. Mas o russo também precisa de uma revolução conservadora. Isso vai nos fortalecer tecnicamente e vai fortalecer nossa identidade, nosso princípio conservador e eterno. A Rússia precisa ser grande, ou não viverá mais.

CAPÍTULO

10

INTERESSES E VALORES PÓS-TSKHINVALI

1. O RENASCIMENTO DO DEBATE

Na imprensa ocidental, depois dos acontecimentos em Tskhinvali e do conflito entre Rússia e Geórgia, uma nova onda de debates surge relacionada a interesses e valores. A propaganda operou em sua maioria de acordo com as leis de guerra, e por sua vez permitiu qualquer expressão, desde que calunie a Rússia, demonize nosso comportamento na Geórgia e, pelo contrário, apresente Saakashvili como vítima. No entanto, através da torrente de guerras de informação mais questões honestas penetraram. Esforços surgiram para analisar como o conflito Geórgia-Ossétia estava relacionado, por exemplo, com a situação na Iugoslávia, com a invasão dos EUA ao Iraque, o que é e o que não é antecedente. E no pano de fundo geral da histeria antirrusa se escutou as primeiras vozes pondo em questão o balanço dos interesses e valores. Isso provou ser o centro do debate, ganhando ímpeto na situação quando a intensidade da propaganda militar junto com clichês e desinformação, dirigidas para a difamação do oponente, iniciaram o debate. A questão calhou, como a resolução russa na Geórgia influencia o balanço de interesses e valores?

2. INTERESSES E REGRAS

Discussões sobre a correlação de valores e interesses no século XXI foram desenroladas na Europa Ocidental e na imprensa americana. Todo mundo aceita o fato óbvio de que Estados grandes e regionais tem seus próprios interesses. E, como acontece com os interesses de grupos separados, companhias ou países, eles se chocam com os interesses de outros grupos e outros países. Assim são os interesses: são, por definição, egoístas. Eles frequentemente levantam conflitos e levam ao aumento na tensão.

Na verdade, essa é uma peculiaridade da psicologia humana: cada um luta para ampliar sua região de controle a custo de outros. A questão por inteiro consiste em como encontrar a fórmula para legitimamente defender seus interesses enquanto reconhecer certas regras gerais. Estas regras, sua estrutura e essência, compreendem a questão mais essencial nas relações internacionais. Elas são convocadas para regulamentar o choque de interesses. Mas estas mesmas regras não são tomadas do ar; elas fortalecem o atual balanço de poder, convocando todos os atores para agir no quadro do *status quo*.

Depois da queda da URSS, estas regras começaram a mudar aos trancos e barrancos, em paralelo com a mudança da dispersão de forças. As regras do mundo bipolar cederam lugar ao mundo unipolar, criado diante dos nossos olhos, o que significa que o modelo de regulamentar conflitos de interesses começou a ganhar corpo tudo de novo, em primeiro lugar com referência aos EUA. Em uma situação como essa, os interesses dos EUA gradualmente se identificaram com o “bem geral” e com o apoio da ordem mundial. Esta mudança do balanço de poderes trouxe consigo um ajuste essencial da compreensão do que consistem interesses legítimos e ilegítimos.

Os neoconservadores americanos, que identificaram completamente os interesses americanos com os interesses mundiais, atribuindo a todos os outros somente a liberdade de mover-se no canal da política americana e adaptar seus próprios interesses a ele, expressaram-se de forma mais clara que o resto nesta questão. No modelo unipolar do mundo, aqueles interesses locais e regionais que, no mínimo, não contrariaram os americanos, foram reconhecidos como legítimos. Tudo mais foi categorizado como ilegítimo pelo direito de força e pelo fato da vitória na “Guerra Fria”, de cujos americanos e seus simpatizantes estiveram seguros.

Se antes os interesses da URSS e dos países do pacto de Varsóvia, que poderiam ser contestados somente na “terra de ninguém” do Terceiro Mundo, fossem reconhecidos como legítimos, e também em parte como legítima as ações das nações não-aliadas, habilmente manobrando entre dois polos, toda a situação atual teria drasticamente mudado e os americanos teriam se apropriado do direito de julgar sobre a legalidade ou ilegalidade dos interesses.

3. DOS INTERESSES AOS VALORES

Agora dos valores. Na imprensa europeia ocidental e americana cada vez mais nos anos recentes soa a ideia de que os valores se relacionam a uma esfera que no século XXI deve prevalecer sobre o domínio dos interesses. Via de regra, “por valores” compreendemos os valores do mundo ocidental: direitos humanos, democracia, livre-mercado, liberalismo, segurança global, ecologia. Sua totalidade foi anunciada como “universal”. E consequentemente eles devem ser adotados e compartilhados por todos os países e *narodi*, incluindo aqueles cujos interesses estão em estrita oposição a eles.

De acordo com essa introdução, os valores unem e os interesses dividem. Sob a égide dos valores gerais, a todos aqueles que se habituam com eles, foi proposto renunciar seus interesses políticos, econômicos, estratégicos e geopolíticos. Os valores incondicionais da vida humana, do desenvolvimento social, da liberdade e da democracia, da sagrada propriedade privada, etc., devem transferir rivalidade na esfera dos interesses em novas formas, quando muitos métodos provar-se-ão inadmissíveis, com a ajuda de que ao longo do curso de muitos séculos da história vários governos defenderam seus interesses. Em primeiro lugar, foi falado da restrição dos métodos militares e de outras formas de violência.

4. OS EUA DECLARARAM SEUS INTERESSES COMO VALORES UNIVERSAIS

Mas foi descoberto quase de uma só vez que essa amável oferta a todos a ser guiada em primeiro lugar pelos valores, e só depois pelos interesses, fez muitos céticos. Ficou claro que persuadindo todo mundo da sua devoção precisamente aos valores, o principal árbitro do mundo unipolar, os EUA, realmente de forma cínica realizaram seus próprios interesses. Veio à tona que os americanos não só tornaram seus próprios interesses nacionais os únicos realmente legítimos, mas também os anunciaram por uma medida de um sistema universal de valores. Em outras palavras, os valores americanos foram em primeiro lugar chamados de valores universais, e os interesses dos EUA foram erigidos a uma certa lei

universal. Uma identificação assim invalidou todo o *pathos* moral da discussão do exercício dos valores sobre os interesses, visto que os americanos precisamente não se prepararam para dar o exemplo por sua ação. Não teve um único caso no qual eles colocaram os “valores” em um posto mais alto que seus próprios interesses. Pelo contrário, eles continuaram a agir de forma egoísta e cinicamente, por exemplo, recusando assinar os Protocolos de Quioto e outros documentos concernentes à ecologia.

Ao invés de dizer que a América simplesmente quer controlar os recursos naturais no Oriente Médio e por esse motivo, procedendo de uma consideração estratégica, ocupou o Iraque, como teria sido no século XIX, quando raciocinou com a categoria de interesses, não de valores, Washington falou algo inteiramente diferente. Os americanos oficialmente se referem à cínica e legal e logicamente injustificada invasão como um valor-fenômeno, referindo-se à “exportação da democracia” e à punição do “regime terrorista de Sadam Hussein”.

Até mesmo diante dos acontecimentos em Tskhinvali o seguinte caso se tornou evidente: os americanos convocaram todos a seguir os “valores universais” e renunciar seus interesses, mas eles mesmos não só não o seguiram, mas, pelo contrário, erigiram seus próprios interesses nacionais egoístas como valores máximos. Esse paradoxo foi noticiado quase imediatamente, e muitas pessoas, cujo senso comum não pode ser mudado, tomaram para criticar esta posição. Isso inclui os europeus também, que disseram aos americanos que se eles precisassem ser guiados por valores universais então todos juntos deveriam desistir de seus interesses. Isso é visto, por exemplo, na esfera ecológica, nos Acordos de Quioto.

5. OS VALORES OCIDENTAIS NÃO SÃO UNIVERSAIS; NAÇÕES DIFERENTES TÊM OUTROS VALORES

Mas existe ainda uma outra consideração. Por que, propriamente, a humanidade adotou os valores de liberdade e democracia, os direitos humanos, a economia de mercado, o progresso social e o desenvolvimento tecnológico como universais? Esta é uma questão fundamental que praticamente nunca é colocada pela imprensa ocidental. Afinal, se olharmos para o número de pessoas

vivas hoje no planeta, veremos que a grande maioria delas mantêm-se em valores inteiramente diferentes. O mercado e a democracia, por exemplo, não emergem da história sociopolítica da sociedade indiana, onde até hoje o sistema de castas é preservado. E há bilhões de pessoas nessa situação. Esses valores não são tão característicos da tradição chinesa, mas na China vivem outras bilhões de pessoas. E outros bilhões de islâmicos têm absolutamente sua própria visão sobre o que consideram como valor máximo (aqui o mais importante é o medo de Deus e o seguimento das instruções religiosas, e só então tudo o mais). O mesmo pode ser dito dos *narodi* da África, dos *narodi* do Oriente como um todo, e, por isso, da Rússia, visto que os valores do mercado, da liberal-democracia, e do progresso social, no sentido em que o Ocidente dá a eles, não são tão evidentes na história russa e na sociedade russa, já que na vasta maioria dos estágios históricos (tanto antes da Revolução como depois) os russos mantiveram conjuntos de valores absolutamente diferentes.

Valores parecendo ser “universalmente compreendidos” para o europeu ou para o americano contemporâneos, para os chineses, indianos ou russos contemporâneos são absolutamente diferentes. Eles podem ser atrativos ou repulsivos, mas o principal é que não são universais. Nada na história da maior parte da humanidade, excluindo a experiência dos países ocidentais, testemunha que estes valores cresceram em todos os lugares independentemente, e que não foram impostos de maneira colonialista, praticamente a força.

6. A RÚSSIA NÃO É UM PAÍS EUROPEU, MAS UMA CIVILIZAÇÃO EURASIANA

Há duas substituições históricas e semânticas: 1) Os valores da Europa Ocidental são apresentados como universais; 2) Os americanos, sob o aspecto de defesa desses valores, são guiados por seus próprios interesses. Surge que todo o debate sobre interesses e valores intencionalmente tem um caráter propagandístico, sendo uma tentativa de implantar na consciência da humanidade duas ideias absolutamente falsas. A primeira é que o sistema ocidental de valores é universal e invariável. Quando Putin e Medvedev anunciaram: “A Rússia é um país europeu”, foi evidência do fato de que eles caíram sob a hipnose da ideia da universalidade dos valores ocidentais. No

entanto, a Rússia, na verdade, não é um país europeu, mas uma civilização eurasiática.

O tema dos valores, mesmo no primeiro estágio, ainda neutro, intencionalmente levava em si um racismo velado. Não é de fato racismo quando uma parte da humanidade, “avançada”, “progressiva”, “civilizada”, é tomada como padrão, e todas as outras experiências históricas e sistemas sociopolíticos são reduzidos a algo “defeituoso”, “atrasado”, “bárbaro”?

A segunda substituição é ainda mais cínica. Foi declarado que os valores universais são interesses americanos. Relembrar-vos-ei de onde está a origem dessa pretensão. Eles estão na doutrina de Woodrow Wilson, o presidente dos EUA, que no início do século XX no período da Primeira Guerra Mundial, anunciou que a principal missão dos EUA era a distribuição da democracia pelo mundo. Foi afirmado que o governo americano era o modelo ideal para o desenvolvimento da humanidade, e, assim, que os EUA não só podem, mas devem interferir na política do mundo e estabelecer nele seus próprios princípios. Dessa forma, ainda nos anos 1920, o “Conselho das Relações Exteriores” foi criado para a realização desta ideia, e no decorrer das coisas a ideia da criação do Governo Mundial amadureceu, de acordo com a qual era necessário afirmar o modelo americano como o único modelo para tudo e, portanto, subordinar outros países e *narodi* à construção ideológica americana.

A ideia da identificação dos valores e interesses dos EUA com valores universais tem uma longa, quase centenária, história, sobre o decurso pelo qual os americanos firmemente procederam para a criação de um Governo Mundial.

E o que se seguiu na prática desse debate sobre valores? Países e *narodi*, inclusive a Velha Europa, cujos interesses não coincidem inteiramente com os interesses americanos, devem reconhecer o sistema de valores dos EUA e subordinar seus interesses precisamente àqueles valores que são em essência idênticos com os interesses americanos. Se chamarmos as coisas por seus nomes, então teremos diante de nós simplesmente a ideia de uma direta e firme colonização. Esta é a afirmação da veracidade e da universalidade de um país, um polo, um hiper-estado, quando o resto dos governos seguem em seus caminhos, reconhecendo que é o “único caminho à

salvação”, ao “desenvolvimento”, à “liberdade” e assim por diante. Aqueles que não concordam com isso são demonizados e inscritos na lista negra dos “inimigos da humanidade”; algumas vezes eles são ocupados, como o Afeganistão ou o Iraque.

7. TSKHINVALI PÓS UM FIM AO DEBATE SOBRE VALORES

Todas as substituições e paradoxos do debate sobre valores e interesses foram claramente expostos nos acontecimentos em Tskhinvali. O líder da Geórgia, Saakashvili, atacou a Rússia. Ele atacou especialmente a Rússia; afinal, as forças da Geórgia atiraram contra nossos pacifistas e sujeitaram a um genocídio planejado nossos cidadãos, idosos, mulheres e crianças da Ossétia do Sul. Apesar desse fato, o Ocidente e os EUA pretendem que nada aconteceu, e continuam a apoiar Saakashvili, que supostamente “lutou heroicamente contra a agressão russa”. De acordo com esse modelo, Saakashvili, por um lado, corresponde aos interesses americanos, visto que oferece instalar bases militares americanas na Geórgia, e por outro lado, se tomarmos os valores em conta, age como um “portador da democracia” contra o supostamente “regime autoritário russo”. E o fato de que Saakashvili, “bom” do ponto de vista dos valores americanos e “vantajoso” do ponto de vista dos interesses americanos, age da maneira mais selvagem e acaba com pacíficos cidadãos, dando um golpe final por trás da cabeça dos feridos pacifistas, faz com que os americanos de continuem do seu lado.

Depois da Rússia salvar os *narodi* da Ossétia do Sul e da Abkhazia do genocídio, firmemente e simetricamente respondendo o desafio direto militar, reconhecerá seu direito político para formar seu próprio governo. Aqui surge uma questão: como deveríamos categorizar tal comportamento da Rússia do ponto de vista dos valores e interesses?

Em primeiro lugar, é inteiramente evidente que em sua reação ao ataque em Tskhinvali, Moscou foi guiada precisamente por valores universais. Mas surge que a compreensão desses valores fundamentalmente diverge entre nós e o Ocidente. Chamemos as coisas pelo próprio nome: a Rússia pensa que o valor do direito à vida das pessoas é o maior, e se um genocídio está acontecendo diante de

seus olhos deve intervir, ainda mais quando se trata dos cidadãos da Federação Russa e quando o conflito surge na periferia de suas fronteiras. E apesar do fato de que os EUA e a sociedade ocidental não reconhecem o massacre dos ossetianos como genocídio, e o fuzilamento de uma pacífica cidade desde postos “Grad” com artilharia pesada como crime, a Rússia desafia estes duplos padrões. Se genocídio não é genocídio, o assassinato de cidadãos pacíficos não é assassinato, e o crime não é crime, então colocamos inteiramente em questão a existência de valores universais, que é o que a Rússia disse em Agosto de 2008. Se o Ocidente, com suas morais, foi tão longe a ponto de ignorar as coisas mais óbvias, então, permitam-me, não compartilhamos o mesmo caminho. E a respeito disso, a Rússia não desistiu dos seus valores.

Na Ossétia e na Abkhazia, pela primeira vez em muitas décadas de hipnose pró-Ocidente, a Rússia começou a agir por sua própria compreensão do que é bom, o que é mal, o que pode ser feito, o que não pode ser feito, o que é permitido, o que não é permitido, o que é impossível e criminoso. E exatamente aqui chocamo-nos com uma realidade muito importante. Nossa compreensão do que é o valor máximo (por exemplo, o direito humano à vida, o direito do *narod* à vida) provou ir contra a visão completamente diferente dos EUA e do Ocidente. Afinal, estamos falando sobre o direito à vida daqueles *narodi* que eram orientados em favor da Rússia, e não em favor dos EUA, então este direito não tem peso, que é o motivo pelo qual o fuzilamento de Tskhinvali não ter sido um crime.

8. NÓS DEFENDEMOS NOSSOS VALORES – LOGO, ESTAMOS CERTOS

E assim, rompemos com os EUA e com o Ocidente na compreensão dos valores. Esta é uma questão fundamental. Nós adequadamente respondemos à violação do que é para nós autoevidente: os direitos das pessoas à existência. E aqui fomos tão consistentes como sempre: reconhecemos o direito à vida não só dos ossetianos do sul ou abkhazianos, mas também dos albaneses, croatas e bósnios, e assim também para os sérvios, indiferente se vivem na Sérvia ou em enclaves de outros governos. Moscou insistiu que os sérvios não devem ser submetidos ao genocídio do lado dos albaneses

e croatas, mas também que albaneses kosovares não devem ser submetidos ao genocídio do lado dos sérvios. E limpezas étnicas, levadas a cabo pelos sérvios (se for o caso), a Rússia julgou exatamente o mesmo que julgou as limpezas étnicas feitas contra os próprios sérvios. Nós não defendemos qualquer valor, seja o que for, mas queríamos justiça, e portanto bastante suave e cuidadosamente opomo-nos aos EUA na questão da Iugoslávia. Mas os americanos, por sua vez, provocaram violência contra este sistema de valores por seus próprios interesses.

Assim, a Rússia, depois de Tskhinvali, finalmente caiu na hipnose de um suposto sistema de valores “universal”. Este é um momento essencial.

Em Agosto de 2008, a Rússia deixou esse quimérico consenso, essa hipnótica comunidade de pessoas que compartilham valores ocidentais “universais”, em primeiro lugar porque o Ocidente em si começou a quebrar sua construção, tendo claramente enfatizado que não há nada de universal nestes valores, um acontecimento de cuja significância não pode ser subestimada, já que está cheio de consequências de longo prazo. Doravante, para a Rússia não existe um sistema de valores de um mundo unido. No nosso entendimento do que é e o que não é um valor, o que é o valor máximo e o que é secundário, devemos agora contar somente conosco mesmo.

Nossa sociedade abre de novo o tesouro de uma tradição nacional, como em suas versões monárquica e soviética. Os russos, especialmente os russos conscientes, sempre compreenderam claramente que os valores da nossa sociedade, vindos das tradições ortodoxas e da nossa história doméstica, diferiram essencialmente daqueles do Ocidente. E só nos anos 1990 teve-se a tentativa de inculcar em nós a ideia ilusória de universalidade do rumo político-econômico, do progresso social, e do desenvolvimento tecnológico, que supostamente pode só providenciar apenas uma orientação ao Ocidente. Agora, depois de Tskhinvali, estamos frente à frente com o fato de que isso tudo foi uma mentira. Não há sistema de valores comum. Há o sistema de valores ocidentais, os americanos, há os valores russos, chineses, iranianos e indianos. E eles interpretam as coisas mais simples de modo diferente. Por exemplo, o genocídio de cidadãos pacíficos.

Portanto, agora, de um ponto de vista de valor, quaisquer eventos serão tomados por nós como um caso isolado. E doravante não deve existir qualquer demagogia sobre o universalismo de valores, nenhum projeto na Rússia dos adeptos do “Governo Mundial”, nenhuma propaganda, insistindo que o Ocidente é o incondicional e único ponto de referência no rumo do nosso desenvolvimento, ou na aclamação de que a “Rússia é um país europeu”. Se somos um país europeu, então o Ocidente é “não-europeu”. E então despojamo-lo do direito de chamar-se a si de Europa. E aí estaremos indo para um absurdo geográfico.

É muito mais fácil tomar uma conclusão diferente: a Rússia é uma civilização Eurasiática independente. Nosso sistema de valores é único: nele, o assassinato em massa de ossétios pacíficos é crime, que categoricamente não toleraremos. Tendo compreendido que posição os países ocidentais tomaram em relação à tragédia em Tskhinvali, finalmente respondemos a questão de se a Rússia é um país europeu. Não pode ser assim se os países europeus atingiram um consenso com relação aos acontecimentos na Geórgia, tendo nos chamado de “agressor” e os criadores do genocídio de “inocentes vítimas”.

10. *NÓS DEFENDEMOS NOSSOS INTERESSES – LOGO, SOMOS FORTES*

Agora, da segunda parte da questão, dos interesses: a Rússia defendeu seus interesses na Ossétia do Sul e na Abkhazia? Deve-se dizer que sim. Não foi a coisa primária, nem principal, mas, todavia, aconteceu. Sim, nós defendemos nossos interesses diante do rosto daqueles que quiseram afirmar seus próprios a todo custo. Ou seja, agimos impecavelmente em todos os sentidos, defendendo tanto os nossos valores como os nossos interesses. Do ponto de vista de um sistema de valores, esperamos a compreensão da nossa posição pelos outros participantes do processo internacional, já que, de longe de todos no mundo, reconhecem e apoiam os duplos padrões americanos. O que concerne a defesa dos nossos interesses, isso deveria ser tomado por todos os outros como um fato consumado e como uma prova do nosso poder. Não há necessidade de justificar isso; deveria simplesmente ser tomado nota.

Por outro lado, mostramos que a lógica, de acordo unicamente

com os interesses americanos, deve ser igual aos valores universais, enquanto tudo que se opõe a eles é “criminoso”, está acabado.

Em Tskhinvali defendemos nossos valores e nossos interesses e nos comportamos precisamente como uma civilização independente, visto que apenas uma civilização pode desenvolver um sistema de valores.

Na Geórgia, em Agosto de 2008, ocorreu não só uma demarcação com os EUA e seus adeptos no nível dos interesses, que é secundária; o principal é que nós descobrimos completamente um conflito irremovível ao nível de valores: um conflito entre nós e eles.

11. O FIM DO OCIDENTALISMO NA RÚSSIA

Quem são “eles”, que se encontram do outro lado da barricada? Eles são aqueles que, no todo, recentemente foram pensados como “portadores dos valores universais”. Se discutimos com eles antes no nível dos interesses, dizendo que não queremos desistir da nossa posição concernente a alguma questão do tipo, então agora o conflito com o Ocidente adquire um caráter completamente diferente, mais profundo e mais qualitativo (que, a propósito, animou nossa sociedade e formou nossa política no curso de toda nossa história de uma ou outra maneira). Agora é o momento de finalmente dissipar a ilusão concernente à universalidade do Ocidente. A situação é mais que favorável, já que, na minha opinião, nada na Geórgia terminou. Isso é só o começo de um conflito fundamental, que vai compreender as mais diversas esferas da vida, social, política, econômica, cultural, e possivelmente militar. E assim por diante, já que tudo é só o começo, é extremamente importante para nós estarmos conscientes: em Tskhinvali, para a Rússia, a ideia da universalidade dos valores ocidentais foi sepultada. Portanto, vamos nos relacionar diferentemente no formato da política internacional, com a qual vamos tratar no caso dos mais diferentes países.

A prática que pagamos com nosso sangue em Tskhinvali abrirá nossos olhos para muitas coisas: para a relação do Ocidente com o Irã, para a relação do Ocidente com a Síria e com a Coreia do Norte, para com a autonomia palestina, para com a China. Vamos começar a perceber muitas coisas de modo inteiramente diferente. A

hipnose do “Governo Mundial” terminou; a hipnótica sugestão dos nossos ocidentalistas, nossa quinta coluna, não mais funciona. Não podemos mais olhar para as pessoas que, depois dos acontecimentos de Tskhinvali, defendem valores universais como pessoas perdidas. Elas são traidoras. Elas, é possível, erraram, mantendo uma posição como aquela perante o que aconteceu, mas agora elas devem responder por isso. Devem ser proscritas. Houve pessoas que acolheram o confisco da Rússia por Napoleão ou Hitler. Houve Vlasovs, que foram para o lado de Hitler, mas sabemos o que foi feito deles. Quero lembrá-los do Pacto Ribbentrop-Molotov, em outras palavras, do pacto de não-agressão, quando a liderança soviética teve ilusões sobre a possibilidade de paz com a Alemanha nazista. Mas depois de 22 de Junho de 1941 estas ilusões foram dissipadas, e os germanófilos, simpatizantes da aliança da URSS com a Alemanha, simplesmente não poderiam permanecer. Assim também nos nossos dias: antes de 8 de Agosto de 2008 poderíamos ter ocidentalistas, mas depois desta data eles não podem mais existir.
